

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

MANUEL PETRIK

**PEQUENAS POLÊMICAS COTIDIANAS: CONFLITO NO FACEBOOK E CONSTRUÇÃO  
SOCIAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**MANUEL PETRIK**

**PEQUENAS POLÊMICAS COTIDIANAS:**  
conflito no Facebook e construção social no Brasil contemporâneo

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Doutor pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação Social da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jacques A. Wainberg

Porto Alegre  
2019

### Ficha Catalográfica

P495p Petrik, Manuel

Pequenas polêmicas cotidianas : conflito no Facebook e construção social no Brasil contemporâneo / Manuel Petrik .  
– 2019.

153 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg.

1. Redes sociais. 2. Polêmica. 3. Conflito. 4. Comentários on-line.  
5. Facebook. I. Wainberg, Jacques Alkalai. II. Título.

MANUEL PETRIK

**PEQUENAS POLÊMICAS COTIDIANAS:**  
conflito no Facebook e construção social no Brasil contemporâneo

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg - PUCRS

---

Prof. Dra. Christina Ferraz Musse – UFJF

---

Prof. Dr. Álvaro Nunes Lorangeira – Universidade Tuiuti do Paraná

---

Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho - PUCRS

---

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - PUCRS

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Jacques Alkalai Wainberg, com quem construí uma trajetória das mais valiosas, de mais de 20 anos de parceria;

A Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes pelo apoio fundamental, não só à realização do trabalho;

Aos professores Juliana Tonin e André Pase por toda a ajuda inextinguível nas tarefas do doutorado que excederam esta tese, bem como aos professores Antonio Hohlfeldt e Cristiane Gutfreind.

A Kelly e a Roséle, por todo apoio;

Aos professores Jorge Martins Rosa, José Augusto Bragança de Miranda e à colega Janna Joceli pela acolhida em Lisboa em janeiro de 2016;

Aos antigos colegas da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de Porto Alegre;

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social;

Aos meus pais, Rose e Augusto, pelo apoio crítico que sempre me deram;

Ao Frederico e a Mariana, que estão em cada linha desta tese, por tudo;

Eternamente grato aos meus avós, Ado e Irene (em memória), entusiastas que foram da introdução da Galáxia de Gutenberg no meu subuniverso de significado individual.

**Tecendo a manhã**

João Cabral de Melo Neto

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

## RESUMO

A emergência das redes sociais no Brasil tem mobilizado o interesse acadêmico para novas formas de socialidade no mundo contemporâneo. Uma dessas facetas mais evidentes pode ser constatada nos conflitos e nas polêmicas que nesses ambientes se desenrolam. O presente estudo observa, em três semanas distintas entre os anos de 2017 e 2018, essas manifestações em comentários de leitores nas páginas de três jornais no Facebook: *Folha de São Paulo*, *El País* e *O Estado de São Paulo*. Adota-se, como método, a Teoria Fundamentada e, seguindo essa orientação, criaram-se categorias temáticas para as postagens, além de ter sido formulada uma tipologia de comentários. Como resultados mais salientes aparece o grande interesse dos leitores por temas políticos, sucedido por assuntos morais e comportamentais, ao mesmo tempo que, em termos de manifestação dos usuários das redes, destaca-se o tom refratário dos comentários. A junção dessas temáticas com esse modo de expressão do público compõe a reflexão final desta tese, amparando-se em um aporte teórico composto por autores como Alfred Schütz, Peter Berger, Thomas Luckmann, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli.

**Palavras-chave:** Redes sociais; Polêmica; Conflito; Comentários on-line; Facebook.

## ABSTRACT

The emergence of social media in Brazil has mobilized the interest for new forms of sociality in the contemporary world. One of the most evident dimensions that can be seen in these digital environments are the conflicts and the controversies. This study observes, in three distinct weeks between the years 2017 and 2018, these manifestations in readers' comments in the pages of three newspapers on Facebook: *Folha de São Paulo*, *El País* e *O Estado de São Paulo*. Following the Grounded Theory as a method, thematic categories had been created for the posts of the newspapers and a typology of comments was formulated. The most salient result is the great interest of the readers for political subjects, following moral and behavioral topics. At the same time, in terms of users' manifestations, the refractory tone of the comments stands out. The combination of political/ moral themes with this form of expression by the public constitutes the final reflection, supported on the work of Alfred Schütz, Peter Berger, Thomas Luckmann, Jean Baudrillard and Michel Maffesoli.

**Key words:** Social media; Polemics; Conflict. Online comments; Facebook.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Meme ironiza contendas entre comentários na esfera digital.....	24
Figura 2: Família deixa menino com estuprador em cela no Piauí.....	54
Figura 3: Coluna aborda perfil de críticos das redes sociais.....	56
Figura 4: Postagem supera os 8 mil comentários.....	58
Figura 5: Defesa da liberdade expressão gera polêmica.....	61
Figura 6: Bolsonaro compara-se a Donald Trump.....	63
Figura 7: Entrevista é lembrada por Bernardo Melo Franco.....	65
Figura 8: Notícia da hora informa sobre reeleição de Nicolás Maduro.....	69
Figura 9: Matéria destaca pioneirismo do país vizinho.....	70
Figura 10: Greve começa afetar abastecimento.....	72
Figura 11: A relação homem-animais entre os mais comentados.....	74
Figura 12: repórter entrevista caminhoneiro em greve.....	75
Figura 13: Entrevista evoca política e aspectos morais.....	77
Figura 14: Matéria desperta discussão sobre aposentadoria.....	78
Figura 15: Rejeição é o tema mais comentado após pesquisa.....	84
Figura 16: Apoio maior entre os homens desperta controvérsia.....	86
Figura 17: Assuntos comportamentais novamente em foco.....	88
Figura 18: Vídeo mostra candidato perguntando a criança se sabe atirar.....	90
Figura 19: Questão humanitária mobiliza temática sobre refugiados.....	91
Figura 20: Matéria discute proposta de expansão da educação militar.....	93
Figura 21: Campanha eleitoral segue entre as mais comentadas.....	95

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Postagens da Folha no Facebook, divididas por número de comentários, entre 4 e 10 de outubro de 2017.....	51
<b>Tabela 2:</b> Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas da Folha.....	67
<b>Tabela 3:</b> Categorias das postagens mais comentadas na página do El País.....	80
<b>Tabela 4:</b> Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas do El País.....	81
<b>Tabela 5:</b> Categorias das postagens mais comentadas na página do Estadão.....	96
<b>Tabela 6:</b> Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas do Estadão.....	97

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 PARTICIPAÇÃO, POLÊMICA E CONFLITO</b> .....	15
1.1 Comentários on-line.....	21
1.2 Polêmica.....	31
1.3 Conflito e gênese social.....	36
<b>2 MÉTODO E PROBLEMA(S)</b> .....	40
2.1 Teoria Fundamentada.....	43
2.2 Procedimentos de Coleta.....	47
<b>3 COLETAS DE POSTAGENS E COMENTÁRIOS: <i>Folha, El País e Estadão</i></b> .....	49
3.1 Folha de São Paulo.....	49
3.2 Posts coletados.....	53
3.3 El País.....	68
3.4 O Estado de São Paulo.....	83
<b>4 DISCUSSÃO SOBRE DADOS EMERGENTES</b> .....	99
4.1 Teorizando sobre fatores coercitivos para comentários refratários.....	102
4.2 Conversação, conflito e poder.....	107
4.2 Debates, identidade e socialidades contemporâneas.....	114
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	123
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	128
<b>ANEXOS</b> .....	138

## INTRODUÇÃO

Cada cabeça, uma sentença; cada comentário, uma desavença. A rima pobre consegue unir o antigo ditado popular, em si simples e de uma sabedoria cartesiana, com a realidade permeada pelas “novas” tecnologias. A efervescência promovida pela (rápida) difusão das redes traz significações, muitas vezes não absolutamente inéditas, propícias à observação. Variadas são as faces desse êxtase social ora vislumbrado, igualmente contemplado de diferentes formas no mundo acadêmico. Para este trabalho, escolheu-se, talvez, uma das dimensões mais malditas da socialidade virtual: os comentários de usuários das redes sociais. Aqui, inverte-se esse status, ou seja, todo poder a esse novo receptor-emissor que agora (in)surge, potência de poder e vetor do conhecimento que o circunda. Qual sentido mais amplo, em termos sociais, pode se extrair desse tipo de conversação é uma inquietação que vem mobilizando o mundo da pesquisa, não só na Comunicação como nas Ciências Sociais e da Informação.

O detalhamento dessa esfera de manifestações do público, antes analógica e presente desde os panfletos e pasquins do século XIX, é abordado no primeiro capítulo, onde se discorre sobre seu histórico (basicamente no Brasil), o que representam como forma de comunicação e essa má reputação de que agora gozam, tanto entre o próprio público, quanto nos meios acadêmicos. Ali também se retoma uma definição de polêmica levantada em trabalho anterior (PETRIK, 2007), essencialmente sob uma perspectiva da linguística, mas com foco nos atos comunicacionais. Como forma de comunicação exacerbada, o polemismo é encarado em si como revelador de significados. Delineia-se, ainda, inicialmente o que se entenderá por conflito, principalmente a partir da noção fornecida há um século por Georg Simmel (1983). Em síntese, é um capítulo dedicado à delimitação do que são comentários e desavenças, indicador do ponto de partida desta tese.

A indeterminação genuína na observação dos fenômenos sociais – ainda que nunca completa, pois sempre se olha de algum lugar – é o melhor antídoto para desvelar o que está encoberto pelas determinações. Mais ainda em um ambiente caótico e anárquico como o das redes. Esse procedimento permeia e se adapta à pergunta norteadora deste trabalho: onde está a polêmica nas postagens jornalísticas no Facebook?. A fim de corroborar a lógica de empoderamento dos comentaristas on-line,

agrega-se uma segunda indagação: Há uma tipologia para os comentários? Isso evidencia que o problema inicial não esgota a si próprio e só será bem respondido em uma relação de interação entre cada postagem e o público. O segundo capítulo traz, portanto, esse problema relacional, elaborado a partir dessas duas questões, além do método e dos procedimentos de coleta utilizados. Ali fica clara a adoção da Teoria Fundamentada (GLASER; STRAUSS, 2006), resumidamente um expediente que inverte o ordenamento do trabalho, priorizando a mostra dos dados para, então, formular-se uma fundamentação teórica – não sem antes dizer de onde se parte. É importante reconhecer que ao propor tal estrutura, em que as reflexões teóricas emergem dos dados, evita-se digressões teóricas infrutíferas permitindo, também, maior síntese em tal discussão, preservando o que mais interessa após a análise.

Em seguida, na seção subsequente, no capítulo 3, estão expostos as postagens mais comentadas e os comentários com maior número de respostas. Foram escolhidos três veículos de abrangência nacional. A identidade dos usuários comentaristas foi preservada pela distorção nas suas fotos de perfil e as iniciais dos nomes não são as que aqui constam. As três semanas abrangidas foram escolhidas de forma aleatória. Dada a complementariedade e as afirmações que permitiram, foram consideradas suficientes para promover a análise e o debate entre diversos teóricos que as segue.

Por vezes, essa análise pode parecer enfadonha e repetitiva, mas aí reside sua validade. Repetem-se comportamentos, categorias, tendências que vêm comprovar o que se discute. Em alguns momentos e dependendo do viés teórico, poderá se pensar que este é um trabalho carente de oposição e crítica ao que se constata. Parte-se do pressuposto que a crítica genuína nasce da compreensão contemplativa, ainda a melhor vacina contra o desencantamento do mundo provocado pela vigilância racional que em tudo enxerga lógica e pensamentos estruturados. Esta tese buscou despir-se completamente dos preconceitos que cercam os comentários na esfera digital como anódinos. A metodologia escolhida alicerça essa perspectiva ao não eleger uma temática de antemão, mas cristalizá-la em categorias que emergem dos temas abordados pelos próprios usuários. Daí decorre, também, a criação de tipos de comentários, concebidos em relação ao teor das postagens, concordantes e refratários, este subdividido em três modalidades (Opositivo, Irônico e Casual). O comentário típico divergente poderia ser alcunhado como dissidente, seguindo a formulação proposta por Jacques Wainberg (2017). A dissidência, no entanto, pressupõe maior cisão do que a refração. Esta, por sua vez, representa a continuidade do assunto anterior, mas sob novo sentido. Reacende-

se, com isso, também, o debate a ser detalhado na tese, entre a *echo chamber* de Sunstein (2001) e a *refraction chamber* de Bernhard Rieder (2012). A dissidência, além disso, pressupõe uma adesão anterior que, por algum motivo, veio a cindir-se em relação a esse seu estatuto original. Tal trajeto não é verificável nos comentários ou, ao menos, não como tendência predominante. Essa é uma discussão que, de certa forma, poderá permitir um entendimento melhor do que são esferas públicas na contemporaneidade.

Jamais se entenderá o jornalismo como “construtor” da realidade, mas como (mais um) elemento a possibilitar essa construção. Também será errônea a percepção de um protagonismo majoritário das notícias em relação ao público, esse sim com uma centralidade maior, como se desenvolverá a partir do terceiro capítulo. A discussão, que corresponderá à codificação seletiva na Teoria Fundamentada, destrava-se neste trecho final do trabalho, onde se aprofundam as questões advindas do capítulo anterior. Muitos são os significados ululantes dos milhares de comentários que atravessam as semanas aqui observadas. Fez-se um recorte discricionário a partir do que o autor considerou mais relevante, mas deve-se reconhecer, singelo dado o manancial enorme ainda ignorado nas redes.

A proeminência de uma figura política ao longo do trabalho não é fruto de antipatia ou, muito mais improvável, simpatia do autor. Emerge das redes já um ano antes das eleições que consagrariam essa candidatura. Tampouco a política partidária (será ainda possível falar nela?) aqui será objeto de qualquer viés panfletário. Ambas, eleições e política, são vistas como elementos de universos mais amplos, de certa forma em alinhamento com o que os usuários das redes pretendem significar.

Cabe, ainda, uma breve explicação todos os segmentos do título deste trabalho. “Pequenas polêmicas” reflete o viés central aqui escolhido, de se estar mais conectado ao ordinário do cotidiano do que a assunto espetaculares, ainda que comumente ambos se misturem. “Conflito no Facebook” expressa a descrição da tônica beligerante que predomina nas discussões em meios virtuais. “Construção Social” segue a designação de interpretação da sociedade formulada por Peter Berger e Thomas Luckmann, segundo a qual a “realidade” funda-se em sentidos subjetivos individuais permeadas por experiências objetivamente vivenciadas dentro do social. “Brasil contemporâneo” é uma dupla referência: primeiro ao *Mitwelt* cunhado por Alfred Schütz, designado a esfera social onde se travam os contatos sociais diários, com os “contemporâneos” anônimos,

de certo modo inflado pela alavanca digital das redes; manifesta também uma simpatia do autor pela corrente teórica que enfatiza a “contemporaneidade” como forma de entendimento do mundo que nos circunda.

## 1 PARTICIPAÇÃO, POLÊMICA E CONFLITO

*O bom senso é a coisa mais bem repartida do mundo, porque todos pensam estar tão bem providos dele que, mesmo os que mais custam a contentar-se com qualquer coisa, não costumam desejar mais do que a sensatez que tem; (...) de que resulta que a diversidade de opiniões existe não porque uns são mais sensatos que os outros, mas somente por conduzirmos nossos pensamentos por diversos caminhos e não considerarmos as mesmas coisas.*

René Descartes

Um homem, em casa, em um dia de greve, sentado em frente a uma televisão fora do ar. A metáfora criada com ironia por Jean Baudrillard (1990) serviria como entendimento de uma época, imagem resumo do século XX. No século XXI, a presumível submissão consentida dá lugar à ação, o receptor volta a ser sujeito (em qual nível é outra discussão), e uma das imagens do tempo atual, menos metafórica e mais referenciada, é a do indivíduo deblaterando nas redes sociais, em casa, no trabalho, ou na esquina enquanto aguarda para atravessar a rua, sobre qualquer assunto. Investigar quais são esses assuntos e a forma como se articulam nas mensagens dos novos receptores-emissores é o desafio pretendido neste trabalho. O indivíduo (na raiz etimológica *in=* não *dividuus* = divisível), outrora indivisível, agora corre para rede social mais próxima para compartilhar e partilhar-se, como se seu anseio pessoal só fosse possível diante de uma audiência.

A participação de leitores/receptores nos veículos de comunicação não é um fenômeno novo e, muito menos, uma exclusividade brasileira. Na década de 1930, em um texto clássico, Walter Benjamin notava que os veículos impressos, na Europa do século XIX, eram feitos de forma que “um pequeno número de escritores confrontava-se com milhares de leitores” (BENJAMIN, 1975, p.24), e que tal situação começava a mudar desde o fim daquele século, quando “os jornais abriram uma coluna Correio dos Leitores”, até chegar ao ponto de que, em 1936

[...] inexistia hoje em dia qualquer europeu, seja qual for a sua ocupação, que, em princípio, não tenha a garantia de uma tribuna para narrar a sua experiência profissional, expor suas queixas, publicar uma reportagem ou algum estudo do mesmo gênero. Entre o



autor e o público, a diferença, portanto, está em vias de se tornar cada vez menos fundamental. (BENJAMIN, p. 24, 1975)

Também na União Soviética, antes disso, ainda na década de 1920, nos primeiros anos após a Revolução Bolchevique de 1917, apesar das restrições impostas aos órgãos de imprensa pelo Partido Comunista, conforme nota Francisco Rüdiger (2016), a participação de leitores-redatores, ou “leitores correspondentes”, crescia como uma nova configuração social orgânica, quase que alheia aos desdobramentos político-governamentais em curso:

Por vezes objeto de exaltação ingênua, noutras de repulsa sumária e indignada, o fenômeno dos leitores-correspondentes é uma prova viva da forma como estas perspectivas se entrelaçavam e geravam tensões na prática cotidiana. O movimento surgiu de baixo para cima, conforme a atividade editorial e os indicadores de leitura se expandiam em número e variedade (cf. Lovell 2000). Aos poucos, as redações foram sendo invadidas por relatos expressando os problemas, anseios, opiniões e denúncias da população. (RÜDIGER, 2016, p. 6)

Em ambos os casos, como se percebe, destaca-se a participação do público receptor como associada a aspectos do jornalismo vinculados aos valores de cidadania, próximos ao ideal de desvelar a verdade dos fatos como meio de alcançar um avanço coletivo, que seja profícuo na resolução de problemas comunitários ou sociais. A questão conflitiva, ou de polêmicas entre leitores, conforme os relatos de Benjamin e Rüdiger, não era manifestação relevante, ou, ao menos, não mereceu nota.

No Brasil, o surgimento da imprensa já vem sucedido de controvérsias. Não é difícil explicar o porquê. Censura da metrópole no período colonial e outras motivações mais relevantes, como a restrição aos ofícios na colônia, ajudam a entender a implantação tardia da tipografia no país, como nota Marialva Barbosa (2013). “Apenas a evidência dessas proibições indica a importância da palavra impressa nessa sociedade, tomada como veículo de conhecimento e de pensamento e, sobretudo, como meio de transmissão das discussões política e religiosa” (BARBOSA, 2013; p.38). A historiadora nota, a partir de correspondência da Inquisição de Lisboa, que a possibilidade de imprimir livros ou quaisquer outros papéis era qualificada como “perniciosa novidade” (BARBOSA, 2013, p. 34), já à altura do século XVIII, pelo seu poder de difusão de ideias potencialmente contrárias às correntes no Império Português na época. Bethânia Mariani observa que a proibição de tipografias e mesmo a entrada de

livros estrangeiros entre a chegada dos portugueses e a da Família Real, entre os séculos XVI e XIX, fez com que as raras bibliotecas particulares ficassem clandestinas, à exceção das jesuíticas. “A palavra escrita, na terra edenizada por Pero Vaz de Caminha, tinha a interdição como espaço previamente configurado” (MARIANI, 1993, p. 34). Não seria diferente a partir de 1808, quando D. João VI, decreta a instalação da Imprensa Régia, nomeia também quatro censores para que a Gazeta do Rio de Janeiro fosse permanentemente acompanhada pela censura prévia (MARIANI, 1993).

Talvez o próprio período, longo, em que se mantiveram os impressos silenciados tenha propiciado um ânimo favorável aos duelos linguísticos. A imprensa, no Brasil, então estrutura-se a partir desses embates, como observa Isabel Lustosa (2000). Na década de 1820 os jornais/panfletos crescem em número e periodicidade. O fenômeno inicia-se motivado pelas campanhas a favor da permanência do rei Dom João VI no país<sup>1</sup>. A incipiente imprensa volta-se, então, à bajulação da Família Real, à união Brasil/Portugal, exaltando o progresso conquistado desde 1808, tentando influenciar na decisão a ser tomada pelo monarca. Com o retorno do rei a Portugal, os jornalistas/publicistas trocam de lado, deixam de exaltar a nação lusitana e empenham-se “na separação dos interesses brasileiros e portugueses” (LUSTOSA, 2000, p.26).

É nessa fase que se desenvolve uma imprensa a qual se poderia chamar de brasileira, centrada na discussão, primeiro pela independência, depois em torno de projetos para a nação. Era, sobretudo, norteadada pelo objetivo de buscar o esclarecimento e a instrução da população. Entretanto, com o frenesi em torno do novo país e do novo meio de comunicação, irradia-se um ambiente de guerra de ideias, no qual não faltam vitupérios. A conjuntura histórica e a difusão da nova tecnologia altera o comportamento de figuras públicas que se embrenham nos debates da esfera pública. É o caso, por exemplo de José da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairu, “talvez a personalidade mais acatada do ponto de vista intelectual do Brasil daquele tempo” (LUSTOSA, 2000, p.25) e que, em seguida, iria se transformar em um aguerrido panfletário, passando a elaborar edições que seriam, inclusive, retiradas de circulação a mando de Dom Pedro I. “A liberdade de imprensa tem sido justamente comparada ao vinho espirituoso, o alimento substancial que atordoa as cabeças fracas e arruína os

---

<sup>1</sup> Em agosto de 1820 eclodiu, na cidade do Porto, em Portugal, uma revolução que marchou em direção a Lisboa, destituiu os governadores e propôs a restituição da monarquia no país. O desfecho seria, após algum período de hesitação, o retorno de D. João VI a Europa em abril de 1821.

estômagos débeis” (Visconde de Cairu Apud LUSTOSA, 2000, p. 7), diria ele em autodefesa.

A efervescência em torno da “perniciosa novidade” leva o próprio então príncipe regente a aventurar-se no jornalismo panfletário, descrevendo em meio impresso, inclusive, detalhes sobre o Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822, sob o pseudônimo de Simplício Maria das Necessidades, Sacristão de São João do Itaboraí. O documento, escrito em forma de missiva ao imaginário vigário da freguesia, como nota Hélio Vianna (1967), já trazia uma polêmica: D. Pedro alfineta o general Jorge de Avilez, que à época buscava fazer cumprir no Brasil as ordens das cortes para que o príncipe retornasse a Portugal: “Veja, meu Vigário, quem pode estar seguro com um general que, comandando a tropa, era comandado pela mulher” (VIANNA, 1967, p.27). Era o início de uma trajetória de polemista do imperador cujos artigos “logo se denunciavam pela destampada virulência” (VIANNA, 1967, p.31), tendo como contendores outros panfletários, adversários políticos e até mesmo o próprio irmão, D. Miguel, em artigo nunca publicado no qual acusava-o pelo envenenamento do pai de ambos, D. João VI.

Isabel Lustosa (2000) bem sintetiza de que ordem foram as mutações naquela década de 1820, marcada pela incontinência verbal, com insultos, ataques pessoais e até agressão corporal<sup>2</sup>. Seriam, pois, três os elementos que iriam corroborar para que o cenário chegasse a tal ponto, começando pela “[...]a situação de instabilidade e indefinição política que o país vivia, sem lei e sem rei, inclusive sem regras relativas aos limites de liberdade de imprensa, que passara, em poucos dias, da censura prévia à total liberação” (LUSTOSA, 2000, p.16). Seguiu-se a isso “a democratização do prelo, trazendo para a forma impressa elementos da oralidade no que tinha de mais popular e coloquial” (LUSTOSA, 2000, p.16). Por fim, “a emergência de quadros da elite brasileira sem hábitos de vida pública anterior que, a partir de sua inserção no debate político trouxeram para o espaço público, por meio da palavra impressa, atitudes da vida privada” (LUSTOSA, 2000, p.16).

Impossível não notar semelhanças com o atual momento vivido no Facebook, Twitter e em outras mídias conectivas, especialmente no que tange à oralidade da linguagem. Na terceira década do século XIX, os veículos de imprensa, ainda que

---

<sup>2</sup> Comunicação social e violência convivem desde o surgimento dos primeiros jornais no país, como é o caso do Correio Braziliense, de Hipólito José da Costa, ele próprio fugitivo da inquisição. Empastelamentos, incêndios agressões aos editores não eram fatos episódicos. Como nota Rüdiger (1993, p.37), “O jornalismo político-partidário vivia o cotidiano da violência”.

fossem meio de expressão de correntes políticas mais amplas, eram frutos de empreendimentos individuais, sem se configurarem como órgãos ou corporações empresariais institucionalizadas (que, no caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, iriam se constituir apenas ao final do século, com Caldas Júnior e seu *Correio do Povo*, conforme nota Rüdiger [1993]). Mais do que isso, mesmo que contasse com a participação de leitores, tratava-se de uma circulação restrita em uma nação ágrafa. Constituía-se, sobretudo, em uma atividade desencadeada por uma elite próxima e influenciadora das instâncias decisórias do país. Não havia uma difusão mais ampla em diferentes camadas sociais, até porque não buscavam o lucro financeiro, mas a mobilização da opinião pública a favor de suas posições.

Ao analisar a imprensa do século XIX, Nelson Werneck Sodré (1978) corrobora o caráter incruento nas controvérsias geradas a partir do novo meio impresso. Destaca que os embates não se restringiam ao plano das ideias, mas enveredavam para aspectos pessoais, já que “A época não permitia divergências e competições estritamente acadêmicas, colocadas em nível isento de paixões. O que se pretendia, além da prova de excelência do que se pregava, era o esmagamento do adversário, a destruição do oponente” (SODRÉ, 1978, p. 194). Para o autor, os aspectos “confundiam tanto as personagens, ainda mais as iminentes, impregnavam de tanta paixão o ambiente, que passavam a primeiro plano” (SODRÉ, 1978, p. 194).

A perspectiva da polêmica como fenômeno socialmente segmentado é corroborada por Alexei Bueno e Geroge Ermakoff (2005) em *Duelos no Serpentário – Uma antologia da polêmica Intelectual no Brasil 1850 – 1950*. Na obra, figuram embates como o ocorrido entre o escritor José de Alencar com Araújo Porto Alegre e o imperador Dom Pedro II, além de outras figuras proeminentes da política e das artes como Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Mario de Andrade, Monteiro Lobato e Augusto Meyer. Ou seja, não tratam de duelos verbais tratados ao rés do chão, pelo cidadão comum.

Como se observa, tais polêmicas não ocorriam na realidade cotidiana do mundo da vida, o que é evidente até pelos personagens envolvidos. Mesmo a figura do polemista no jornalismo, como explorado em outros trabalhos (PETRIK, 2007; WAINBERG, 2009), não teve no Brasil o destaque alcançado em outros países, europeus e norte-americanos, em que tal personagem, por aspectos variados que podem ir do letramento mais difundido à melhor adaptação cultural ao conflito intelectual,

gozam de outro status, diferente, historicamente, daquele que alcançam por aqui. Ao mesmo tempo, como notava Walter Benjamin na Europa, a participação do público, ainda que existente, assídua e forte, dava-se mais pela via receptor → veículo, ficando as conversações dos leitores restritas ao espaço a eles destinado, geralmente em página par dos jornais. Quando eventualmente existiam, as polêmicas ficavam ali circunscritas, sem maior amplitude e carentes de um suporte que realmente oferecesse maior interação.

Já em pleno século XX, em 1941, o escritor austríaco Stefan Zweig observava que a relação sociedade e imprensa ainda era uma novidade no país. Segundo ele, “Para o Brasil que passou trezentos anos dependente e tutelado, os direitos parlamentares e a liberdade de imprensa são coisas muito novas, que deixam todos inebriados” (ZWEIG, 2008; p. 71). Ao longo do século XX, a imprensa aprofundou-se na vida cotidiana. A interação entre o público receptor, como ocupante de uma arena pública, contudo, seguiu restrita a determinados espaços da mídia e só viria manifestar-se mais fortemente a partir da década de 1990.

Primeiramente foram os espaços destinados aos comentários nas versões on-line dos jornais impressos. Depois, e mais recentemente, as redes sociais virtuais. Entre elas, destaca-se o Facebook, que tem no Brasil, hoje, 102 milhões de usuários.<sup>3</sup> Oito em cada dez brasileiros com acesso à internet fazem parte dessa rede<sup>4</sup>. O brasileiro passa, em média, 16,6 horas por mês conectado ao Facebook<sup>5</sup>. É a rede social em suporte virtual mais acessada no país, respondendo com 83% do total, contra 17% do YouTube e 12% do Instagram. No mundo, são 1,86 bilhão de pessoas conectadas<sup>6</sup> por meio da empresa criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes.

Os números, no entanto, e evidentemente, não contemplam, os níveis de significação dados pelo público a essas novas redes conectivas. Exatamente por isso, as mídias sociais vêm despertando o interesse acadêmico, especialmente na área das Ciências Sociais Aplicadas. Violência simbólica (RECUERO, 2013; RECUERO, 2015)

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://olhardigital.uol.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-brasileiros/57706>. Acesso em, 15 de julho de 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/BR-Oito-em-cada-dez-brasileiros-com-acesso-a-Internet-usam-o-Facebook>. Acesso em, 15 de julho de 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/em-foca/queremos-atingir-200-milhoes-de-pessoas-no-brasil-diz-diretor-do-facebook/>. Acesso em, 15 de julho de 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-esta-perto-de-alcancar-2-bilhoes-de-usuarios-no-mundo,70001649767>. Acesso em, 15 de julho de 2017.

e ódio (RECUERO, 2015; REAGLE JR., 2015; AMARAL; COIMBRA, 2015; MULLER; PETRIK, 2016) têm sido os aspectos bastante contemplados em tais abordagens. Os contornos do conflito em si, predecessor a essas duas instâncias extremadas, não aparece como objeto preponderante nas análises, sendo que a atenção aos debates polêmicos é ausente na área. Inúmeras podem ser as causas para tal omissão. De imediato, pode-se elencar a natural adversidade com que a própria sociedade percebe o conflito, situação que, habitualmente e no trato social, busca-se evitar. Sob o ponto de vista acadêmico e pela passionalidade envolvida, a versão mais cruenta dos embates, que aflui para a raiva e sentimentos radicais, torna-se um alvo mais palpável para preocupação de pesquisadores, pelo desgaste provocado e pelas consequências sociais causadas pela beligerância contida nesse tipo de discurso. A falta de um suporte teórico mais evidente também explica essa ausência. O conflito em si não se revela nem é compreensível simplesmente pelas emoções que suscita<sup>7</sup>, como é o caso do ódio e da violência, e sua abordagem demanda um aporte em outra perspectiva para a sua efetiva compreensão.

---

### **1.1 Comentários on-line**

Os episódios vividos e as observações sobre a história da imprensa brasileira enriquecem e ilustram, mas, por si, não explicam o fenômeno atual pelo qual o Brasil debate-se agora. Neste propalado século XXI, de súbito, o leitor brasileiro vê à disposição um novo aparato pelo qual é informado, pode expressar sua opinião e, inclusive, confrontá-la, de modo sincrônico, com a de outros leitores. Em comum com o século XIX, talvez, entre os dois períodos, esteja a introdução de um novo meio, como foi o caso do jornal impresso, e, agora, as redes em suporte virtual. Há, porém, que se delimitar a real dimensão do espectro do advento das inovações da tecnologia em cada época, considerando, também, os desdobramentos sócio-históricos que acompanham, a fim de se evitar a incursão em um puro e simples determinismo tecnológico.

---

<sup>7</sup> Uma abordagem restrita ao aspecto emocional envolvido nos conflitos seria eficaz no campo da Psicologia. Na Comunicação, é um elemento a mais envolvido no processo, não sendo em si suficiente, por esquecer, em parte, as variáveis envolvidas como a contingência de cada suporte e o contexto social em que estão inseridos.

O voo da coruja de minerva prossegue até os anos 1990 e a possibilidade de postar comentários on-line chega ao ciberespaço. Nos sites de notícias, as seções de comentários começam a ser oferecidas a partir de 2000, conforme Domingo e outros (2008). Os periódicos jornalísticos incorporam-se às redes sociais a partir de 2008, como notam Anselmino e Bertone (2013), seguindo uma cultura de convergência midiática.

Mesmo já fazendo parte do dia a dia das redações há quase duas décadas, a importância dos comentários é constantemente questionada, seja no espaço destinado na página virtual do veículo, seja em redes como o Facebook. É grande o debate em torno da mediação ou restrição à disponibilidade deles em determinados espaços de cada veículo, como nota Bilinton (2014). A própria existência dos comentários é colocada em xeque, pois, supostamente, a utilidade da sua existência, como ferramenta, ainda não é clara (BUENO, 2015; REAGLE, 2015).

Para que serve dar voz a tantos, anônimos, para postarem mensagem incivilizadas, desprovidas de um conteúdo satisfatoriamente aproveitável? Por que fomentar a violência verbal? Ou, parafraseando Umberto Eco, por que dar voz aos imbecis? À primeira vista, tal dúvida emerge da falta de disposição para a compreensão do caudaloso simbolismo contido nos inumeráveis comentários postados diariamente. A resposta a essas indagações também passa por uma conceituação sobre o que é um comentário.

No seu *Reading the Comments: likers, haters and manipulators at the bottom half of the web*, Joseph Reagle (2015, p. 2) afirma que “(...) um comentário é um gênero de comunicação”, e que “(...) é social, o que significa que pode ser visto por outros, e é reativo: segue ou é uma resposta a algo (...). Ainda que um comentário seja reativo, não é sempre responsivo ou algo que substancialmente engaje” (REAGLE, 2015, p. 2, tradução minha)<sup>8</sup>. Segundo o autor, entre as características fundamentais está o fato de serem curtos e assíncronos, dado que podem perpetuar provocações por segundos, horas ou dias. Reagle reconhece que só esses pontos não explicam toda a natureza dos comentários, cuja leitura, essencialmente, nos permite “aprender muito sobre nós mesmos, e as maneiras como outras pessoas procuram para explorar o valor de nossos

---

<sup>8</sup> “Comment is a genre of communication”; “it is social, it is meant to be seen by others, and it is reactive: it follows or is in response to something”.

egos sociais”<sup>9</sup> (REAGLE, 2015, p. 3, tradução minha). Esse tipo de manifestação pode “informar (via resenhas), incrementar (via *feedback*), manipular (via *fakes*), alienar (por meio do ódio), moldar (pela comparação social) e nos deixar perplexos” (REAGLE, 2015, p. 3, tradução minha).<sup>10</sup>

Joseph Reagle salienta que "a atividade on-line de massas de pessoas comuns podem apresentar a sabedoria da multidão ou a inteligência coletiva" (2015, p.1, tradução minha)<sup>11</sup>. No entanto, ressalva que há um motivo para terem sido colocados na parte de baixo da web (*Bottom half of the web*), devido à repulsa que causam. Como bem destaca, a indignação com os comentários é tamanha que surgiu, no EUA, o perfil no Twitter @AvoidComments<sup>12</sup>, criado pelo designer Shane Liesegang. Com o lema “*don't read the comments*”, o movimento destaca não ter sido casual o fato de os comentários terem sido colocados no quadrante inferior das páginas da web. O perfil arregimentou mais de 32 mil seguidores, entre 2013 e 2014, com mensagens do tipo “se os comentários são tão úteis, por que o botão “Reporte Abuso” fica ao lado deles”, “seja a mudança que você quer ver no mundo, não leia os comentários na internet”, e “É um dia tão bonito... por que estragá-lo lendo comentários?”<sup>13</sup>

Reagle (2015) destaca que apesar do mal-estar que causam, os comentários devem ser encarados como *commodities*<sup>14</sup>, agregadores de valor ao site que os hospeda, independentemente de serem informativos ou não. O autor ainda indica como reforçar as áreas destinadas à expressão dos internautas, já que, mantendo-se um grupo fechado em determinado número, o resultado é mais profícuo em termos de benefícios coletivos. A maior virtude desses espaços seria o limite de participantes e, nesse sentido, Reagle cita o trabalho do psicólogo evolucionista Robin Dunbar, para quem o aumento do perímetro encefálico dos primatas deveu-se à aliança comunitária que permite o cuidado

<sup>9</sup> “We can learn much about ourselves and the ways that other people seek to exploit the value of four social selves”.

<sup>10</sup> “comment can inform (via reviews), improve (via feedback), manipulate (via fakes), alienate (via hate), shape (via social comparison), and perplex us.”

<sup>11</sup> “the online activity of masses of ordinary people might display the *wisdom of the crowd* or *collective intelligence*”.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://twitter.com/avoidcomments?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2017.

<sup>13</sup> “If comments are so useful, why is the "Report Abuse" button right next to them?”; “Be the change you want to see in the world. Don't read internet comments”; “It's such a beautiful day... why would you spoil it by reading comments?” Tradução minha.

<sup>14</sup> A proposição é facilmente verificável na dimensão econômica do cotidiano da web. Quanto valerão, por exemplo, os comentários em um site de dicas turísticas como o Tripadvisor? O próprio Facebook estrutura seu negócio, o que é muitas vezes esquecido, com a venda de publicidade direcionada a partir do comportamento on-line de cada usuário. Os exemplos são muitos e a temática demanda maior reflexão. De nossa parte, encerramos por aqui com uma paráfrase exagerada da tese 34 de Guy Debord (1997): o hiperespetáculo da web é o capital em tal grau de acumulação que se transforma em comentário.



mútuo, sendo que tais grupos não deveriam ultrapassar 150 membros. “Para os humanos, o cuidado social inclui a linguagem. Já que grupos maiores necessitam de meios mais eficientes para forjar laços, fofocas fazem circular informações sobre os outros nas redes sociais em que estão inseridos” (REAGLE, 2015, p.5, tradução minha)<sup>15</sup>. Ou seja, os comentários, ainda que sob a forma de fofocas, tem o um efeito benfazejo sobre a saúde dos indivíduos e, conseqüentemente, para o grupo.



Figura 1: Meme ironiza contendas entre comentários na esfera digital

Para Thaisa Bueno (2015) um comentário é “qualquer texto do internauta, publicado no aparelho de interação disponibilizado ao receptor para que este opine ou contribua para o conteúdo produzido pela mídia” (2015, p. 16)<sup>16</sup>. Para este trabalho, além da concordância com as conceituações de Reagle e Bueno, entendem-se os comentários como a materialização de um projeto, formulado a partir de um fenômeno da consciência, reflexo de anseios individuais, interpelados e envolvidos pelos sociais, em uma relação dialética. Tratam-se, enfim, de um exemplo típico e acabado de construção social como aquele previsto, em 1966, por Peter Berger e Thomas Luckmann, definição derivada do conjunto da obra de Alfred Schütz, em que um

<sup>15</sup> “For humans, social grooming includes language. Because larger groups require more efficient means of forging alliances, gossip circulates information about others in the social networks in which they exist”

<sup>16</sup> Na tese em questão, são analisados comentários em seções de veículos on-line (portais, ciberjornais, revistas mensais e revistas semanais), e não aqueles provenientes de redes sociais.

projeto individual formulado pela consciência busca o coletivo e é, ao mesmo tempo, constituído por este.

Segundo Bueno (2015), por si, comentários ainda não figuram como preocupação acadêmica própria, sendo colocados como elementos complementares na análise, geralmente como forma de perscrutar a reação dos leitores ante temas específicos ou mesmo as ações editoriais dos veículos, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Jamile Dalpiaz (2103), que investigou a imagem do Brasil no jornal britânico *The Guardian*, contemplando a participação do público.

De acordo com Bueno (2015), de forma geral, os trabalhos que, de alguma forma abordam o fenômeno, em sites ou publicações de cunho jornalístico ou não, podem ser divididos em três grupos. No primeiro, estão os que buscam entender os comentários como mais uma ferramenta a colaborar/corriger a edição jornalística (“conteúdo colaborativo”). No segundo caso, estão estudos como “ferramenta de conversação”, tal qual bem aprofundado por Recuero (2014).

O terceiro grupo é o do

*Perfil deliberativo* – diagnósticos que buscam enxergar um viés democrático na adoção dessas plataformas como ferramentas que instigam ou não a capacidade crítica de seus usuários e tentam descrever casos em que as postagens podem ganhar status de opinião pública. Entram também nessa categoria pesquisas sobre a incivilidade dos posts (BUENO, 2015, p.24-25)

O presente trabalho busca entender os comentários a partir dessa última definição. Trata-se de uma questão controversa sobre o real espectro dessas novas plataformas de debates – que antigamente eram travados em praças públicas – denominadas, muitas vezes, como “ágoras pós-modernas”, ou “novas esferas públicas”. A validade e a real importância dos comentários, na verdade, abrem uma discussão mais ampla, sobre qual o real significado das redes sociais em meio digital. Mais do que isso, e até mesmo, sobre qual o sentido mais amplo da tecnologia como ferramenta social e agente interpelador. Essa inquietação sobre a relevância social das redes, para além dos comentários, e até mesmo sobre o que é social, é expressa, entre outros, por Latour (2012) e Alex Primo (2012).

Aflicção semelhante é partilhada por Ângela Cristina Salgueiro Marques (2010). Ao abordar o potencial das esferas públicas deliberativas, olhando a partir da

formulação de Jürgen Habermas, a autora enfatiza que não se pode esperar que os debates on-line se estruturam da mesma forma que “os espaços públicos ideais habermasianos” (MARQUES, 2010, p. 316). Ou seja, que na conversação em rede virtual prevaleça uma seleção racional dos melhores argumentos. Para ela, ao invés de se buscar um espaço de debates ideal no meio digital, “é mais promissor evidenciar como as conversações se definem em espaços virtuais levando em consideração os estímulos e constrangimentos impostos pela materialidade técnica dos suportes e códigos informáticos” (MARQUES, 2010, p. 316). Ela cita, então, a proposta intermediária sustentada por alguns autores de que “os princípios defendidos por Habermas para caracterizar processos deliberativos podem ser adaptados às trocas on-line, desde que respeitem a especificidade dos dispositivos e dos tipos de diálogos que aí se estabelecem” (MARQUES, 2010, p. 316). A interpretação não levaria em conta apenas o *design* de cada plataforma, mas uma análise de conteúdo das conversações, uma análise crítica do ambiente social no qual as mensagens são elaboradas e uma avaliação do discurso social mais amplo no qual estão envolvidas.

A questão da validade e da real relevância dos comentários passa pela dúvida sobre se, ao estar exposto a uma opinião divergente, o usuário tende a modificar a sua própria, abrindo-se ao diferente, ou se acaba reforçando aquela posição inicial. A questão dos filtros na internet foi levantada, entre outros, por Pariser (2012), com a expressão filtros-bolha para identificar os processos estabelecidos pelos algoritmos de grandes monopólios como Google e Facebook na exposição de informações. A tendência desses mecanismos seria reforçar as crenças iniciais de cada usuário, sempre apresentando conteúdos e opiniões semelhantes às anteriormente observadas, curtidas ou compartilhadas. As redes se transformariam assim em “câmaras de eco” (SUNSTEIN, 2001), reforçando pontos de vista já existentes com pouca permeabilidade a novas posições.

Em relação às “bolhas ideológicas”, a grande celeuma deu-se no primeiro semestre de 2015, quando cientistas sociais do Facebook publicaram uma pesquisa na revista *Science*, cujo resultado abrandava os efeitos do algoritmo na exposição de *posts* que apenas corroboram a visão político-ideológica de cada usuário, valorizando àqueles aos quais o internauta se alinha em posicionamento de crenças e convicções, em

detrimento aos que se opõe<sup>17</sup>. O tema coloca no centro da discussão a autonomia do usuário. O comportamento nas redes reflete uma predisposição ao sectarismo inato e talvez reforçado pelas angústias de perdas de parâmetro características da contemporaneidade, ou, por outro lado, esse é resultado de novas formas de disposição das informações, ordenadas de acordo com a lógica maquina do algoritmo? A questão apontada por críticos é se antes o emissor poderia escolher entre o canal de TV, a emissora de rádio ou o jornal A, B ou C, ou mesmo as pessoas com quem debater, agora o Facebook seleciona o que disponibilizar, de acordo com um filtro que, supostamente, reflete as preferências do usuário. A controvérsia se deu, justamente, por ser um estudo apresentado por funcionários do Facebook, sem a neutralidade necessária para a avaliação mais idônea, e em que é deslocada a culpa pelas bolhas mais para os usuários e menos para as engrenagens técnicas.<sup>18</sup>

A adesão ao posicionamento do grupo do qual faz parte, a beligerância em relação ao grupo opositor e a dinâmica de como se molda a opinião individual também são abordados por Sarita Yardi e Dannah Boyd (2010) em um estudo de 30.000 tweets sobre o assassinato, em 2009, de George Tiller, médico norte-americano que fazia abortos em estágios de gravidez avançada. O evento, então, transformou-se em um debate de dois grupos: os favoráveis “à vida” e os defensores da “livre escolha”. O nascimento das polarizações, observam as autoras, é favorecido em eventos de grande carga dramática, como também foram o assassinato de Marthin Luther King ou o atentado terrorista às Torres Gêmeas em 2001. O mesmo se dá em torno de alguns temas, já que blogs de tecnologia e entretenimento tendem a gerar menos polarização do que aqueles sobre estilo de vida e política, por exemplo. “Deliberação e argumentação online são particularmente salientes em torno de temas políticos, carregados

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.sciencemag.org/content/early/2015/05/08/science.aaa1160>. Acesso em: maio de 2015.

<sup>18</sup> Concomitante à apresentação do referido artigo e talvez até como forma de arrefecer a polêmica em torno das bolhas ideológicas, o Facebook lançou um novo produto, o *Instant Articles*, disponível apenas para dispositivos Apple, e que permitia o acesso instantâneo a conteúdos jornalísticos de *The New York Times*, *National Geographic*, *The Atlantic*, *BuzzFeed*, *NBC*, *Der Spiegel*, *Bild*, *The Guardian* e *BBC*. “Vemo-nos primeiro ajudando as pessoas a se conectarem com a família e os amigos. E, depois, ajudando-as a se manterem informadas sobre o mundo que as cerca”, justificou o chefe de produtos do Facebook, Chris Cox. Segundo ele, a inovação partiu do fato de que as pessoas estavam se informando das notícias pelo compartilhamento feito por amigos que remetiam para hiperlinks que, demoravam a baixar. Como filtro do filtro, em dois anos, o *Instant Articles* não vingou no mercado mundial. De qualquer forma, a mudança na lógica algorítmica reduziu a exposição de notícias de veículos no *feed* dos usuários.

emocionalmente ou controversos”<sup>19</sup> (YARDI; BOYD, 2010, p. 8, tradução minha). As autoras concluem que “Nossos resultados mostram que as pessoas são expostas a pontos de vista mais amplos do que eram anteriormente, mas são limitadas na habilidade de se engajar em discussões significativas”<sup>20</sup> (YARDI; BOYD, 2010, p. 8, tradução minha). Por fim, fazem uma série de sugestões de mudança tanto nos mecanismos de exposição de informações como culturais em relação ao engajamento das pessoas e grupos nas redes (promoção de visões concorrentes, não permitir o domínio de visões majoritárias e o encorajamento à entrada de grupos diversos na participação das discussões, entre outras).

O choque entre as esferas virtuais, classificadas como “ciberdemocracia”, com as bolhas ideológicas, onde há um “silenciamento do contraditório”, e as formas de difusão da informação no Twitter também são bem exploradas por Recuero, Zago e Soares (2017). A análise é feita sobre as palavras chave “impeachment”, no processo contra a ex-presidente Dilma-Rousseff em abril de 2016, e “Bolsonaro”, na eleição à presidência da Câmara dos Deputados em fevereiro de 2017. Ao analisar as interações entre grupos favoráveis e contrários aos dois temas, os autores observam que

Vemos, assim, que há processos de filtragem que fazem com que os nós de cada grupo apenas deem visibilidade para as informações que ecoam seus posicionamentos políticos, impedindo que outras, contrárias, circulem, mesmo que essas venham da mídia tradicional, que poderíamos argumentar, possuiria um pouco mais de credibilidade do que os demais nós na rede. Os atores, assim, parecem ativamente se engajar na filtragem e reprodução de informações de modo a criar câmaras de eco (SUNSTEIN, 2001) (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017, p. 16).

A conclusão a que os autores chegam, ainda mais especificamente na experiência brasileira, é de questionamento à ideia de que nas redes há um ambiente propício ao incremento do debate democrático, contrariando a perspectiva tecnófila de autores como Manuel Castells.

Com isso, podemos dizer que, apesar do potencial democrático da estrutura das redes (CASTELLS, 1999), a análise de redes de tweets em torno de assuntos políticos recentes no país mostra um cenário diferente. Embora em uma rede social tecnicamente cada perfil tenha

---

<sup>19</sup> “Deliberation and argumentation online are particularly salient around political, emotionally-charged, or controversial issues”.

<sup>20</sup> “Our results show that people are exposed to broader viewpoints than they were before, but are limited in their ability to engage in meaningful discussion”.

as mesmas possibilidades de acesso, as redes a que os usuários são expostos acabam sendo afetadas por uma série de fatores, como afinidade na escolha quanto quem seguir, algoritmos de seleção fornecidos pelos próprios sites, e filtragem de conteúdos por outros usuários. (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017, P. 26)

Entre os estudos citados por Recuero, Zago e Soares (2017) está o de Flaxman, Goel e Rao (2016), de análise ao histórico de navegação de 2.000 usuários. A conclusão é que a segregação ideológica cresce à medida que as informações são originadas de redes sociais ou a partir de sites de busca. No entanto, tais fontes representam 2% dos canais que abastecem o público pesquisado, o que, em parte, demonstra o movimento do Facebook, desde 2015, de oferecer menos espaço a notícias nos *feeds* dos usuários.

Não se pretende aqui entender que as discussões travadas em redes sociais venham oferecer a resolução profunda de problemas sociais, locais ou mundiais. Tampouco se inserem somente na perspectiva oposta, de agressão verbal, simbólica e discurso do ódio, ainda que estas sejam expressões muito recorrentes. Ou, ainda, que se resumam a diálogos de prevalência daquilo que o linguista Roman Jakobson chamou de função fática da linguagem, de contato mútuo de afetos em um ambiente virtual comum, embora esta seja uma dimensão também bastante frequente entre os comentaristas na web. Busca-se compreender a necessidade humana em realizar projetos, do nível cotidiano ao abstrato, como costumam ser as interações em redes sociais digitais, e os conflitos daí decorrentes, observado, é claro, o contexto social em que se inserem, e o momento histórico pelo qual o país passa, pródigo em desdobramentos e elaborações de narrativas, como já notado por Wainberg e outros (2017).

Em suma e sem desconsiderar a variável tecnológica do fenômeno, o que está em questão é o próprio mundo da vida cotidiana, no qual e a rede digital opera não como mero reflexo, mas como ágora de manifestações múltiplas, ora frívolas, ora agressivas, por muitas vezes até cidadãs e cívicas, sintetizando aspectos diversos de uma realidade cada vez mais multifacetada. Não se deve perder de vista a definição de Alfred Schütz: “O mundo da vida cotidiana é a região em que cada indivíduo pode engajar a si mesmo e que o pode mudar enquanto opera nele pelos meios de seu organismo animado”<sup>21</sup> (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p.3, tradução minha). Para

---

<sup>21</sup> “The everyday life-world is the region of reality in which man can engage himself and which he can change while he operates in it by means of his animate organism”.

além do corpo físico, tal definição pode agora ser estendida ao entendimento das expressões e ações do homem em redes de suporte virtual.

As reais altura e relevância do desenrolar do dia a dia da vida em sociedade são comumente menosprezados. Como classificar o que se esconde na invisibilidade das atitudes automáticas e irrefletidas? Há sempre a sedução do ideal racional crítico, que toda vez que é lembrado, torna-se idealizado e, portanto, intangível. Em nome de uma suposta profundidade de análise, fica esquecido que é na superfície das rotinas diárias que se desenrolam o mundo da vida e os laços sociais cimentados pela comunicação. A invisibilidade de tal pressuposto é bem percebida pelo sociólogo Michel Maffesoli ao observar a relevância do que, aparentemente, é pouco significativo

Existe um querer viver teimoso. Irreprimível. Expressando-se na duplicidade na teatralidade cotidiana, no sentimento trágico da existência, no fantástico vivido no dia a dia, em suma, nesse vivido, nessa proximidade ao mesmo tempo insignificante e estruturante. Quando nada é importante, tudo tem importância. (MAFFESOLI, 2012, p.17)

Em certa medida, será este olhar aqui direcionado, dada a importância de uma retórica popular:

Um dos elementos dessa socialidade de base própria da vida concreta é o que se pode chamar de retórica popular. Trata-se de uma outra maneira de caracterizar a circulação da palavra cuja importância é conhecida nas sociedades tradicionais. A *rhêtoriké* é, não esqueçamos disso, a arte da oratória e, antes de ser propriedade dos especialistas, esta é uma função social vivida de maneira plural conforme os objetos abordados. Os limites do campo variam segundo o que está em causa; pode haver rodízio para que esta mesma arte seja de todos. (MAFFESOLI, 2005, p. 55)

Quando afeto e razão argumentativa confundem-se, há um desvelamento a ser feito sobre qual o extrato final dessa combinação. Na curta história da Cibercultura, essa é uma preocupação já despertada há, no mínimo, mais de uma década.

## 1.2 Polêmica

*Talvez, algum dia, uma longa história terá que ser escrita sobre a polêmica, a polêmica como uma figura parasita na discussão e um obstáculo à busca da verdade.*

Michel Foucault

*Com certeza, polemos é a entidade divina que domina o destino da natureza humana, quase nada escapando da sua influência.*

Michel Maffesoli

A discrepância no sentido das epígrafes bem demonstra o caráter incendiário do tema, em si propício a predispor conflitos. Nesta tese, será seguido o conselho de Jean Baudrillard. Foucault será esquecido, ao menos para os propósitos aqui delineados<sup>22</sup>. Tampouco haverá uma adesão irrestrita à hipérbole de Michel Maffesoli (2005).

O termo polêmica banalizou-se e a profusão com que é empregado é, em si, sintoma do tempo. Extrapolou o sentido original, muitas vezes usado como chamariz para audiência nos produtos midiáticos, principalmente televisivos, com viés sensacionalista. Quando tudo é polêmica, buscar sua real definição e a forma como se manifesta, no que desde já se pode chamar de micropolêmicas cotidianas, é novamente motivo de interesse.

A origem do termo vem da Grécia, onde também se originam as primeiras preocupações reflexivas. Πολεμικός – *polemikós*, correspondente a beligerante, agressivo<sup>23</sup>, que vem de *polemos*, arte da guerra. Há temas que carregam consigo um conteúdo polêmico, naturalmente explosivo, rumorosos no nascedouro e a cada menção. São, como notaram Wainberg, Campos e Behs (2002), sobre casos polêmicos, assuntos

---

<sup>22</sup> Não há menosprezo ao grande intelectual, cuja influência ainda hoje é fortemente sentida na produção acadêmica brasileira. Apenas verifica-se que tal fundamentação teórica não seria tão útil para a compreensão do fenômeno da polêmica em rede, especialmente em relação à visão de poder defendida pelo autor. Nas palavras de Jean Baudrillard (1984, p. 13): “Não há vazios em Foucault, nem fantasmas, nem contracorrentes: uma objetividade fluente, numa escrita não linear, orbital, sem falhas. O sentido não excede nunca o que é dito: nada de vertigens; em compensação não voa nunca num texto demasiado grande para ele: nada de retórica. Enfim, o discurso de Foucault é um espelho dos poderes que ele descreve.” A visão foucaultiana considera um estatuto de verdade tão verdadeiro que se torna pouco útil para o problema em questão. Deplora o banal do cotidiano: “Foucault, através dos mecanismos de normalização, tornou o cotidiano uma sucursal do inferno” (SILVA, 1996, p. 92).

<sup>23</sup> Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/?s=comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 de abril de 2017.



nos quais “qualquer tomada de posição vem envolta de certa angústia moral (...) e tal coletânea de tópicos capazes de provocar repercussões de abalo, crise, mal-estar, envolvimento, paixão e ódio, tudo mesclado, é longa e variada” (2002; p.48). De antemão, poderíamos citar aborto, eutanásia, pena de morte, cotas raciais, adoção de crianças por casais homossexuais, princípios religiosos e a política partidária brasileira como alguns dos temas mais salientes e sempre preliminarmente dispostos a gerar contendas.

Sob o ponto de vista discursivo, o alarido no embate verbal estabelece-se a partir do momento em que um dos lados se pronuncia afirmativa e de maneira peremptória sobre um assunto, independente do grau inflamável que este contenha. No jornalismo, uma figura específica especializou-se em articular esse tipo de situação: o polemista. No modelo comunicacional predominante no século XX, havia em torno desse personagem uma espécie de sacralidade, quase que um monopólio sobre a polêmica, principalmente se pensarmos que no jornalismo impessoal praticado a partir dos anos 1950, os espaços destinados à opinião pessoal eram restritos. No atual paradigma em rede, diferentes atores revezam-se na tarefa de quebrar o uníssono, dando nova dinâmica aos comentários.

A polêmica como fenômeno é uma preocupação dispersa dentro da academia. Em geral, não se fala dela como estrutura – linguística, filosófica, social, comunicativa – com dinâmica própria, mas de polêmicas específicas, versando sobre determinadas controvérsias em torno de temas factuais, quase que levando para dentro do meio de pesquisa do ensino superior a mesma banalização do termo “polêmica” difundido na sociedade em geral. Exceção a esse viés, no Brasil, são os trabalhos de Marcelo Dascal (1998), e os já mencionados Wainberg, Campos e Behs e (2002), Petrik (2007) e Wainberg (2009), embora já estivesse presente como assunto coadjuvante nas obras de Heráclito de Éfeso e Aristóteles.

Não se pretende aqui levantar uma teoria geral da polêmica, fenômeno amplo, dinâmico e variável conforme a cultura e até mesmo o meio em se difundem. Deve-se entender o polemismo, mais do que típica, como uma forma exacerbada de comunicação e, portanto, reveladora de realidades sociais, ressignificação de sentidos só entendidos pela clareza que assumem em um diálogo.

Marcelo Dascal (1998), por sua vez, lembra que, antes de buscar o convencimento ou a adesão, a retórica nasce como instrumento de defesa, recurso quase

instintivo à sobrevivência e presente desde a antiguidade. Trata-se de uma habilidade que surge como antídoto às agruras decorrentes dos embates polêmicos. Ao analisar como a polêmica está presente, de forma aberta ou oculta, em diferentes culturas, do Oriente e do Ocidente, Dascal nota que

Parece, então, que de uma forma ou de outra, pessoas em todos os lugares estão constantemente ou defendendo a si próprias, atacando alguém, ou evitando a confrontação aberta. Tanto é assim que faz sentido argumentar, com McEvoy (1995), que a “invenção defensiva” é uma básica e universal habilidade comunicativa. Não admira que diferentes tradições culturais confirmem tanta importância ao desenvolvimento, à transmissão e ao emprego dessa habilidade [*a retórica argumentativa*].<sup>24</sup> (DASCAL, 1998, p.16, tradução minha)

Como ilustração, o autor relembra, então, o papel da retórica na educação antiga e medieval, nas defesas de tese do século XVII, as discussões para o estabelecimento da *Halakha* hebraica e no *Chan-kuo Tse* da China Antiga. Retomando Aristóteles, Dascal nota o potencial que as trocas polêmicas têm de reintroduzir um viés dialético nos discursos, ou diálogos, em que construções e desconstruções são artífices de uma reflexão para o conhecimento. A Teoria da Enunciação na Língua dissecou essa dinâmica.

Ao fazer uso da linguagem, o homem dá sentido ao mundo. Mas, a linguagem não é apenas um meio de expressar a subjetividade ou um mero expediente para a representação do real. É um ente próprio, um elemento de constituição e ordenamento da subjetividade. A maior prova disso é que o homem só apreende o real e produz sentido ao que lhe é externo quando se percebe como *eu*, o que, por sua vez, só é viável depois de feita a distinção do que é o *outro*. Ou, como explica Émile Benveniste, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser me dirigindo a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (BENVENISTE, 1995; p. 286). A polêmica é o contraste levado ao extremo, que exige, indistintamente, a relação eu-tu.

Por introduzir a temporalidade, os índices de ostensão, pronomes pessoais e demonstrativos – “indivíduos linguísticos” na definição do autor como *eu*, *aquele* e

---

<sup>24</sup> “It would seem, then, that in one way or another people everywhere are constantly engaged in either defending themselves, attacking somebody else, or avoiding open confrontation. So much so that it makes sense to argue, with McEvoy (1995), that “defensive invention” is a basic and universal communicative skill. No wonder that several cultural traditions assigned so much importance to developing, imparting and employing this skill.”

*amanhã* – e a relação de diálogo eu-tu, é possível dizer que a enunciação é responsável por classes de signos que só têm significado na rede de indivíduos que ela própria cria. A estreiteza das relações entre comunicação e enunciação pode ser sentida quando pensamos que não existe diálogo sem enunciação. E, como a comunicação, a enunciação é um acontecimento social. Segundo Benveniste, ao apropriar-se da língua, o indivíduo automaticamente se introduz em sua fala<sup>25</sup>. Mais do que isso, delimita a noção de presente, e, conseqüentemente, de tempo e, durante o ato físico da enunciação, o lugar em que se encontra. O indivíduo é, com o auxílio da linguagem, portanto, um artífice de si mesmo e do mundo que o cerca. Mas esta não é uma construção isolada, pois, ao assumir-se como locutor, sempre pressupõe o outro diante de si, independente da presença física de um receptor.

Pelo fato do sujeito sempre considerar um outro quando fala, mesmo que na ausência física de um interlocutor e isso implique em um exercício de projeto imaginativo, é possível dizer que, toda a vez que se pronuncia, está à espera de uma reação, de uma atitude responsiva ativa, como definiu Mikhail Bakhtin (1995). Não há, então, enunciação sem intenção, mesmo que esta não seja eminentemente orientada no sentido deliberado de manipular. Ao pronunciar-se sobre algo, influencia-se pelo simples fato de ter sido dito (o princípio é válido para alguns casos de silêncio, quando contém denotação clara de um certo sentido, geralmente de concordância). Segundo Bakhtin, a expressão não pertence a um emissor, mas é fruto da interação de dois ou mais “indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 1995; p.112). O interlocutor tem o poder de dar sentido à mensagem proferida pelo locutor, tendo ambos a mesma importância no processo – a palavra constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. É impressionante notar como, já em 1927, Bakhtin percebia a linguagem só se constituía como tal devido às interações sociais, aceleradas exponencialmente nos ambientes em rede da atualidade.

A questão língua e coletividade é bem entendida pela Teoria da Polifonia, quando Oswald Ducrot diz que

O autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, mas sim coloca em cena um certo número de personagens. O sentido do enunciado surge da confrontação desses diferentes sujeitos, é resultado das diferentes vozes que ali aparecem (DUCROT, 1988, p.16).

---

<sup>25</sup> A anáfora textual talvez seja a mais corriqueira comprovação dessa constatação, já que o sujeito introduz tópicos de sua própria fala, a fim de retomar o que já havia dito anteriormente sobre algo. As cadeias de textura de que fala Ruqaiya Hasan (1989) também exemplificam essa situação.

Ou seja, o autor leva ao extremo a percepção de que a enunciação nunca é um ato isolado, embute em si uma série de falantes. E, nesse ambiente coletivo, o locutor postula uma compreensão responsiva ativa: não espera uma compreensão passiva que, por assim dizer, duplicaria seu pensamento no espírito do outro. O que aguarda é uma resposta, uma nova manifestação que represente concordância, adesão, objeção, advertência, e que dê prosseguimento ao contato iniciado e estabelecido por ele, mesmo que seja apenas com um “curtir” ou um “emoticon”.

Quando o conteúdo é dissonante, polêmico, uma negação peremptória a um sim socialmente arraigado, é possível prever que maior é o seu potencial de relevância entre a tautologia verborrágica das redes sociais. Toda negação evoca a afirmação que busca contrariar. Eis aí uma estrutura polifônica na essência linguística, coletiva no sentido social e, para nós, fundamentalmente comunicacional por ser sempre relacional entre, no mínimo, dois participantes.

A relação entre polifonia e negação é bem esclarecida por Ducrot (1988), utilizando noções da psicanálise:

Quando alguém enuncia em uma frase não-P, em seu enunciado expressam-se duas vozes: a da libido que se expressa através do ato P e a do superego, que se expressa através do rechaço ligado ao morfema negativo não. (...) Direi que um enunciado negativo não-P, existem pelo menos dois enunciadores: um primeiro enunciador E1, que expressa o ponto de vista representando por P, e um segundo E2, que representa o rechaço a que esse ponto de vista. Um enunciado negativo é uma espécie de diálogo entre dois enunciadores que se opõe um a outro. (DUCROT, 1988, p. 23)

Ou seja, a negação contida na polêmica (não-p) coloca em cena sempre dois enunciadores. É, assim, por maior conteúdo opositivo que contenha fator de agregação entre indivíduos com posições distintas, unidos pelo rechaço mútuo nas diferentes visões e perspectivas de cada um sobre determinado tema. Polêmicas são, portanto, formadoras de laço social, ainda que sempre permeadas pelo viés adversativo no conteúdo semântico. Como manifestação contumaz da comunicação, a polêmica, como estrutura dialógica, traz consigo um viés dialético capaz de revelar aspectos que, sem esse processo, ficariam obscurecidos.

Sob esse ponto de vista, a crítica cáustica, uma aparente expressão da negatividade, do ceticismo da perda nas esperanças, na verdade se realça como uma

aposta no positivo, na solução para o que aflige, mas tende ao imutável por acomodação da sociedade. Neste sentido, Juremir Machado da Silva (2012, p. 24), lembrando os “fenômenos extremos” de Baudrillard, sintetiza: “[...] a negatividade produz crise, combate, crítica e transformação. Neste sentido, o mal é um bem. O excesso de positividade, hiperbólico, leva ao colapso, dado que elimina a produção de crítica corretiva”. A polêmica, em si, estimula a reflexão ao colocar em cheque verdades incontestáveis, a um só tempo estimulando a crítica como o gregarismo em torno de temas comuns.

Em resumo, a polêmica nasce de uma contenda, tendo como pressuposto a alteridade e, que, em ambientes virtuais, só se consubstancia a partir de uma materialidade. Como dito, essa é uma experiência pouco difundida no Brasil em sua curta vivência democrática, precipitada agora vertiginosamente pela – e em concomitância – introdução de um novo meio de comunicação. A seguir, aprofunda-se a questão analisando aspectos sociais envolvidos nos conflitos.

### **1.3 Conflito e gênese social**

O conflito é, normalmente, evitado nas situações sociais, por carregar consigo a dose natural de cólera comum aos enfrentamentos. Ante essa predisposição contrária, os efeitos sociais mais amplos do conflito acabam mascarados e não se percebe quão fundamentais as disputas conflituosas são para a vida em sociedade.

Na sociologia, um dos primeiros a se ocupar do tema do conflito, excluindo-se a luta de classes proposta por Karl Marx, foi Georg Simmel. Ao analisar o papel do conflito na sociedade, em um texto de mais de 100 anos, ele ilustra com a situação vivida na metrópole, que seria outra, diferente daquela que conhecemos, se só houvesse simpatia e comunhão. Essa compreensão é fundamental para entendermos, também, a profusão de conflitos que se estabelecem em ambiente digital, tão próximo que é da definição de Schütz (1979) para o “mundo dos contemporâneos”, o *Mitwelt*. Se no distanciamento anônimo das redes digitais preponderasse a harmonia absoluta, tal atividade, a de frequentá-las e manifestar-se por meio delas, seria monótona e meramente conectiva, sem nenhum espaço para debates.

O primeiro sentimento associado ao conflito seria a antipatia, gerando uma espécie de afastamento inicial dentro da vida social. “A antipatia é a fase preliminar do antagonismo concreto que engendra as distâncias e as aversões, sem as quais não poderíamos, em absoluto, realizar a vida urbana” (SIMMEL, 1983; p. 128), defende Simmel. “Aquilo que à primeira vista parece desassociação é, na verdade, uma das formas elementares de socialização” (SIMMEL, 1983, p. 128), ressalva. O conflito seria uma outra face da harmonia e, portanto, configuraria a unidade que possibilita uma estabilidade social, desde que não resulte em embates bélicos. Pode-se entendê-lo, no entanto, como um meio revelador de posições contraditórias, tal como a polêmica, que, uma vez expostas a partir de tensões dialéticas de associações e repulsões entre os membros, corroboram para que a sociedade avance organicamente em torno de seus temas cruciais e que, em última instância, lhe definem existencialmente. A interação em disputa seria, então, uma importante fonte (em torno do que está o conflito e como as pessoas se posicionam nessas tensões), promovendo um deslizamento do entendimento sociológico das instituições para os indivíduos e as “sociações” que esses promovem. As variáveis contemporâneas envolvidas na esfera virtual aprofundam essa dinâmica, acelerando-a e, ao mesmo tempo, deixando-a aparentemente mais confusa.

O olhar retrospectivo histórico, segundo Simmel, é pródigo em exemplos de nações que se formaram e fortaleceram a partir de conflitos, tensões provavelmente indigestas nas épocas em transcorreram, mas geradoras de legados. Clássico, segundo o sociólogo, é o caso das nações da Europa Central do século XIII (dessa época também é a Magna Carta da Inglaterra, que limitava o poder absoluto do monarca e serviu de referência para constituições posteriores) em que grupos de fidalgos, membros da corte, formavam uma espécie de conselho do rei, mas também exerciam uma vigilância oposicionista em torno de temas dos quais discordavam do monarca. Nesses casos, o conflito tem um resultado benfazejo, que se confunde com a cooperação. Deblaterar para deliberar:

Geralmente, na medida em que a questão é a cristalização de instituições, cuja tarefa é resolver o problema crescentemente complexo e intrincado do equilíbrio no interior de um grupo, muitas vezes não é claro se a cooperação de forças em benefício do todo toma a forma de oposição, competição ou crítica, ou de explícita união e harmonia (Simmel, 1983; p. 131).

De certa forma, Simmel resgata o que já havia sido proposto por Immanuel Kant, no plano filosófico, em o *Conflito das Faculdades*

Este antagonismo, ou seja, esta disputa de dois partidos entre si unidos para um fim último comum (*concordia discors, discordia concors*), não é, pois, uma guerra, uma discórdia por oposição dos propósitos finais no tocante ao erudito meu e teu que, como o político, consiste na liberdade e na propriedade, em que aquela, como condição, deve necessariamente preceder esta; não pode, pois, conceder-se às Faculdades superiores direito algum sem que, ao mesmo tempo, a inferior fique autorizada a apresentar ao público erudito as suas dúvidas. (KANT, 2008, p. 49)

Não é exagerado afirmar, pois que, o olhar favorável ao conflito, ou, ao menos, tolerante em relação aos embates, ressurge no século XVIII, em um momento da história da filosofia que busca a desconstrução da metafísica e de retomada da herança grega, pois o tema já era presente entre os pré-socráticos, especialmente no pensamento de Heráclito de Éfeso.

Como dito, o conflito vem embebido de forte carga emocional. Inicialmente, Simmel propõe uma separação entre sentimentos e conflito: “Os fatores de dissociação – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as causas do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes” (SIMMEL, p.130, 1983). Hoje, percebe-se também que, quando a disputa não encontra resolução, acontece um retorno a esses sentimentos mais primitivos como o ódio. Bom exemplo disso seriam os comuns embates em ambientes virtuais, que, ao longo de sua evolução dialógica, descambam para violência verbal, como constatam Müller e Petrik (2016).

É comum associar-se o grau de tensionamento social à cultura, à identidade e à formação histórica das nações. A intelectualidade brasileira foi pródiga nesse tipo de ilação, no mínimo, desde Francisco Varnhagen, no século XIX. Essa é uma perspectiva que será retomada e aprofundada adiante. Como síntese desse pensamento, e a título de ilustração, lembremos as impressões coletadas pelo romancista austríaco Stefan Zweig (2008), compiladas em um livro cujo título tornaria-se slogan e êmulo para o país ao longo do século XX

Algo de inverossímil e de benfazejo envolve aquele que acabou de fugir da absurda loucura da Europa: a total ausência de qualquer hostilidade na vida pública e na privada. (...) Todas as contradições,

mesmo no campo social, são significativamente menos acentuadas (2008; p. 20).

Naqueles tempos conturbados da Europa esfacelada pelo nazismo e a Segunda Guerra Mundial, o autor de *Brasil, um país do Futuro* enxergou no país de dimensões continentais e cultura multifacetada um exemplo de união, estabelecido, segundo ele, por valores morais mais elevados. “Falta à alma brasileira qualquer traço de brutalidade, violência, veemência, tudo o que é grosseiro, presunçoso e arrogante” (ZWEIG, 2008; p. 129). Talvez fruto de uma consideração apressada, talvez real apreensão de uma circunstância, parece claro que, de certa forma, os embates no Brasil foram mais escamoteados do que em outras culturas. Em um país predominantemente ágrafo até meados do século XX, as divergências opinativas expostas em meio escrito eram para poucos, dissensos pouco fecundos que não geram consensos, como percebe Isabel Lustosa (2000), no sentido contrário ao descrito por Georg Simmel.



## 2 MÉTODOS E PROBLEMA(S)

O olhar em perspectiva ao rés do chão foi, ao longo do século XX e ainda hoje, comumente evitado na pesquisa do campo da Comunicação. Tratava-se não da apreensão das manifestações em si, mas das compreensões a partir de teorias autoexplicativas que, devido a essa essência, talvez mais obscurecessem que propriamente clareassem os problemas comunicacionais. Tal inclinação pode ser explicada de diferentes maneiras, mas o fascínio exercido pela lógica apriorística oferecida pelas teorias sobre os meios e as manipulações do público receptor desponta como uma das mais evidentes. Em 1980, até um a analista de discurso althousseriano como Michel Pêcheux já reconhecia que:

Em história, em sociologia e mesmo nos estudos literários, aparece cada vez mais explicitamente a preocupação de se colocar em posição de se entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com mecanismos de sobrevivência; trata-se, para além da leitura dos grandes textos (da Ciência, do Direito e do estado) de se por na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido (cf., por exemplo, De Certau, *A invenção do cotidiano*, 1980). (PÊCHEUX, 1980, p. 48)

Em seguida, Pêcheux alertava para o risco de, ao lançar o olhar ao cotidiano, o pesquisador seja “inscrito em uma discursividade logicamente estabilizada” ou corra o risco de “um retorno fantástico para os positivismos e filosofias da consciência” (PÊCHEUX, 1980, p. 49). E oferecia uma saída: observar o cotidiano a partir de “materialidades discursivas”, ou seja, ainda dentro de uma perspectiva *a priori* e a partir de uma fundamentação previamente dada.

O contexto das redes de comunicação virtuais faz emergir novos enfoques, ainda que se deva ter bem claro que aqueles anteriores não tenham desaparecido. Alexander Halavais é preciso ao observar que “O cientista social de hoje se encontra diante de uma oportunidade magnífica. A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta” (2015, p.11). Para complementar: “Os métodos empíricos e as teorias empíricas da metade do século XX parecem inadequados para

desatar esse nó górdio” (2015, p.11). Na nova configuração, o intervencionismo aleatório viria a dar lugar a uma perspectiva em que as manifestações em um ambiente virtual falam por si, expressam asseios, emoções e desideratos não só individuais, mas tribais, coletivos, e, ainda, apesar do anacronismo do termo, nacionais. A realidade social abre-se a um novo escrutínio, mas é importante evitar entusiasmos desmedidos, exaltando o novo como surgimento inesperado, quando, na verdade, traz consigo muito do que já foi visto e vivenciado, várias vezes já inscrito na própria História da Comunicação.

A pergunta norteadora desse trabalho é onde está a polêmica em páginas de jornais no Facebook? Em torno de quais temáticas assentam-se as discussões? Busca-se compreender como um conjunto de expressões individuais subjetivas, diversas e dispersas, componentes do cotidiano virtual, pode assumir um significado abrangente no sentido de uma representação social que se configure em um desiderato comum, ainda que tal unidade seja alcançada a partir de disputas polêmicas e adversativas (conforme vislumbrado por Georg Simmel). Em outras palavras e de modo sintético, é a compreensão do que Berger e Luckmann entenderam como construção social da realidade:

A sociedade possui, na verdade, facticidade objetiva. E a sociedade de fato é construída pela atividade que expressa um significado subjetivo [...] É precisamente o duplo caráter da sociedade em termos de facticidade objetiva e significado subjetivo que torna sua realidade *sui generis*, para usar outro termo fundamental de Durkheim. A questão central da teoria sociológica pode, por conseguinte, ser enunciada desta maneira: como é possível que significados subjetivos se tornem facticidades objetivas? [...] Ou, em outras palavras, a adequada compreensão da “realidade *sui generis*” da sociedade exige a investigação da maneira pela qual esta realidade é construída. Esta investigação, afirmamos constitui a tarefa da sociologia do conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 33)

E, de fato, esse será o propósito desta tese ao investigar o sentido sobre o qual orbitam os comentários com tendência ao polemismo. Como complemento a essa pergunta inicial e, de certo modo, com o mesmo intuito, fica estabelecida uma outra: mapeando os comentários, qual tipologia é possível a respeito dessas manifestações? Com o propósito de atender a essas pretensões, e responder à pergunta norteadora deste trabalho, como dito, foram escolhidas três semanas aleatórias, com postagens de três veículos de abrangência nacional – *Folha de São Paulo*, *El País* e *O Estado de São Paulo* – em suas páginas no Facebook.

Não há predeterminação sobre assuntos ou editorias a fazerem parte do recorte do objeto. Este será determinado pelo engajamento, medido pelo número de comentários gerados por cada post. Como dito, as redes sociais são uma das preocupações acadêmicas recorrentes na atualidade, sob diferentes enfoques, dos que contemplam o entretenimento ao político. O Twitter, pelo caráter favorável à opinião na essência, e pela facilidade de acesso aos dados (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017), vem sendo uma das bases mais analisadas, especialmente naquelas que envolvem a dimensão política. Como já referido, as páginas dos veículos tradicionais no Facebook caem relegadas a um segundo plano, muitas vezes, em detrimento a veículos mais bem adaptados à plataforma e nativos digitais como *Huffington Post* e *Buzz Feed*. No Brasil, no entanto, os antigos jornais impressos ganham fôlego na conectividade virtual. No Facebook, a *Folha de São Paulo* já teve 5,947 milhões de seguidores, *O Globo*, 5,506 milhões e *O Estado de São Paulo*, 3,582 milhões, contra 2,195 milhões do *BuzzFeed*, ou 830 mil do *Huffington Post*.

Há várias de manifestações de controvérsias na *web*, em diferentes gêneros e formatos, em blogs, páginas pessoais e institucionais em sites de redes sociais. Escolheram-se aquelas desencadeadas por notícias de periódicos seguindo a premissa básica da hipótese da Agenda Setting sobre a qual os meios de comunicação não têm o poder de estabelecer como as pessoas vão pensar, mas sim sobre o que irão falar, sendo o noticiário composto por uma interação mútua entre a agenda dos veículos e o *feedback* proporcionado pelo público. Além disso, João Carlos Correia (2012), ao analisar a obra de Nelson Traquina e Gaye Tuchman, sobre o jornalismo como construtor social da realidade, é preciso ao dizer que “É quase lugar-comum que as notícias não refletem a realidade social, antes ativamente a constroem. Tal consenso implica que as notícias não espelham a sociedade, mas, antes, ‘ajudam a defini-la como um fenômeno social partilhado’ Tuchman (1978: 184)” (CORREIA, 2012, p.84). Ou seja, segundo essa perspectiva, o jornalismo, a despeito de ser espelho da “realidade”, em verdade é parte integrante ou produto social desta, no qual estão envolvidos profissionais, empresas e a sociedade em geral. Segundo Correia, os meios de comunicação avocam um monopólio natural sobre a difusão do conhecimento cotidiano, “tornando possível a sua partilha e a atribuição de hierarquias de relevância” de forma a “reconstruir a realidade em função da dimensão pública e coletiva da informação” (CORREIA, 2012, p.86) o que em muito aproxima-se da ideia de esfera pública anteriormente mencionada. Como construtor

social, por sua vez, o jornalismo propicia novas construções – individuais e expressas nos comentários – quando partilhado em de redes sociais, e é essa dinâmica que se pretende compreender neste trabalho. Conforme Correia (2012, p. 101), “o jornalismo fornece enquadramentos do mundo que permitem ao cidadão integrar a novidade constante nos esquemas cognitivos moldados pela vida cotidiana”. Seria, dessa forma, uma das pontes possíveis de ligação entre o social (e um conjunto de sentidos aí produzidos) e o indivíduo. Essa é, em verdade, a sua maior relevância, além de uma suposta objetividade na narração de fatos, ou como agente capaz de despertar uma postura cidadã por parte dos leitores após a tomada de consciência decorrente da aquisição de informações, do debate e do confronto de versões a respeito de determinados acontecimentos da vida em sociedade.

O Facebook, como dito, é o site de rede social da preferência dos brasileiros. A possibilidade de resposta aos comentários, adicionada em 2013, também oferece maior dinâmica e engajamento. Pelo fato da coleta ser manual, não há o problema de acesso a dados, ainda que a dinâmica limite o recolhimento. A escolha poderia, por outro lado, ter recaído diretamente nas áreas de comentário dos leitores do site da Folha de São Paulo on-line. No entanto, como menciona Thaisa Bueno (2015), há nesses espaços maior restrição, moderação e edição por parte do veículo. As redes sociais, por sua vez, em que pese toda a sua inclinação econômica, e a ordenação maquínica de suas engrenagens, com funcionamento de seus algoritmos tão bem preservado comercialmente, ainda se mantêm mais anárquicas na disposição de conteúdos, como se verá na análise a seguir. Tal tendência funciona como importante combustível a inflamar discursos e contendas, aproximando-se mais do objetivo de investigação aqui pretendido.

## **2.1 Teoria Fundamentada (TF)**

Na atualidade enredada, os métodos mais próximos do conhecimento gerado pelo cotidiano ganham força. Entre as possíveis abordagens para análises de redes sociais está a Teoria Fundamentada (TF), *Grounded Theory*, proposta inicialmente por Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss em 1967. Com formação em escolas metodológicas diferentes, as perspectivas teóricas de ambos se revelaram

complementares (GLASER; STRAUSS, 2006; CHARMAZ, 2009). Glaser provinha da tradição quantitativa rigorosa da Universidade de Columbia, com influência de Paul Lazarsfeld, e as teorias de “médio alcance” de Robert Merton. Strauss fez seu curso de doutorado na Universidade de Chicago, com influência de Herbert Blumer e George H. Mead, com as concepções do pragmatismo que originou o Interacionismo Simbólico.

Trata-se de uma concepção no sentido inverso ao normalmente adotado nas Ciências Sociais, de corroborar-se as teorias já existentes com a coleta de dados. Na TF, os dados fazem emergir a teoria. Como nota Kathy Charmaz (2009), a dinâmica é pelo “*desenvolvimento* de teorias a partir da pesquisa baseada em dados, em vez da *dedução* de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes” (2009, p. 17). Glaser e Strauss (2006) ressaltam, no entanto que, “Claramente [não há] nenhum conflito entre verificação e geração de teoria é logicamente necessário durante o curso de qualquer pesquisa dada”<sup>26</sup> (2006, p. 2, tradução minha). A intenção é gerar uma teoria adequada para entendimento de determinados fenômenos, a fim de se evitar a prevalência da verificação a partir de uma “teoria gerada por dedução lógica derivada de suposições a priori”<sup>27</sup> (Glaser; Strauss 2006, p. 3, tradução minha).

Charmaz (2009) contextualiza o surgimento da TF, nos Estados Unidos da década de 1960, como uma época de enfraquecimento da pesquisa qualitativa devido à sofisticação dos métodos quantitativos de análise. A crença em um método unitário de análise, a replicabilidade e a repetição proporcionadas aos experimentos e a operacionalidade de conceitos favoreceram isso. Conclui a autora, para saudar o surgimento da Grounded Theory, que os movimentos de predomínio absoluto da quantificação “fortaleceram o positivismo, paradigma dominante de investigação de uso geral nas ciências naturais” (CHARMAZ, 2009, p. 18)<sup>28</sup>. Entre os principais componentes da Teoria Fundamentada a serem observados estão o envolvimento concomitante na coleta e na análise dos dados, a construção de códigos e categorias analíticas, o método comparativo e a amostragem focada na construção da teoria, e não pela representatividade do número populacional ou de casos (CHARMAZ, 2009). A

---

<sup>26</sup> “Surely no conflict between verifying and generating theory is logically necessary during the course of any given research”.

<sup>27</sup> “theory generated by logical deduction from *a priori* assumptions”.

<sup>28</sup> Sobre o cientificismo naturalista nas Ciências Sociais, lembremos, entre as muitas críticas existentes, a de Daniel Bertaux: “[nos métodos das ciências naturais] não há nenhuma ação autodeterminada a ser encontrada na natureza, nenhum curso de ação direcionado para algum objetivo ou para convicções fortes (“valores”); não há nenhum sujeito de ação no mundo da física” (2014, p. 250).

carga de conhecimentos teóricos do pesquisador pode impactar as perspectivas iniciais na coleta de dados, mas deve-se preservar a abertura constante ao que eles representam, limitando as pré-noções. Ironicamente, como nota Charmaz (2009), Glaser e Strauss foram acusados, na década de 1990, de “positivismo”, pelo rigor metodológico e pela sua difusão, àquela década, na pesquisa quantitativa. De fato, a busca por maior rigorismo no método para análises qualitativas revela um intento e merece, em parte, o epíteto de positivista, no sentido de colocar toda a força sobre os dados, diluindo um pouco a figura do pesquisador, mas essa característica não é exclusividade da aproximação metodológica em questão. No fundo, como já disse Paul Feyerabend (1977), todo o método carrega sua dose de positivismo, que por si encobre o que pretende desvelar, suprime o livre pensar e, ao buscar progresso, regride, produzindo mais sobre o mesmo. A pretensão da neutralidade absoluta, máxima e total, acaba funcionando como obscurecimento, sombreando aquilo que não pode ser neutralizado. “A ciência que se pautar pelo bem ordenado só alcançará resultados se admitir, ocasionalmente, procedimentos anárquicos” (FEYERABEND, 1977, p.34), vaticinava ele. A saída, segundo o filósofo pós-positivista, é seguir o princípio do tudo vale, qual seja, reordenar o conhecimento de forma contraindutiva, buscando escapar da lógica de que dados devem comprovar teorias...

Os tempos, no entanto, acabaram por trazer desdobramentos à teoria original. As premissas iniciais da TF acabaram motivando divergências, mais tarde, entre Glaser e Strauss, conforme observam Frago, Recuero e Amaral (2009) e Charmaz (2009). Posteriormente, em trabalho com Juliet Corbin em fins da década de 1980, Strauss afasta-se da perspectiva original, torna mais complexos os processos de codificação e aproxima a TF da Análise de Conteúdo. A inflexão foi criticada por Glaser, devido à ênfase exagerada em categorias preconcebidas. Charmaz (2009), aluna tanto de Strauss como de Glaser, minimiza a divergência, ressaltando a neutralidade de métodos comparativos a impossibilidade de despir-se completamente de noções anteriores e da bagagem acadêmica até ali acumulada: “Pesquisadores profissionais e muitos estudantes de pós-graduação já têm uma posição consolidada em suas disciplinas antes de darem início a um projeto de pesquisa e muitas vezes têm alguma intimidade com o tema da pesquisa e com a bibliografia a ele relacionada” (CHARMAZ, 2009, p.34). Segundo a autora, é a partir desse estoque de conhecimento inicial acerca do tema que se darão os primeiros passos em direção aos dados, sem que isso contrarie os princípios da TF,

desde que se permaneça aberto às impressões iniciais coletadas. Assim, “os pesquisadores que utilizam a Teoria Fundamentada avaliam o ajuste entre os seus interesses de pesquisa iniciais e os seus dados emergentes” (CHARMAZ, 2009, p.35). Tal percepção é compartilhada pela socióloga Gabriele Rosenthal, também adepta da TF: “Interpretações, no entanto, não são possíveis sem conhecimento prévio, sem questionamentos, os quais, por sua vez, são necessários para a formação de hipóteses” (ROSENTHAL, 2014, p. 60). Fragoso, Recuero e Amaral (2009, p. 90) são ainda mais categóricas “é impossível que um pesquisador que não seja iniciante consiga entrar em campo sem percepções prévias. Se, ao contrário, reconhecer essa experiência e esse lugar de fala como existentes, essa carga de percepções pode influenciar de forma positiva”. Este trabalho é concordante com a percepção das autoras e, como visto, traz suas percepções iniciais nos capítulos anteriores sobre comentários on-line, polêmica e conflito.

Há que se destacar a aplicabilidade da Teoria Fundamentada, aberta por princípio, a um campo ainda novo como é o caso dos fenômenos sociais associados e desenrolados em ambientes com suporte virtual. Quando se fala em excesso, como é o caso, deve-se, na medida do possível, partir de uma incursão livre de pré-noções, em que os dados emergem mais pelo que são do que por subordinação teórica ou compromisso ideológico do autor, em um processo de afastar-se para a aproximação. Como defendem Fragoso, Recuero e Amaral (2009, p. 87), a TF é “particularmente interessante aos dados obtidos em um campo onde ainda há uma profusão de dados e ainda um pequeno corpo teórico, como é o caso dos fenômenos do ciberespaço”. Apesar de já contar com mais de nove anos, a proposição das autoras ainda é bastante válida dado que a relação geração de dados/ produção de teoria ainda é desigual, principalmente face à velocidade do surgimento de novas tecnologias conectivas e o aumento do engajamento dos indivíduos com estas, fazendo aparecer, a todo instante, novas interações sociais e recriações a partir destas.

Na abordagem às postagens e aos comentários decorrentes, seguiremos o modelo de codificação em três níveis: aberta, axial e seletiva (ROSENTHAL, 2009; FRAGOSO; RECUERO e AMARAL, 2009). A primeira constitui-se a partir da análise preliminar dos dados emergentes, são as mais evidentes a partir da coleta inicial. Na segunda, refinam-se essas noções preliminares, criando-se novas subcategorias a partir de uma análise mais detalhada. Ao cruzamento entre as primeiras categorias e essas

segundas deu-se o nome de codificação seletiva, a terceira etapa do processo. Em outras palavras, a codificação aberta seria originada a partir das categorias emergentes mais evidentes, após o primeiro contato com os dados; a axial constitui-se no refinamento após um contato mais aprofundado; e a seletiva, seria a análise resultante, mais ampla e subjetiva, da confrontação entre as duas anteriores, na qual o pesquisador apresenta suas conclusões. Cabe ressaltar, ainda, que por ser mais uma abordagem metodológica do que uma técnica, a TF não exclui a utilização de métodos complementares. Conforme Charmaz (2009, p. 23), “podemos utilizar as diretrizes básicas da teoria fundamentada com os pressupostos e as abordagens do século XXI”.

## 2.2 Procedimentos de coleta

Nesta tese, como não há eleição de um assunto tema como foco principal, segue-se a orientação da Teoria Fundamentada. O objetivo recai sobre a polêmica como dinâmica comunicacional e, partir daí, sobre os temas sobre os quais os atores se mobilizam, como se estruturam, e a provável repercussão social do fenômeno. Buscou-se verificar os assuntos que mobilizavam maior número de comentários nas postagens da página no Facebook dos três veículos em questão. A coleta contemplou o período de três semanas de publicações (entre os dias 4 e 10 de outubro de 2017, na *Folha*<sup>29</sup>; de 21 a 27 de maio de 2018 no *El País*; e de 20 a 27 de agosto de 2018 no *Estadão*). Ao longo de cada uma daquelas semanas, sempre 14 horas depois da última postagem do dia anterior, eram recolhidos todos os posts na página do jornal na referida rede, com título, número de comentários e hiperlink de cada um, tal como consta em exemplos apresentados nos anexos: *Open bar serve bebida a vontade por R\$ 10 na zona Oeste de São Paulo* – 8.128 comentários – <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2047394018635924>.

<sup>29</sup> No dia 8 de fevereiro de 2018, a Folha de São Paulo anunciou que deixaria de publicar em sua página no Facebook, como consequência do anúncio feito pela rede social, no dia 11 de janeiro do mesmo ano, de que iria privilegiar a exposição de conteúdos pessoais em detrimento a publicações noticiosas ou institucionais (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/foilha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>. Acesso em: 18 dez. 2018). O jornal alegava, também, que o acesso ao seu site por meio do Facebook vinha tendo queda nos meses anteriores. À época, a decisão gerou polêmica. O interessante é que, mesmo sem atualização, a página continuava recebendo comentários de leitores, especialmente durante as eleições de 2018, com manifestações desabonadoras ao jornal, como mostra o link a seguir: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2275863899122267>. Acesso em: 18 dez. 2018).



A primeira semana de análise, em que o total de publicações chegou a 525 postagens, totalizando mais de 35 mil comentários, foi prototípica, pois já a partir dessa expressiva quantidade de dados passou-se às codificações. Cabe ressaltar que os números, quando utilizados, não são tomados como verdades últimas para generalizações; aqui, serviram como auxílio para a seleção de postagens com maior número de comentários, ou seja, como guias para orientar sobre onde seria mais profícuo conduzir a análise interpretativa, dada a possibilidade mais clara de ali existir maior número de interações com viés polêmico.

A cada dia, as postagens foram separadas em três nichos: as mais comentadas; as com um número intermediário de manifestações e as com baixo número de comentários, sendo selecionadas duas postagens de cada um desses nichos. Já durante a coleta, foram elaboradas categorias temáticas para as postagens (Comportamento/ Moral; Política/ Nacional; Entretenimento/ Showbiz; Serviços/ Utilidades; Economia/ Finanças pessoais; Mundo/ Relações internacionais). Tais categorias emergiram do contato inicial do pesquisador com a coleta, em processo correspondente à etapa de codificação aberta da Teoria Fundamentada. Em seguida, analisam-se os principais comentários da publicação com maior número de manifestações de usuários por dia. Desse apanhado, então, resultam as tipologias de comentários – correspondendo à codificação axial da TF–, na qual destacam-se os concordantes e três diferentes tipos chamados de refratários.

É na análise dos comentários que se parte, então, para a fase da codificação axial da TF, na qual se procurou criar uma tipologia dos comentários. Trata-se de uma segunda etapa, pois os comentários estavam, sempre, em relação com as postagens dos periódicos, constituindo o segundo momento de pesquisa.

A descrição e a análise inicial dos dados são apresentadas nas próximas páginas. No último capítulo, então, cruzam-se as duas instâncias em uma reflexão mais profunda, correspondendo a uma codificação seletiva. Mais uma vez, cabe destacar que a orientação teórica segue, em parte, a metodológica, já que, como observa Charmaz (2009), entre as possíveis variantes da Teoria Fundamentada está a construcionista, cuja lógica de abordagem “refere-se a descobrir como, quando e até que ponto a experiência estudada está inserida em posturas, redes, situações e relações mais amplas e, muitas vezes, ocultas” (CHARMAZ, 2009, p. 179).

### **3 COLETAS DE POSTAGENS E COMENTÁRIOS E POSTAGENS: *FOLHA, EL PAÍS, ESTADÃO***

*Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.*

Walter Benjamin

A formulação de categorias para as postagens, bem como a classificação dos tipos de comentários foram elaboradas já na primeira semana de coleta, no material gerado na página da *Folha de São Paulo*. Nenhuma situação nova exigiu que fossem criadas outras categorias nas amostragens seguintes, evidenciando que aquela formulação inicial havia sido suficiente e eficaz. Daí decorre que as categorias e os tipos de comentários são detalhados neste primeiro subcapítulo. Seguem-se, pois, as os comentários nas três semanas observadas.

#### **3.1 Folha de São Paulo**

A *Folha de São Paulo* foi um dos veículos escolhidos por, entre os jornais brasileiros de abrangência nacional, é o que possui maior número de seguidores. É, entre os grandes jornais brasileiros, o que tenha feito uma reformulação editorial mais bem sucedida, iniciada em 1970 e que culminou, na década de 1980, com o Projeto Folha, de ênfase à orientação dada pelo e para o público leitor. O jornal, fundado em 1921, como concorrente a *O Estado de São Paulo*, nunca fez frente ao rival nas primeiras cinco décadas de existência. Em 1962, foi adquirido por Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Na década seguinte, sob a direção do jornalista Cláudio Abramo e com a participação de Octavio Frias de Oliveira Filho na direção, reorientou-se editorialmente, como relata Mario Sérgio Conti (1999), em parte motivado por conversas entabuladas entre os proprietários e o General Golbery do Couto e Silva. A aproximação era considerada estratégica pelos militares, já que, à

época, *O Estado* estava rompido com a Ditadura e essa via, em um novo veículo, um meio de difundir e sensibilizar o público com a proposta de uma distensão “lenta, gradual e restrita” do regime. “A reforma [editorial] se estendeu de 1975 a 1977. Segundo Frias Filho, a ideia de publicar artigos de diferentes correntes de opinião, estimulando o debate nacional e tornando o jornal pluralista, foi de seu pai” (CONTI, 1999, p. 318). Como descreve Conti, Octavio Frias de Oliveira “era dado à polêmica e promovia discussões em qualquer lugar – em casa, no escritório, na redação, em jantares – levaria os debates às páginas do jornal”<sup>30</sup> (1999, p. 318).

A relação do diário com os anos finais da Ditadura seria conturbada, com prisões e o afastamento de Abramo da chefia, seções em branco e textos de clássicos literários no lugar de editoriais. O processo culminou com o Projeto Folha, em 1984, de total apoio à campanha das Diretas Já e que representava, também, maior sintonia com o público leitor. Foi o *turning point* para galgar o primeiro posto como jornal impresso brasileiro em circulação e tiragem, além de acessos on-line e número de seguidores no Facebook.

Após a coleta inicial, na página do jornal, as mesmas foram classificadas conforme disposto na Tabela 2, na próxima página. Para a composição do quadro, foram escolhidas duas das postagens mais comentadas, duas com nível intermediário e duas com menor número de comentários.

Nesta fase, objetivam-se duas coisas: a partir das categorias formuladas para postagens da *Folha de São Paulo* no Facebook, destacar as temáticas mais suscitadas pelo interesse dos usuários; e selecionar a postagem com maior número de comentários para, então, deter-se sobre as polêmicas ali travadas. Para a composição do quadro, foram escolhidas duas das postagens mais comentadas, duas com nível intermediário e duas com menor número de comentários.

Esse momento inicial, seguindo os parâmetros da Teoria Fundamentada, corresponde à codificação aberta, de primeiro contato com os dados, e é reveladora das temáticas abrangentes para as quais estão direcionadas as discussões dos usuários. Ou seja, mostra quais assuntos são os maiores mobilizadores de engajamento e debate.

---

<sup>30</sup> Em fins da década de 1970, o jornal tinha entre seus articulistas, Alberto Dines, Fernando Henrique Cardoso, Flavio Rangel, Glauber Rocha, Jânio de Freitas, Mino Carta, Paulo Francis, Samuel Wainer e Tarso de Castro, entre outros. Após a saída de Abramo, a diretoria de redação ficou com Boris Casoy. Informações obtidas em Conti (1999) e Pilagallo (2012).

**Tabela 1:** Postagens da Folha no Facebook, divididas por número de comentários, entre 4 e 10 de outubro de 2017\*

	4/10/17 4ª feira	5/10/17 5ª feira	6/10/17 6ª feira	7/10/17 sábado	8/10/17 domingo	9/10/17 2ª feira	10/10/17 3ª feira
<b>Mais comentadas</b>	Estuprador ajudava família de menino... – 2.373	Críticos do MAM nas redes sociais – 1.997	Open bar de café serve bebida à vontade – 8.128	Open bar de café serve bebida – 3.933	Em MG, Caetano Veloso defende liberdade -1.506	“Trump serve de exemplo”, diz Bolsonaro – 1207	B M. F Bolsonaro defendeu guerra civil – 5453
	Fundo com recurso público de R\$ 2 bi é aprovado...- 1.750	Em Belém, Bolsonaro promete porte de arma ...- 1.438	Movimento separatista faz plebiscito informal -810	Hélio Schwartsman – Uma das funções da arte -2.139	Críticos do MAM nas redes sociais .... – 1311	Atacar a arte é uma tradição totalitária – 1196	Conservadores “demonizado” a arte, – 1724
<b>Intermediárias</b>	Justiça afasta dos pais...-108	Jânio de Freitas - Com desfaçatez -117	Madonna ganha visto de residência -85	Crivella é apoiado por 16% – 118	Educar aluno não é só ensinar conteúdo, – 101	Grupo atira tomates contra Gilmar Ms - 107	Danilo Gentili é entrevistado por rival -109
	Novo fone de ouvido do Google ...-106	Morre vigia que ateou fogo em crianças -108	Pesquisa aponta que medo do crime -84	Do isolamento à perversidade - 90	Brasil não cresce se não reduzir desigualda– 100	Supremo nega pedido para Senado - 98	“Swat” da PM de Alckmin emperra – 96
<b>Menos comentadas</b>	Receita – Torta de Mandacaru do Sergipe -3	Pensei que era fake news, diz vencedor do Nobel de Literatura – 8	Toques em dobro podem matar o que o Twitter -6	Em 1982, “Blade Runner” profetizava para 2019 -7	Cineastas Laurent Cantet e Paul Vecchiali – 5	Incêndios atingem a Califórnia – 4	Editorial – Arranjo tortuoso – 8
	Trio vence Nobel de Química- 3	“BladeRunner 2049”, “Pica Pau” estreiam; crítica - 7	Cúpula das forças armadas minimiza -5	Jeniffer Lopez e Lin-Manuel lançam - 4	Empresas podem ter recursos no FGTS – 0	Como identificar ruídos do carro – 3	Incêndios deixam 13 mortos – 6

\*A íntegra dos títulos e os links das postagens encontram-se nos anexos.

Categorias por cor: Azul - Comportamento/ Moral; Verde - Política/Nacional; Marrom – Entretenimento/ Showbiz; Vermelho: Mundo/ Relações internacionais; Laranja – Economia/ Finanças Pessoais; Cinza – Serviços/ Utilidades.

Sem requerer grande atenção, nos sete dias analisados, salta aos olhos a predominância de temas das categorias Comportamento/ Moral (sete entre as 14 mais comentadas da semana) e Política/ Nacional (cinco no mesmo período). Apenas na sexta-feira (6/10) e no sábado (7/10) é que elas não figuram como a postagem mais comentada, dando lugar ao post da categoria de Entretenimento/ Showbiz (*'Open Bar' de café oferece bebida à vontade por R\$ 10 na zona Oeste de São Paulo*), que pelo sucesso do primeiro dia foi repetida, totalizando, nos dois dias, mais de 11 mil comentários. Comportamento/ Moral e Política/ Nacional também apresentam bastante incidência entre os *posts* com nível intermediário do número de comentários.

É notório, também, que *posts* com matérias sobre Economia/ Finanças pessoais e Mundo/ Relações internacionais apresentam baixa incidência de comentários, despertando poucas ou, às vezes, nenhuma polêmica entre os usuários. É interessante perceber que postagens de viés jornalístico, mas quase institucional, como o editorial e a capa da edição impressa da *Folha de São Paulo* também despertam pouco interesse para manifestações. Entre as explicações possíveis para isso estão a repetição (no caso da capa) e a sisudez do texto (no caso do editorial, sendo este geralmente postado entre 23h30 e 1h).

Outra categoria com baixo interesse é a de Serviços/ Utilidades, outrora alardeada como uma das principais funções do jornalismo, talvez, justamente, por oferecer conteúdos que se encerrem em si mesmos, como dicas sobre a conservação do motor de um automóvel, por exemplo. Na mesma classificação caiu, por exemplo, uma receita de bolo. Aparentemente, a velha função do jornalismo como prestador de serviços diluiu-se em um ambiente em que predomina a interação e as torças verbais, como se tópicos que, muitas vezes, dizem respeito ao interesse individual de cada leitor não merecessem ganhar um status de repercussão coletiva.

A título de ilustração, vale lembrar que no já mencionado trabalho de Thaísa Bueno (2015), levantamento semelhante foi realizado em *O Globo* e na *Folha de São Paulo*, por uma semana, em janeiro de 2014. A coleta foi feita diretamente nos sites dos dois veículos, não no Facebook ou Twitter, em que foram contempladas as matérias mais lidas, as mais comentadas e as mais enviadas. Entre as que tiveram maior número de comentários (em média, entre 100 e 200, sendo que, no caso da *Folha*, a matéria mais comentada totalizou 316 inserções) naquelas plataformas, despontam os temas nacionais e de política, sendo raras as ocorrências envolvendo assuntos relacionados a

aspectos morais da sociedade. Em uma análise superficial, a principal diferença observada entre *O Globo* e a *Folha* é que, no primeiro, entre as mais comentadas, encontram-se também diversas matérias da editoria de Esporte, mas especificamente sobre os clubes de futebol do Rio de Janeiro. À época, entre os principais assuntos daquele começo de ano estavam os motins no Complexo Penitenciário de Pedrinhas, no Maranhão, e a descoberta da gravação em que o presidente norte-americano John Kennedy cogitava oferecer apoio militar para uma intervenção, no Brasil, para destituir o presidente João Goulart.

Também vale a menção para a pesquisa elaborada pelo diário londrino *The Guardian*<sup>31</sup>, com 70 milhões de comentários hospedados no portal do jornal entre 1999 e 2016. No total, 1,4 milhão de comentários (2% do total) foram bloqueados por conterem insultos ou ataques pessoais. Entre as editorias com maior número de mensagens bloqueadas estão notícias internacionais, opinião, meio ambiente e moda. Assuntos como palavras cruzadas, esportes (cricket e corrida de cavalos) e música (jazz) geralmente apresentam um tom respeitável, ao contrário de temas como o conflito Israel/ Palestina, feminismo e estupro. Textos redigidos por mulheres atraem mais comentários bloqueados, apontou o levantamento, entre outras conclusões.

Após essa breve contemplação da tabela, passa-se à apresentação e análise das principais postagens da semana contemplada e os dois principais comentários, com algumas das respostas despertadas.

### 3.2 Posts coletados

No primeiro dia de coleta, 4 de outubro de 2017, a postagem com maior número de comentários foi *Estuprador ajudava família de menino deixado com ele em cela no Piauí* e enquadra-se na categoria de Comportamento/ Moral.

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/apr/12/the-dark-side-of-guardian-comments>. Acesso em: 11 nov. 2017.



Figura 2: Família deixa menino com esturpador em cela no Piauí<sup>32</sup>

A matéria dava detalhes sobre o caso em que o pai havia deixado o filho de 13 anos na cela de um preso culpado por estupro de vulnerável no Piauí. Na chamada, a declaração do pai: “Eu não sabia que ele era esturpador, ele me enganou e disse que tinha apenas matado a mulher”. Foi a deixa para o comentário com maior número de respostas (106)

**B.G.** "Apenas" matado uma mulher. Então ok, vou deixar meu filho com esse assassino. Tranquilo.

O usuário adota a ironia para destacar o horror do ato paterno. Devido ao assombro gerado pelo fato, as manifestações seguiram a linha defendida pelo usuário, em manifestações como “pensei a mesma coisa”, “ia escrever o mesmo”, etc. Trata-se de um repúdio pela ironia corroborado pelos demais leitores, em um efeito catártico contra a vilania perpetrada pelos pais do menino.

<sup>32</sup> Disponível em : <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043633029012023>. Acesso em: 5 out. 2017.

O segundo comentário com maior número de respostas (73), postado exatamente no mesmo horário que o primeiro, passa longe da concordância unânime e alimenta a controvérsia.



**G.I.** Mas segundo alguns, se tem o consentimento dos pais não há nada de errado.

[Curtir](#)

O usuário faz menção indireta ao caso da menina que orientada pela mãe toca um corpo nu de um homem durante coreografia “*La Bête*” na abertura da exposição, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), no dia 26 de setembro de 2017. O início da frase “Mas segundo alguns” dá claramente a entender que o usuário não se encontra entre os que assentiram com o ocorrido e pressupõe que, aqueles que o fizeram, ou que relativizaram o episódio, não deveriam se surpreender com o ocorrido no Piauí. O desenrolar das respostas mescla dúvidas morais com questionamentos sobre posicionamentos políticos e que, como se verá, sintetiza as preocupações demonstradas pelos leitores ao longo da semana. A primeira mensagem em resposta, de uma usuária, concorda: “né não”. O segundo, a interpela: “Selo de forçação de barra e descontextualização pra você, senhora”. Outro usuário o reprime ofensivamente: “Selo de babaca maconheiro esquerdista que apoia a pedofilia!”. A discussão, então aprofunda-se, formando dois grupos, os que concordam com o comentário inicial e acham válido comparar a situação do museu com a do presídio, e os que repudiam esse viés. Não há conciliação entre os dois grupos.

No dia 5/10, uma quinta-feira, casualmente, a postagem mais comentada do jornal dava continuidade ao tema da contenda do dia anterior: *Críticos do MAM são homens, religiosos e de direita, indica análise*.





Figura 3: Coluna aborda perfil de críticos das redes sociais <sup>33</sup>

O post versava sobre dados trazidos pela colunista Mônica Bergamo a partir de levantamento feito pela empresa Social QI. Pretendia denunciar o perfil conservador dos críticos ao museu, sendo que esses eram na maioria homens (62%), evangélicos (40%) e de direita (82%). O primeiro comentário em número de respostas era no sentido de reafirmar o conservadorismo, com apelo à religião:

**R.F.** Faz sentido já que 86% da população brasileira é Cristã. Tão achando que vão impor sua vontade de tarados aqui ? Vocês são minoria, comportem-se como tal.

Entre as respostas, a que gerou maiores reações (curtidas), orientava-se no sentido oposto.

**A.V.F D. A.** Provou ser ignorante, desinformado e preconceituoso. Cresce cara, só fica no mesmo lugar quem quer. A academia esta aí promovendo debates na área. Procure se pautar por dados reais, não por paginas da internet. Opinião não é argumento.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2045312485510744>. Acesso em: 7 out. 2017.

A tréplica vem com demonstrações de discurso de ódio, encerrando o diálogo entre os dois:



**R. F.** A.V.F.D.A Meu pequeno mentecapto, não é minha opinião que diz que 86% dos brasileiros são cristãos. São os dados. E a Academia brasileira é um esgoto disfarçado de saco de lixo.

A temática do dia anterior e a comparação entre o menor na cela do estuprador e a exposição no MAM volta a surgir:



**M.C.** R.F., quem foi que levou a criança ate la e ainda incentivou a tocar no corpo nu do ator que estava trabalhando ? só me responda isso



**R.F.** M.C. foi que levou aquele menino de 11 anos na cadeia e colocou ele pra dormir na cela de um estuprador? Só me responda isso.

Esta é a última participação do autor inicial do comentário. A discussão se desenrola tendo como linha preponderante a questão da pedofilia na igreja (como oposição ao autor do comentário) ou sobre a relação entre apoiadores da esquerda e pedofilia (de apoio ao autor).



Figura 4: Postagem supera os 8 mil comentários<sup>34</sup>

No dia 6/10, uma sexta-feira, a postagem mais comentada, com 8.128 manifestações, deloca-se e passa a ser da categoria Entretenimento/ Showbiz, com o link para a matéria *'Open bar' de café serve bebida à vontade por R\$ 10 na zona oeste de São Paulo*. As características dos comentários também mudam drasticamente com a inserção de uma temática mais leve em uma sexta-feira. Não há tão claramente, como nos outros casos, a formação de grupos favoráveis ou contrários à opinião de um usuário, mas manifestações difusas, em tom bem-humorado.

O número de respostas a determinado usuário, que nos casos anteriores chegava a mais de 100, também é restrito, já que, na maioria dos comentários, cada usuário marcava um amigo, ora informando da existência da promoção, ora desafiando a quantidade que cada um seria capaz de tomar: “T.S. lembrei de você e seu café de todas as aulas”; “Olha isso Y.S., vamos marcar e morrer de tanto tomar café kkkk”; “Olha T.SS! Pena que vc ã pode tomar mt café ag né?”.

Dois comentários geraram mais manifestações. Um deles trazendo uma informação a partir de uma experiência pessoal:

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2047394018635924>. Acesso em: 6 out. 2017.



**F.L.T. S.** Fui num café que você paga por hora e pode tomar café, comer uns biscoitos e usar o Wi-Fi. Genial!

O outro, mais uma vez, provoca polêmica por expressar um tom dissonante em relação ao humor leve que preponderava nos demais comentários.



**R.A.M.** Obrigado não tomo café e nem refrigerante; causa problemas cardíacos e diabetes.

Aparentemente, poderia ser também uma ironia, mas, pelo desenrolar da conversa e pelo próprio perfil do usuário, essa possibilidade torna-se mais remota. É uma expressão individual acerca do tema, de certa crítica ao hábito de beber café, reprodutora de uma crença popularmente arraigada de que a ingestão do líquido faz mal à saúde. Mesmo denotando o senso comum, destoa no ambiente em que foi inserida. O rechaço à divergência, de forma sarcástica e pouco tolerante, é expresso, entre outros, pelo usuário YO W.F.: “Você já morreu e não tá nem ligado” ou pela usuária J.L.: “Chatice causa mais problemas que o café. Nem respira pq o ar ta contaminado”.

No dia seguinte, um sábado, pelo sucesso obtido na véspera, a postagem é repetida e, dessa vez, alcança outros 3.933 usuários. O tom das manifestações repete-se, sendo que o comentário com maior número de respostas é marcado pelo humor:



**G.V.J.** Esse pessoal da capital tá muito atrasado. Rola open bar de café em qualquer clínica aqui no interior.

No domingo, voltam as polarizações, com a temática Comportamento/Moral. Desta vez, além do viés em si divisório característico da categoria, as contendidas parecem inflamar-se com a entrada de um representante do showbiz, Caetano Veloso.

A matéria<sup>35</sup> referia uma coletiva dada pelo cantor naquele domingo em Belo Horizonte, após visitar a exposição *Faça você mesmo a sua Capela Sistina*, do artista Pedro Moraleida. “Algumas pessoas podem estar enganadas, pensando que estão defendendo os bons costumes e a segurança da família, mas na verdade isso é um esboço de opressão”. A fala do cantor não é provocativa, mas defensiva: “Eu vivi o período da ditadura militar e não quero nada parecido com isso”. A matéria lembrava que as “polêmicas começaram” quando a exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, teve de ser cancelada e após a interação do ator nu com um a criança no MAM.

---

<sup>35</sup> Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1925494-em-mg-caetano-veloso-defende-liberdade-de-expressao-de-artistas.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fbfolha](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1925494-em-mg-caetano-veloso-defende-liberdade-de-expressao-de-artistas.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha). Acesso em: 11 out. 2017.



Figura 5: Defesa da liberdade expressão gera polêmica <sup>36</sup>

O primeiro comentário vai de encontro sobre que havia mencionado o cantor.



**M. S.** Digo e repito: Façam o que quiserem entre adultos que concordam e com seu dinheiro. Deixem nossas crianças e nosso suado dinheiro em paz!  
Se vocês apoiam pedofilia e outras atrocidades eu BOICOTO seus filmes, novelas, séries, peças, livros, cds, dvds etc.  
Vocês sem público, nem sequer existem!

A maioria das respostas endossa o comentário e duas das que se destacam por gerar mais reações (curtidas e emoticons) tem cunho político: F.B. – “Mitou e melhor Jair se acostumando”, em clara referência ao deputado federal e pré-candidato à presidência Jair Bolsonaro. Outro marca o canal #mamaefalei, de Artur do Val, líder do

<sup>36</sup> Disponível em : <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2051583438216982>. Acesso em: 11 out. 2017.

Movimento Brasil Livre. As respostas que divergiam do comentário principal, claramente em menor número, eram interpelados pela autora ou pelos demais usuários que com ela concordavam. O argumento contrário era, muitas vezes, uma ofensa curta: “Você é pedófilo”.

O segundo, faz uma defesa da Ditadura Militar:



**R.S.** Meu eterno agradecimento aos militares de 64, salvaram o Brasil de uma ditadura comunista. Não quero meu dinheiro da Lei Rouanet para esses comunistas de iphone. Não destruam a inocência de nossas crianças, se querem arte escrota se banquem sema crianças.

A divergência aí, então, é maior. Entre as manifestações, referências (mais de uma) a Umberto Eco (“os comentários daqui sempre evidenciam o óbvio: a internet deu voz aos imbecis”) e “A senhora está bêbada”, “Viu o que dá cabular as aulas de história” e hashtags como #gomourao, em alusão ao general Antônio Hamilton Mourão, que em setembro de 2017 havia defendido uma intervenção militar no país, e #ustravive, referência ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, acusado de tortura durante a Ditadura Militar e homenageado por Jair Bolsonaro na sessão da Câmara Federal que decidiu pelo afastamento de Dilma Rousseff da presidência em abril de 2016.

Casualmente, na segunda-feira, 9/10, as atenções voltam-se a uma declaração de Bolsonaro, então em visita aos Estados Unidos, na qual compara-se com o presidente Donald Trump:



Figura 6: Bolsonaro compara-se a Donald Trump<sup>37</sup>

Pelo potencial do texto, o comentário com maior número de interações (178 respostas) vem em um tom mais forte que os demais:



Quase que em uníssono, as respostas são, na expressiva maioria, de apoio ao deputado federal, muitas com alguma violência contra o autor inicial: “A.L. Chora mais bebê, que hidrata e limpa os pulmões. BOLSONARO presidente vem aí”; JCP : “#BOLSOMITO”.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2052749844767008>. Acesso em: 13 out. 2017.



O segundo comentário com maior número de respostas faz uma crítica, tentando demonstrar uma suposta contradição no discurso do pré-candidato.



**F.R.** Só no Brasil mesmo que um "nacionalista" ou "Patriota" assume publicamente que será uma putinha dos EUA, ser um Capacho dos gringos, dr Enéas se contorcendo no túmulo neste momento.

É, então, taxado de esquerdista: C.K. “Vc prefere ser putinha de cuba né!!!” T.C.S: “Quanto ódio dos EUA...vejo uma invejinha forte...” T.M. “vc é uma putinha do Lula e do Fidel”.

No dia seguinte, terça-feira, 4/10, o deputado federal voltou a ser tema da postagem com maior número de comentários. Desta vez, o post trazia um texto do colunista Bernardo Melo Franco<sup>38</sup>, no qual lembrava antigas posições do deputado expressas em uma entrevista concedida em 1999. Tortura, guerra civil, volta da ditadura e o fuzilamento do então presidente Fernando Henrique Cardoso eram as posições destacadas no texto.

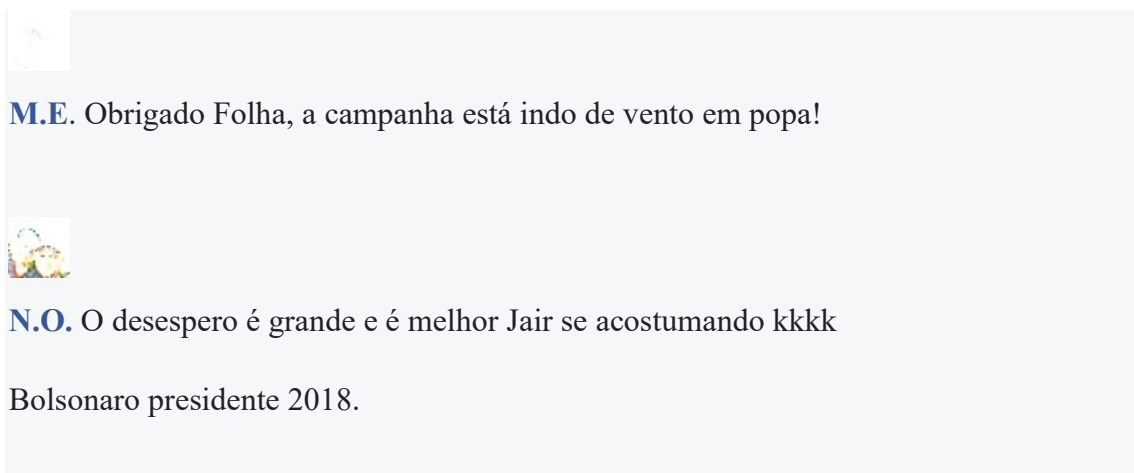
---

<sup>38</sup> Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2017/10/1925781-bolsonaro-sem-retoques.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fbfolha](http://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2017/10/1925781-bolsonaro-sem-retoques.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha). Acesso em: 21 out. 2017.



Figura 7: Entrevista é lembrada por Bernardo Melo Franco <sup>39</sup>

Os dois principais comentários em respostas eram, dessa vez, de apoio ao deputado



As opiniões, então, dividem-se entre o apoio e o rechaço ao pré-candidato, sem grandes discussões. Apenas um usuário fez intervenções semelhantes nos dois comentários.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2053579114684081>. Acesso em: 13 out. 2017.

**J. B. F. L.** Alguém pode nos apresentar as contribuições do parlamentar para o Estado que ele representa? Em 30 anos, o que ele fez pelo Rio? Por que não tentou ser prefeito da capital? Por que não foi governador? O Estado com os mais graves problemas de violência não mereceu uma parcela da contribuição daquele que afirma ser solução para os problemas do Brasil?

**J. B. F. L.** Desespero maior tá no Rio de Janeiro, que o seu ídolo representa há quase 30 anos e a única contribuição foi garantir a mamata pros filhos.

A resposta vinha sempre relativizando o deputado como “representante do Rio”, alegando o fato de nunca ter sido prefeito ou governador. Também explora o conhecido baixo desempenho como parlamentar na proposição de projetos ao longo dos mais de 20 anos de Bolsonaro na Câmara.

A análise dos comentários propiciou a criação de quatro categorias que correspondem a uma etapa de codificação axial: **Refratário opositivo**, **Refratário irônico**; **Refratário casual**; **Concordante**. Note-se que, à exceção de duas das postagens (“Estuprador ajudava família...”, em 4/10, e “Open bar de café...”, em 7/10) todas as demais contam como comentário principal posicionamentos refratários ao tom preponderante nos textos do jornal.

Entre os comentários concordantes, praticamente não há oposição por parte dos usuários responsivos, formando blocos com relativa unidade. Tal manifestação não deve ser encarada como uma bolha ideológica, dado que estas se referem mais a posicionamentos políticos, o que nem sempre é o caso aqui (por exemplo, em torno da matéria sobre o menino na cela com o estuprador, em que a repulsa é generalizada nas repostas ao primeiro comentário).

Nas manifestações refratárias, a polêmica surge em todos, à exceção daquele que se destaca na postagem sobre a defesa de Caetano Veloso pela liberdade de expressão (8/10) em que a expressiva maioria se perfila na mesma linha da usuária que ameaça o boicote a obras de artistas que, na concepção dela, “defendam a pedofilia”.

Em nenhum dos dias, os dois principais comentários foram concordantes. Observa-se que os comentários, mesmo pertencendo a uma categoria, são bastante

diferentes entre si, se forem considerados aspectos como estrutura, interação, e, principalmente, sentido. A distinção torna-se mais nítida se observados os diferentes tipos de comentários refratários, que manifestam de forma diversa do sentido expresso na postagem do jornal:

**Refratário irônico** - denota sua discordância por meio de uma subversão linguística, zombando de algum ponto específico do texto ou fazendo referência, em tom jocoso, a alguma outra opinião anteriormente expressa. Contém uma certa crítica, ao contrário do humor ou do *nonsense*, muito comuns nas manifestações nas redes.

**Refratário opositivo** - manifesta claramente a divergência em relação a postagem, de forma acintosa.

**Refratário casual** - O tipo casual é aquele que, mesmo sem a pretensão de gerar polêmica, acaba se diferenciando dos demais usuários e torna-se diferente em relação a opinião dos demais no grupo, como é o caso daquele usuário que não indica o uso do café por supostamente causar problemas de saúde.

Por fim, como correspondente à etapa da codificação seletiva, cruzam-se as categorias elaboradas para as postagens, conforme a tabela a seguir.

**Tabela 2:** Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas da Folha de São Paulo, por dia.

	4/10/17 4ª feira	5/10/17 5ª feira	6/10/17 6ª feira	7/10/17 sábado	8/10/17 domingo	9/10/17 2ª feira	10/10/17 3ª feira
<b>Postagem (Categoria)</b>	Comporta. /Moral	Comporta. /Moral	Entretenim. /Showbiz	Entretenim. /Showbiz	Comporta. /Moral	Política /nacional	Política /nacional
<b>1º comentário com maior número de respostas</b>	Concordante	Refratário opositivo	Concordante	Concordante	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário irônico
<b>2º comentário com maior número de respostas</b>	Refratário irônico	Concordante	Refratário casual	*	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário irônico

\* Nesta data, não houve segunda postagem que mobilizasse as atenções dos usuários, o número de respostas a comentários fica pulverizado, nunca ultrapassando três.

Entre os principais tipos de comentário, nota-se a preponderância do opositivo (cinco manifestações em 13), seguido pelo Concordante (4), Refratário irônico (3) e Refratário casual (1).

A categoria Entretenimento/ Showbiz, representada pela mesma postagem repetida dois dias seguidos, teve como principal comentário em ambas datas expressões concordantes. De modo geral, apresentou pouca polêmica.

### 3.3 El País

A coleta de posts do El País foi realizada de 21 a 27 de maio de 2018 e coincidiu com um dos eventos de maior atenção no primeiro semestre de 2018: a greve dos caminhoneiros. É importante ressaltar que se trata de mera coincidência, dado que escolha por este período, aleatória como as demais, foi anterior ao início do movimento. A maior repercussão no noticiário também só foi observada após o terceiro dia de coleta.

A segunda-feira (21/05) inicia a semana repercutindo a reeleição de Nicolás Maduro na Venezuela, postagem<sup>40</sup> que recebeu maior número de comentários (172), bastante compreensível dada a atenção dispensada pelos brasileiros na história recente à política no país vizinho. Apesar de ser uma notícia da categoria Mundo/ Relações internacionais, tem forte aproximações com temas da política nacional, por onde a discussão envereda.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1814410461952229>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Figura 8: Notícia da hora informa sobre reeleição de Nicolás Maduro

O texto introdutório informa que o pleito teve “uma forte abstenção” e “denúncias de fraudes”. Mote mais que suficiente para o recrudescimento de ânimos e o surgimento do primeiro comentário refratário com maior número de respostas.



**A.L.** Grande número de observadores internacionais, várias medidas de proteção eleitoral, Venezuela está segura com as eleições, e escolheu quem o povo achou melhor para o país. Viva a Venezuela.

O segundo em número de respostas (32) vai exatamente no sentido contrário:



**O.T.** Ditadura Venezuela ampliada de maneira Fraudulenta!!! Enquanto o povo sofre na miséria, e troca os votos por esmolas do governo corrupto e assassino.

Essa disputa, mantida entre seguidores de direita e esquerda, perpetua-se ao longo de todos os demais comentários, alguns agregando informações, outros

ironizando a escolha dos opositores, muitos repetindo chavões consagrados sobre o tema (“te muda pra lá”) ou de pouca consistência (“não houve fraude alguma”), sem dados. Alguns manifestando desgosto com os rumos da discussão radicalizada: “Esse dualismo bem x mal, esquerda x direita, chega a soar como esquizofrenia...” Mesmo com o rechaço à polarização, os principais comentadores mantiveram-se engajados, postando mais de um comentário, dando sequência às discussões acoloradas.


No segundo dia de coleta (22/05) a dinâmica de polemizar sobre fatos do exterior, mas com paralelos constantes à realidade local, é mantida. Dessa vez, o tema é a liberação da maconha no Uruguai<sup>41</sup>. A chamada é em si provocadora: *Uruguai inicia venda de maconha em farmácias e revoluciona a política mundial de drogas*.



Figura 9: Matéria destaca pioneirismo do país vizinho


A matéria enfatizava a tradição do país vizinho no pioneirismo em “abolir a escravidão, aprovar o ensino laico, o divórcio e em legalizar a prostituição. (...) Tudo chega antes no Uruguai, que quase sempre serve de modelo para que outros sigam o mesmo caminho”. Tal prognóstico alarma alguns:

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1815164848543457>. Acesso em: 7 ago. 2018.

  
**M.T.** Uma das poucas coisas ruins do Uruguai.

A interpelação lacônica enseja 46 respostas e demanda mais argumentação do autor original. “Não disse que a repressão do Brasil é boa. Mas que maconha é ruim, isso já é comprovado. Retarda o raciocínio e deixa as pessoas lerdas e com dificuldades cognitivas - além de diminuir os níveis de testosterona”. O leitor é, então, instado a trazer “pesquisas” científicas que comprovem as falas, o que o faz. A discussão centra-se, então, na qualidade dos links com artigos trazidos. Apesar de o autor do comentário inicial ser permanentemente relativizado, o nível da discussão difere das anteriores, com menos ataques pessoais e mais foco em “dados científicos”.

O segundo comentário em respostas (41), também questiona a liberação, não pelos supostos malefícios, mas pela pretensa ineficácia da medida.

  
**M.H.C.** Não diminuiu nem um pouco a criminalidade, e são poucos os que pro curam essas farmácias. A maioria dos viciados não querem se cadastrar, e a maioria das farmácias não querem se tornar ponto de venda de maconha.

O maconheiro continua comprando do traficante, pois a quantidade vendida em farmácias não é o suficiente.

De forma mais diluída, sem ensejar tantas repostas, os demais comentários são favoráveis à medida adotada pelo Uruguai, por diferentes razões, com diferentes níveis de apoio.

No terceiro dia, 23/05, uma quarta-feira, a greve dos caminhoneiros começa a despertar maior atenção<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817661078293834>. Acesso em: 7 ago. 2018.





Figura 10: Greve começa afetar abastecimento

A matéria indicava os primeiros sinais de caos no abastecimento (que duraria até a semana seguinte) e de um governo já acuado, buscando oferecer concessões. O comentário com maior número de respostas enaltece a greve e suas consequências. Além de não ser refratário em relação ao texto, conclamava os demais leitores à adesão à causa, o que de certa forma é o que acontece.



**R.L.** Vocês entenderam amiguinhos, porque não se pode boicotar os protestos e greves da CPTM/ Onibus/ CORREIOS e afins (GREVE GERAL É GREVE GERAL!). O que locomove o país é a máquina do capital, por isso nada pode parar. Esses caminhoneiros são os trabalhadores, sangue de nosso sangue e a vitória deles é nossa vitória também e que continue assim.

De forma geral, em seu primeiro dia com efeitos mais amplos, a greve é apoiada, ainda que apareçam ressalvas. Alguns usuários questionam o apoio incondicional ao movimento



**L.T.** Estranha greve de "caminhoneiros" essa que recusa pautar coisas pra própria categoria, como pausas pra repouso, enquanto discute preços em refinarias só do diesel e não toca nem se importa com preços dos combustíveis para os veículos passeio (gasolina e alcool). Estranha greve aplaudida pela rede Globo enquanto ela fala mal de todo movimento grevista e o quanto ele "atrapalha o trânsito". Isso soa mais a paralisação estimulada por patrão (que se chama locaute) do que greve. O que não tira o mérito de todos os descontentes com os preços do combustível se organizem de outras maneiras. Pq que está um preço absurdo pra população está! Só não podemos cair em ciladas que apresentam defender interesses do povo e que não realidade não estão (é cilada bino!)

**M.K.** Esse movimento NÃO É UMA GREVE! Mas orquestrado por donos de frotas, os mesmos que apoiaram o Impeachment da Dilma, os mesmos que apoiaram o Golpe, os mesmos que pedem intervenção militar! Não promovam assim, esclareçam que tipo de movimento é esse, como jornalistas precisam ter cuidado com o que divulgam! Nós, o povo que não apoiou e nem apóia esse tipo de pressão merecemos respeito!

Interessante notar a dinâmica diversa dos comentários em cada dia. No primeiro dia, polarização clara entre sobre política internacional espelhada na realidade brasileira. No segundo, os dois comentários de desaprovação sobre a venda da maconha do Uruguai se destacam em meio à maioria de apoio à medida. Em relação à greve, as manifestações que questionam o movimento são ignoradas em detrimento ao apoio majoritário.

Na quinta-feira, 24/05, uma surpresa. Mesmo com o agravamento decorrente do desabastecimento pela greve, a principal postagem trata de um assunto prosaico, atemporal e produzida pela redação espanhola do jornal. Isso é explicável pelo fato de, com o crescimento da paralisação, o assunto ter sido desdobrado em quatro matérias, contra duas no dia anterior, diluindo o número de comentários com o aumento de posts sobre o assunto. *Oito coisas que você pensa que seu gato gosta, mas não gosta*<sup>43</sup> é a postagem mais comentada do dia. Mesmo com o grande número de mensagens dos usuários, esparsas, não há a concentração em torno de um comentário.

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817508101642465>. Acesso em: 8 ago. 2018.



Figura 11: A relação homem-animais entre as mais comentadas

A matéria em tom leve, com oito verbetes e imagens em GIF, aparentemente remete a um tema ameno e, pelo formato, caro à cibercultura. No entanto, o contraditório expresso no título, sobre a falsa impressão que se tem do comportamento felino, reverte qualquer expectativa em relação à frivolidade. É colocado em pauta o dilema moral que envolve o tratamento a um outro ser vivo, tão próximo aos humanos das cidades, e que embala os entusiastas da causa animal. Além de alguns pontos sobre o comportamento específico dos animais, causadores de controvérsia, a principal revolta dá-se por pela primeira frase do texto: “A graça dos gatos é que são inexpressivos, indolentes e quase inalteráveis”.



**G.V.** Bah...reis da inexpressividade kkkk

É cada uma!

Os meus sempre se expressam, fazem caras e bocas, falam com gestos, miados e ronrons. Apaixonantes 🙄:-\*



**G.F.** La vem os experts tenho gato a mais de 30 anos, e sim tem gato que gosta de apertar barriga e até abraços

A ironia contida neste segundo comentário propicia um número maior de respostas e um certo aumento da agressividade, mas sem uma alteração muito significativa do tom preponderante das manifestações.

Na sexta-feira, 25/05, com a escassez de combustível, diversas atividades no país são paralisadas. A postagem mais comentada é a entrada ao vivo (o que em si impulsiona qualquer post no Facebook, pelos alertas que disparam aos usuários), do repórter Felipe Betim, da rodovia Régis Bittencourt, entrevistando caminhoneiros e simpatizantes<sup>44</sup>. A postagem é mais comentada não só do dia, mas da semana.

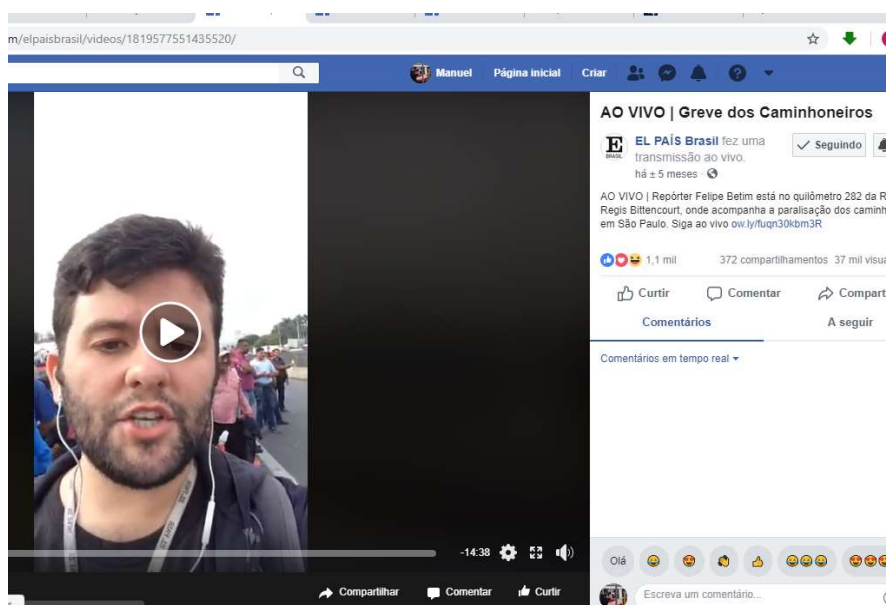


Figura 12: repórter entrevista caminhoneiro em greve

No vídeo, caminhoneiros elencavam suas reivindicações, como a fixação do preço do óleo diesel, dificuldades no exercício da profissão e críticas ao governo Temer.

De certa forma, repete-se a dinâmica da postagem anterior sobre a greve, com apoio e algumas (poucas) sugestões sobre a real origem do movimento. Dessa vez, no entanto, o questionamento maior é sobre as faixas pedindo “Intervenção militar já”, explicado por um caminhoneiro durante o vídeo. A exortação seria uma resposta a ameaça do presidente de que usaria as Forças Armadas para pôr fim aos excessos e ao próprio movimento.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1819577551435520/>. Acesso em: 5 ago. 2018.



P.J. · 4:22 "Intervenção militar para termos novas eleições" Esse tá bem equivocado.

A defesa veio imediata:



R.R. · 5:13 Gente, não dá para levar em consideração o pedido deles de intervenção. Tratam-se de pessoas humildes, sem a noção do que implica essa escolha...

No sábado, com as promessas de encerramento da greve na semana seguinte, o assunto principal poderia ser uma amenidade. Mas a pauta política, pelo viés do entretenimento, volta às discussões. Em entrevista à redação madrilenha, o documentarista João Moreira Salles aborda uma temática que, em termos de repercussão, rivaliza com a greve dos caminhoneiros no primeiro semestre daquele ano: a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “A prisão de Lula vai contaminar a democracia no Brasil nas próximas gerações”, afirmava Salles<sup>45</sup>. Na Espanha, para apresentar o documentário *No Intenso Agora*, além de questões relacionadas ao filme e a sua carreira, ele abordava o momento político do Brasil, dizendo que o PT precisa fazer uma autocrítica que jamais fez e que “próximo presidente estará sempre à sombra da legitimidade, pois terá ganhado porque Lula não estava na disputa”.

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1820741431319132> . Acesso em: 8 ago. 2018.



Figura 13: Entrevista evoca política e aspectos morais

A reação parece rápida, e aborda questões pessoais do documentarista, desviando a linha central em discussão:



**F.D.** Ele não pode falar nada, sem vergonha ! Tirou 9 bilhões limpo enquanto eu e todos os brasileiros morremos com 27,5% na fonte ! Veja se ele está afim de ser taxado no lucro dele! Aliás todos os países fazem isso.

O valor, supostamente, é uma referência ao recebido por Salles como dividendos do grupo Itaú-Unibanco, do qual sua família é uma das proprietárias. As 21 respostas ficam centradas em torno do tema da tributação de bancos e super-ricos. Preponderam as críticas ao crítico inicial, refração ao refratário, acusando-o de não entender nada sobre taxaço de lucros. Como no caso da maconha no Uruguai, os usuários colocam links elucidativos sobre a tributação financeira. Recursos externos que buscam um endosso técnico à argumentação, mas que, invariavelmente, não aplacam as contendas. Pelo contrário, são refutados ou relativizados. Mais uma vez, um tema político envereda para o campo da moral: o que fica posto é que o entrevistado não seria moralmente abalizado para comentar qualquer aspecto da política nacional. Desenrola-se um debate

sobre tributação no qual estar informado sobre o assunto não é apenas questão de conhecimento, mas de justiça e coerência moral. Torna-se, portanto, uma comunicação interminável, ainda que o número total de interações seja baixo.

O segundo comentário em interações tenta corrigir o entrevistado, que em determinado momento fala que “Se temos hoje Michel Temer é porque Temer foi o vice-presidente de Dilma”.



**P.A.F.B.** Não, se temos hoje Michel Temer é porque tiraram Dilma em um golpe parlamentar. Golpe a gente sabe quando começa mas não quando e como termina.

As manifestações, então, se dividem em a apontar a culpa pela presidência de Temer ao PT ou ao ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha.

No domingo, então, o foco volta-se a uma pauta comportamental. *O casal de aposentados que trocou a cadeira na varanda pela volta ao mundo*<sup>46</sup> gerou 330 comentários



Figura 14: Matéria desperta discussão sobre aposentadoria

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1819498411443434> . Acesso em: 8 ago. 2018.



O texto traz a história de Debbie e Michael Campbell, de 61 e 71 anos, que deixaram Seattle para percorrer 68 países e 200 cidades. Ao término da semana, então, as postagens geram pouca polêmica. A maioria endossa a decisão do casal e manifesta desejos de fazer algo semelhante. Entretanto, a realidade política do país não desaparece.



**E.M.** Aqui no Brasil não vai dar. Não teremos aposentadoria nem férias. Esqueceram?

Também é criticada a adequação da matéria, também tendo em vista o contexto brasileiro.



**F.O.I.** Como se todos os aposentados do mundo pudessem fazer isso... matéria patética.

Enfim, apesar da greve dos caminhoneiros, um assunto dominical predomina, com menos conflitos do que nos dias anteriores. Assim como no sábado, o nível de beligerância é menor do que no restante da semana.

Contemplando-se os sete dias coletados na página do *El País*, um aspecto sobressai. Mesmo tendo um assunto nacional que paralisou o país, a greve dos caminhoneiros, a ânsia por temas morais foi insistente, até mesmo em texto predominantemente sobre política, como é a entrevista de João Moreira Salles. Ao mesmo tempo, e ao contrário das coletas da *Folha* e do *Estadão*, os posts da categoria de Política/ Nacional e os comentários daí decorrentes não mencionam o candidato Jair Bolsonaro. É uma ausência notável dado que, seguiram os temas políticos e morais como os mais comentados, fusão sintética do discurso público do candidato. Uma das explicações talvez sejam as especificidades do que veículo em questão, com número bem menor de seguidores do que os dois outros jornais analisados. As discussões se dão em um formato diferente, com textos maiores, mais bem elaborados e com a inserção de links externos. Tais características, talvez, façam com que o *El País* não seja a melhor arena para seguidores mais ferrenhos de Bolsonaro.

O próprio estilo editorial do jornal, com matérias de fôlego, menos noticiosas e mais interpretativas, com colunistas de orientação ideológica de esquerda e de direita, favorece o debate em detrimento às disputas incruentas. O *El País* começou a circular



em 1976, em um período de redemocratização na Espanha, após o fim da ditadura de Francisco Franco (1936-1975). Define-se como um “diário global, independente, de qualidade e defensor da democracia”<sup>47</sup>. Mais do que um slogan mercadológico, a defesa da democracia realmente confunde-se com a história do periódico dado que, sua aposta inicial, foi em um período em que as liberdades ainda claudicavam na Espanha pós-franquista. Em dezembro de 2013, o jornal deu início à operação da edição brasileira, com redação em São Paulo e um correspondente no Rio de Janeiro. A opção pela edição local, apenas em meio eletrônico, deveu-se ao aumento dos acessos de brasileiros à versão espanhola e ao processo de internacionalização do veículo, iniciado pela edição “America”.

**Tabela 3:** Categorias das postagens mais comentadas na página do El País, de 21/05/18 a 27/05/2018

	21/05/2018 2ª feira	22/05/18 3ª feira	23/05/18 4ª feira	24/05/18 5ª feira	25/05/18 6ª feira	26/05/18 sábado	27/05/18 domingo
<b>1ª postagem mais comentada</b>	Mundo /Internac.	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Política /Nacional	Comporta. /Moral
<b>2ª postagem mais comentada</b>	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Comporta. /Moral	Comporta. /Moral

A Tabela 3 reforça alguns achados já da coleta na *Folha de São Paulo*. No *El País*, por sua vez, há ainda mais concentração das categorias de Política/Nacional (sete incidências) e Comportamento/Moral (seis) entre as mais comentadas. Se na semana de coletas na Folha os temas morais sobressaiam, seguidos pelos de política, agora a situação inverte-se em termos numéricos. No entanto, ambas seguem andando juntas, com predomínio, nesta semana de postagem, de aspectos comportamentais sobre os morais, ainda que estes estejam também presentes. Chama a atenção que, apesar de um evento da magnitude da greve e seus impactos – tanto como oportunidade de questionamento ao governo federal, como aos transtornos acarretados no dia a dia –,

<sup>47</sup> Disponível em: <https://escuela.elpais.com/historia-de-el-pais>. Acesso em: 9 ago. 2018.

temas ligados a modos de vida como a venda de maconha em farmácias uruguaias ou o bem-estar felino também ganhem relevância. Ou então, que uma entrevista com um documentarista originária do suplemento cultural (inicialmente, portanto, da categoria Entretenimento/ Showbiz), e que aborde um tema político, gere entre os comentários questionamentos de ordem tributária e econômica, mas que, em verdade, refletem uma crítica moral como forma de invalidar as opiniões do entrevistado. A interrelação entre as categorias também se evidencia na primeira postagem da semana, das eleições na Venezuela (Mundo/ Relações Internacionais), que deriva para as questões da política brasileira nos comentários.

Sob o ponto de vista da tipologia dos comentários, correspondendo à codificação Axial da Teoria Fundamentada, novamente se registra a dominância do tipo Refratário opositivo. As manifestações desse tipo estão presentes todos os dias, e mais especialmente em relação às postagens de Política/Nacional. Na categoria de Comportamento/ Moral, aparecem, também, o Refratário irônico, introduzindo elementos aparentemente menos incisivos, mas igualmente adversativos ao tom preponderante no texto original da postagem.

**Tabela 4:** Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas do El País, por dia.

	21/05/18 2ª feira	22/05/18 3ª feira	23/05/18 4ª feira	24/05/18 5ª feira	25/05/18 6ª feira	26/05/18 sábado	27/05/18 domingo
<b>Categoria da postagem mais comentada</b>	Mundo /Internac.	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Política /Nacional	Comporta. /Moral
<b>Primeiro comentário em número de respostas</b>	Refratário opositivo	Refratário irônico	Concordante	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário irônico
<b>Segundo comentário em número de respostas</b>	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Refratário opositivo	Concordante	Refratário opositivo	Refratário opositivo

Os comentários do *El País*, em relação aos da *Folha*, são mais longos, e trazem um nível argumentativo e de informação maiores. Tal viés reduz, entre os comentários com maior número de respostas, o nível de virulência e ódio, ainda que a diminuição desses elementos não acarrete a formação de consensos. De certa forma, o seguidor do jornal espanhol assemelha-se, no cumprimento das características, do tipo ideal formulado por A. Schütz, “o cidadão bem informado”, situado entre o expert e o homem comum, que procura “chegar a opiniões *razoavelmente fundamentadas* em campos que, segundo sabe, tem para ele interesse ao menos mediato (...)” (SCHÜTZ, 2012, p. 123). Há, para esse público, sempre um link externo à mão para tentar aplacar a discussão ou aumentá-la.

### 3.4 O Estado de São Paulo

A semana de análise das postagens na página de *O Estado de São Paulo* no Facebook ocorreu de 20 a 27 de agosto, já dentro do período eleitoral, ainda que a propaganda em obrigatória em rádio e televisão só começasse no dia 31 daquele mês. Como foi observado, o papel dos canais tradicionais na disputa foi reduzido em relação às mídias sociais no pleito de 2018. Como não poderia deixar de ser, no primeiro dia, um dos candidatos já ocupa a atenção principal dos internautas. A matéria mais comentada é a que aborda a alta rejeição ao candidato Jair Bolsonaro, de 37% em pesquisa Ibope divulgada naquele dia<sup>48</sup>. O número de comentários (1.934) é superior, inclusive, ao post que traz os resultados principais da sondagem de intenção de voto<sup>49</sup>, na qual Bolsonaro liderava (1.527 manifestações)<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722500604431651>. Acesso em: 5 set. 2018.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722258307789214>. Acesso em: 5 set. 2018.

<sup>50</sup> Em diversos dias daquela semana, a seção Estadão às 17h, uma live no Facebook, direto da redação, em que jornalistas analisam os principais acontecimentos do dia. Naquela segunda-feira, inclusive, foi a postagem mais comentada. Como dito no trecho referente ao El País, esse tipo de postagem leva vantagem em relação às demais, pois, assim que o editor da página entra ao vivo, todos os seguidores são notificados. Além disso, são gerados grande número de comentários com baixa entreeção entre os usuários, com frases curtas, emoticons ou memes. Dada a especificidade desse tipo de postagem, e inclusive por ser praticamente fixa, decidiu-se não computá-la como a postagem mais comentada.



Figura 15: Rejeição é o tema mais comentado após pesquisa

A resposta ao texto é incisiva:


**P.A.** Vocês vivem numa bolha. Só pode. Vão pra rua falar com as pessoas, nosso Presidente tem aprovação excelente, Bolsonaro 17. Esqueçam essas pesquisas que sabemos, ao lado de quem trabalham.

As interpelações contra a usuária refratária são imediatas, com vários participantes relativizando o percentual de intenção do candidato “No meu círculo, ninguém vota nesse aí”, “na minha família não tem nenhum voto”. A autora do comentário original não volta a debater, mesmo quando questionada de forma crítica, e dentro do respeito possível nas redes, como é o caso:

**P.M.** Ao lado de quem trabalha minha senhora?! Ele está do lado dos donos das empresas, dos banqueiros, dos empresários do campo. Caso não saiba ele votou a favor da reforma trabalhista, que reduziram os direitos da parte hipossuficiente da relação da trabalho, trocando em miúdos a parte mais fraca. De homem de bem e honesto esse cara não tem nada é tão honesto que tinha uma empregada que era fichada na Câmara dos deputados, mas no lugar de trabalhar lá, estava trabalhando na casa do Bolsonaro! Ah e a propósito ele é tão a favor do pobre que votou duas vezes contra a PEC das empregadas.

Apesar do viés incisivo, a manifestação passa quase despercebida, a não ser por outro usuário, que coloca um link para uma matéria sobre a funcionária fantasma mencionada. Esse, por sua vez, também não recebe questionamentos, apenas menções ao fato de que realmente o deputado tinha uma funcionária fantasma. Os comentaristas do comentário original, dessa forma, tentam expor uma contradição do candidato, defensor da moralidade na vida pública, mas sem conseguir ocultar máculas indeléveis. Mais uma vez, a moral, com suas nuances e contradições, domina um tema político.

O segundo comentário em respostas surge de forma irônica:

 **R.E.** Essa é a mesma pesquisa que diz que Hillary seria eleita com ampla vantagem nos EUA, patrocinada pelos que vestiam camisa de "Spoiler Alert: Hillary Wins"?! Hahaha

O leitor, então, é lembrado diversas vezes ou que o sistema de votação do Brasil é diferente do norte-americano, ou que, naquele país, Hillary Clinton venceu no voto popular. Ou seja, um comentário em tom jocoso é respondido com mais informação.

No dia 21/08, o assunto principal é um desdobramento da pesquisa do dia anterior, que aponta o apoio dos homens a Jair Bolsonaro e a grande rejeição entre as mulheres<sup>51</sup>. Àquela altura, o grupo do Facebook *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* não havia ganho a relevância que teria ao longo da campanha. O texto informava que o candidato, no público masculino, atingia 28% das intenções de voto, contra 13% no feminino.


---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2723276837687361>. Acesso em: 5 set. 2018.




Figura 16: Apoio maior entre os homens desperta controvérsia

O comentário com maior número de respostas dava razão à matéria, censurando as eleitoras que viessem a votar no candidato.

 **M.J.** A maioria das mulheres comentando aqui, estão em fotos com homens visivelmente machistas!  
 Elas podem até trabalhar, mas têm as contas majoritariamente pagas por esses parceiros. Suas famílias e relacionamento são um fracasso, mas elas preferem manter a imagem perante a sociedade.  
 A maioria só vota em Bozo porque os maridos votam também.  
 No fundo, apenas tentam fazer manutenção dos próprios privilégios, mas serão as primeiras a sofrerem com as consequências ao ajudarem a promover que um candidato machista chegue ao poder.  
[#FraquejadasComBolsonaro](#)

O tom preponderante, de fito em relação às mulheres, tenta expor uma suposta contradição moral entre as apoiadoras do capitão reformado. Devido à provocação, é grande o número de respostas (mais de 300), e autora original mantém-se na discussão, de forma a aumentar o nível de polemismo, com frases como “Uma mulher financeiramente liberta não pensa em ter um marido, porque não vê vantagem nenhuma nisso”, “eu pretendo me manter ‘solteirona encalhada’ ”, e “eu sou *child free* e ter o

útero definhando é meu sonho de consumo” e outros reagentes verbais que agregavam combustão ao debate. Na maior parte, as respostas são de crítica ao comentário inicial, principalmente pela conclusão apressada de que as mulheres estavam, nas fotos, com “homens visivelmente machistas”. As reações são diversas, mas a tônica de se fundir comportamento, no caso de gênero, e política, permanece: “A Escola de Frankfurt atingiu seu objetivo na M.J. com sucesso”, “Você é muito preconceituosa e machista. Eu incentivei meu esposo a votar no Bolsonaro”, ou “Claramente é uma Manuela D’Ávila pobre!”, além do indefectível “É melhor Jair se acostumando”. À certa altura, a autora reconhece que pretendia provocar:

 **M.J.** Turma, pensem o que vocês quiserem sobre mim: que eu sou infeliz, amargurada, que eu não tranço, que sou enalhada, frustrada, que não depilo o sovaco, etc, etc... Apenas confirmei uma coisa aqui hoje: todos os que vieram tentar me ofender, foi porque meu comentário atingiu certeiraente no alvo! Todos têm o livre arbítrio de votarem em quem desejar, isso é fato, mas vocês pensam no pobre quando escolhem o candidato de vocês? Pensam nas pessoas em situação de risco? Nos milhares de desempregados, na falta de fomentos em saúde e educação? Nos direitos trabalhistas que foram retirados? Só do Bolsonaro ser a favor de "ter menos direitos pra gerar empregos", já deveria contar com a repulsa de todos, sem exceção! Candidato que apoia o corte de direitos da população, e só aumenta os próprios privilégios, não merece respeito.

Naquele dia, o segundo comentário em respostas, não comenta exatamente o tema em questão, na matéria, apenas faz a defesa do candidato.



**M.C.L.** Só quem tem esclarecimentos mesmo, quem estuda, pesquisa a fundo sobre o candidato, procura se informar sobre tudo e todos é que conseguiu formar o discernimento pra poder votar nele. Não é a toa que é o candidato que tem os eleitores mais bem informados na política e sabem o que querem de melhor para o país.  
#Bolsonar17

As afirmações são questionadas ou tomadas como piada pelos demais usuários: “Adorei a piada M.C.L.”, “Ele só compartilha Fake News e o eleitorado é bem informado?”, “kkkkkkkkkkk piada do dia”. A partir daí, o debate se desenrola para a viabilidade real do candidato se eleger, sempre com o autor do comentário original também respondendo a todos.

Após dois dias de predomínio da campanha e das pesquisas de intenção de voto, um tema comportamental volta como mais comentado na quarta-feira, 22. A matéria *Óleo de Coco é veneno puro, diz pesquisadora de Harvard*, informava sobre um vídeo



no YouTube, da epidemiologista Karin Michel, que comparava o produto da fruta à banha em termos de malefícios à saúde<sup>52</sup>.



Figura 17: Assuntos comportamentais novamente em foco

A comparação é cabível, segundo a especialista, pelo fato de óleo de coco conter excesso de ácidos graxos, que elevam o colesterol e o risco de doenças cardíacas. O vídeo seria uma resposta à utilização do óleo de coco em dietas para emagrecimento. O texto enfatizava que outras associações médicas faziam a mesma recomendação emitida pela epidemiologista. A principal reação foi irônica e escatológica:


**L.P.** Eu só como carne de porco, tomo vodka eventualmente. Não tenho nenhum problema de saúde, só a idade, 71 anos. Quem come granola, bostola e outras tranqueiras, vivem no médico. Passem a usar óleo de merda que faz bem.

Apesar dos termos escolhidos, a manifestação é representação de outros comentários sobre a mesma postagem que seguem a mesma linha, em síntese: insurreição à normatização de comportamentos, talvez recrudescida por aparentemente

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2727033943978317>. Acesso em: 5 set. 2018.

estar amparada em respaldo científico. A maior parte das respostas é favorável ao autor original, muitas exaltando o comentário, algumas ampliando as ironias: “faltou fumar um derby”; “bostola é ótimo”; “carne de porco é das mais saudáveis”, “vou lhe pagar uma dose de Dreher com Tubaína”.

O segundo comentário também criticava a matéria, mas introduzindo outros elementos de agressividade.

 **Romulo Frugoli** Quem disse q banha é veneno?? Antigamente todos cozinhavam com banha de porco e todo mundo era saudavel. Nao havia esse exercito de leitoes e leitoad q somos obrigados a ver desfilando pelas ruas balançando suas pelancas.

O desenrolar é diferente do anterior, onde o endosso era preponderante. Estabelece-se então, uma discussão se a vida é melhor hoje ou outrora. O preconceito com obesos é repreendido.

Na quinta-feira, 23, a postagem mais comentada novamente funde política, comportamento e moral. A seção CarrapatoEstadão, em que repórteres fazem a cobertura da agenda dos candidatos, com vídeos e matérias ambientais da agenda eleitoral, é a mais comentada. Naquele dia, era apresentado um vídeo de Jair Bolsonaro, em ato público em Araçatuba (SP), segurando uma criança no colo, vestida de policial militar. O candidato, então, pergunta: “Você sabe atirar? Atira. Policial tem que atirar”<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/videos/266582660636280/>. Acesso em: 6 set. 2018.



Figura 18: Vídeo mostra candidato perguntando a criança se sabe atirar

Os comentários dividem-se. O foco nos aspectos comportamentais é mantido.

[M.L.](#) Ele não sabe atirar porque ninguém ensina, mesmo porque no Brasil crianças balançando a bunda é mais importante.

A maior parte das respostas é de aprovação a esse comentário, com justificativas que variam desde “PM tem que usar arma”, “sempre brinquei com arma na infância”, “melhor do que ensinar o menino a rebolar ou usar batom” até a desqualificação por críticas à “mídia esquerdista”. Rememora-se, ainda, o fato do ano anterior, da interação entre o artista nu e a criança, que teriam sido aprovados “pela imprensa, a esquerda e a ONU”. Há críticas – “o brasileiro não sabe nem usar o lixo, nunca vai saber usar arma”; “um acidente de percurso na democracia. Jair Jamais” –, mas com ênfase mais moderada e com menos sucesso em termos de repercussão do que a relativização/aprovação em torno da cena. Em síntese, volta à discussão um tema caro à defesa conservadora da moralidade: a infância. Desta vez, aspectos como a presença de uma criança em um evento político eleitoral, em si questionável, e o estímulo à violência, são relativizadas, supostamente por, nesta cena, ser natural que se pergunte a uma criança vestida de policial se ela sabe atirar. A divisão impede e rechaça a ponderação:

**J.K.** Gente, quanto comentário louco!!! Uma diz “melhor que balançar a bunda”, outro diz “melhor que ensinar a passar batom”. Vocês já pararam pra pensar na junção que é uma criança e uma arma de fogo? Sinceramente, é difícil até ler certos comentários.

O comentário, destoante por tentar introduzir uma ponderação e uma crítica aos demais, é rechaçado, como esperado. Prepondera, nas respostas aí também, o tom de apoio ao candidato.

Na sexta-feira, 24, um tema nacional domina a atenção, mas sem relação imediata com o dia a dia da campanha eleitoral. A matéria repercutia uma coletiva dada naquele dia por Joel Milman, porta-voz da Organização Internacional de Migração, agência da Organização das Nações Unidas (ONU). O órgão demonstrava preocupação com violência de brasileiros contra os refugiados venezuelanos<sup>54</sup>.



Figura 19: Questão humanitária mobiliza temática sobre refugiados

Salienta-se a intolerância, dessa vez com a ONU, por meio de uma ironia agressiva.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2730730766941968>. Acesso em: 6 set. 2018.



**Luis Fabiano Sassi** Noooooossa. Conte me mais sobre a preocupação da ONU com a violência CONTRA OS BRASILEIROS, que morrem como moscas a taxa de pelo menos 60 mil homicídios por ano... OBRIGADO, ONU, por se preocupar tanto com o nosso bem estar

Novamente, um tema pregresso controverso desdobra-se em outros correlatos. Polêmicas entretendidas. Uma semana antes, no dia 17 de agosto, Jair Bolsonaro havia afirmado que, se eleito, “eu saio da ONU, não serve pra nada essa instituição. É uma reunião de comunistas, de gente que não tem qualquer compromisso com a América do Sul, pelo menos”<sup>55</sup>. A fala era, por sua vez, uma resposta ao Comitê de Direitos Humanos da entidade, que no mesmo dia fizera uma solicitação ao Brasil para que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva pudesse concorrer na eleição.

Os questionamentos ao comentário inicial são veementes, seja pela defesa da ONU, dizendo que a própria já fizera relatórios sobre a situação de violência no Brasil, seja lembrando que o Brasil era signatário de pactos internacionais de direitos civis e, portando, deveria segui-los. Em seguida, a interação envereda para seu foco original, e passa-se a discutir o poder e a legitimidade da ONU em manifestar-se sobre a prisão de Lula. A importância do comitê e da própria ONU é relativizada.

Majoritariamente, os comentários são de ataque e desautorização da ONU, supostamente por não intervir na Venezuela, ou dar apoio ao Brasil, ou, simplesmente, por ser representante da “esquerdalha”.

Os temas adjacentes à campanha eleitoral persistem também no sábado (25). *Estudantes de colégios militares custam três vezes mais ao País*<sup>56</sup> é a postagem mais comentada da semana no *Estadão*, superando os 8 mil comentários.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/18/bolsonaro-diz-que-vai-tirar-brasil-da-onu-se-for-eleito-presidente.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2018.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2733852433296468> Acesso em: 6 set. 2018.

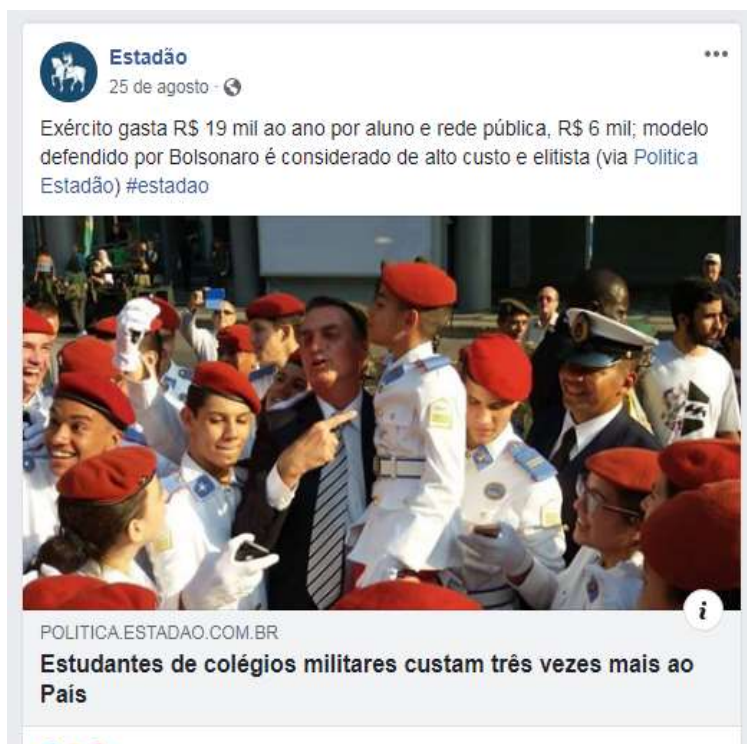


Figura 20: Matéria discute proposta de expansão da educação militar

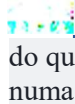
A matéria, contestatória à proposta do candidato de espalhar colégios militares pelo país, informava que, nessas instituições, o custo por aluno era de R\$ 19 mil, contra R\$ 6 mil da rede pública. O texto relativizava a suposta qualidade do ensino militar, enfatizando que a maior parte dos alunos dessas instituições eram filhos de militares, com renda acima da média da população e, portanto, com melhor qualidade de vida, considerado por especialistas como decisivo no aprendizado. O caráter elitista dos colégios, com seleção para o ingresso, também era criticado. A alternativa defendida pelos entrevistados era que o governo adotasse o modelo de tempo integral, com os estudantes passando até nove horas nos locais de ensino.

Novamente, refração à postagem jornalística:

**F.P.** Rede pública alunos que agridem professores, índice de aprovação nos exames nacionais bem abaixo do esperado, já nos colégios militares a história é outra!

Sob o ponto de vista de sua formulação, o comentário é simplório em relação a muitos dos demais ali publicados. Mas sintetiza o apoio ao militarismo, tônica de todo o

período eleitoral. A discussão que se estabelece é longa e extrapola o apoio-rechaço ao então candidato do Partido Social Liberal (PSL). O tema gera bastante controvérsia, refletindo o grande número de comentários. São questionados tanto o alto investimento, quanto o modelo de educação militar. Como respostas, aparecem a defesa da importância da aplicação alta de recursos em educação ou supostas vantagens dessas instituições, onde há “respeito”, “qualidade”, constituindo-se em locais onde o professor é “valorizado e respeitado”. O segundo comentário em repostas ia nesse sentido, também refratário ao tom da matéria:

 **F.L.** Melhor investir 19k num aluno pra que ele tenha uma boa educação - militar ou não - do que gastar 6 e depois correr o risco de gastar mais quando, por falha do Estado, for parar numa fundação casa ou presídio.

Cabe destacar que ao contrário das demais postagens mais comentadas em que Jair Bolsonaro é protagonista, esta aborda um tema específico de seu programa de governo. Nas anteriores, a tônica eram suas declarações polêmicas ou atos envolvendo questões morais, como a pergunta feita à criança. Ao mesmo tempo, não se trata de apenas um ponto de seu programa, mas um aspecto emblemático da visão de governo – e até mesmo de mundo – divulgada pelo candidato, a de que o militarismo é vantajoso, e talvez, principalmente, na educação, por quanto ela pode representar em termos de perspectivas multifacetadas na compreensão de problemas cotidianos. Sob esse aspecto, não seria apenas uma proposta de gestão, mas uma ação que condensaria questões ideológicas e comportamentais do candidato.

Mesmo no domingo (26/08), a campanha segue forte. Pela primeira vez, um outro candidato lidera os comentários em postagens naquela semana. O texto repercutia declarações de Ciro Gomes em visita a São Paulo<sup>57</sup>.

---


<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2735541436460901>. Acesso em: 7 set. 2018.






Figura 21: Campanha eleitoral segue entre as mais comentadas

Casualmente, na ausência de Bolsonaro, os dois comentários com maior número de respostas são concordantes com a linha principal do texto:

 **C.W.** O mais preparado para assumir a presidência!  
 Já foi ministro, deputado, governador e prefeito!  
 Teve altíssima aprovação nos governos do Ceará!  
 É professor, palestrante e ajudou a implantar o plano real.  
 O único candidato com plano de desenvolvimento para o Brasil!  
 Ciro 2018!

 **V. J.** Cara íntegro, honesto, esse é meu candidato! Quando saem todos os anos notícias de refis de mais de R\$ 100 bilhões para a plutocracia, é apenas mais uma manchete, mas quando aparece alguém com proposta de refinanciamento para as classes populares (estimada em R\$ 80 bilhões), todos o tacham de louco. É #Ciro12 !



Nas respostas a ambos, as críticas são veementes, com a relativização das supostas qualidades de Ciro Gomes. São questionadas suas trocas de paridos, as poucas realizações como gestor, apesar do longo tempo na vida pública, e ironizada sua proposta de tirar todos os brasileiros devedores do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Diante da concordância entusiástica dos dois comentadores originais, refrações múltiplas.

**Tabela 5:** Categorias das postagens mais comentadas na página do *Estadão*, de 20/08/18 a 26/08/2018

	20/08/18 2ª feira	21/08/18 3ª feira	22/08/18 4ª feira	23/08/18 5ª feira	24/08/18 6ª feira	25/08/18 sábado	26/08/18 domingo
<b>1ª postagem mais comentada</b>	Política /Nacional	Política /Nacional	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional
<b>2ª postagem mais comentada</b>	Comporta. /Moral	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional

Conforme a tabela 5, a análise da semana por categorias apresenta uma aparente divergência com as coletas realizadas nas páginas da *Folha* e do *El País*. Visualmente, destaca-se uma predominância de Política/ Nacional em detrimento à Comportamento/ Moral. A explicação fácil seria a proximidade das eleições, fazendo que a temática política ganhasse espaço sobre as questões comportamentais. Embora seja em parte verdade, não explica totalmente o resultado. Assim como nos demais periódicos, também no *Estadão* há uma profunda inter-relação entre as duas categorias, ou seja, há conteúdos estritamente ligados a aspectos morais dentro do noticiário político, e vice-versa, ainda que em menor escala, como havia se constatado nas semanas anteriores, independente do pleito. A assertiva é facilmente verificável em postagens como aquela sobre a pesquisa que indicava a preferência do eleitorado masculino, do vídeo com a criança sendo indagada se sabia atirar, e até mesmo na difusão de colégios militares no país, dado que o militarismo, no Brasil, remete à memória da Ditadura Militar e aos traumas daí decorrentes. Está também presente na crise com os refugiados venezuelanos, que mais do que questões morais, implica valores humanos e dilemas a

respeito da solidariedade humanitária entre os povos. No período contemplado, não há ruptura entre as duas temáticas, seguindo mescladas.

Em relação à tipologia dos comentários, mantém-se o domínio dos refratários, mais notadamente os opositivos, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

**Tabela 6:** Tipos de comentários com maior número de respostas nas postagens mais comentadas do *Estado*, por dia.

	20/08/18 2ª feira	21/08/18 3ª feira	22/08/18 4ª feira	23/08/18 5ª feira	24/08/18 6ª feira	25/08/18 Sábado	26/08/18 domingo
<b>Categoria da postagem mais comentada</b>	Política /Nacional	Política /Nacional	Comporta./ Moral	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional	Política /Nacional
<b>Primeiro comentário em número de respostas</b>	Refratário Opositivo	Concordante	Refratário Irônico	Refratário opositivo	Refratário Irônico	Refratário opositivo	Concordante
<b>Segundo comentário em número de respostas</b>	Refratário Irônico	Refratário opositivo	Refratário Opositivo	Refratário opositivo	Refratário Opositivo	Refratário opositivo	Concordante

O Estado de São Paulo é o mais antigo dos veículos contemplados. Fundado em 1875, notabilizou-se por um posicionamento conservador desde seu início. Ao mesmo tempo, como notam Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado apresenta como duas principais características: “sua constância e coerência na trajetória de ‘defensor de postulados liberais’ (conservadores)<sup>58</sup>; sua constante autodefinição como ‘órgão de oposição’ aos governos constituídos” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19). Esse último traço rendeu ao periódico, empenhado também sempre em modelar a opinião pública, o epíteto de “Bravo Matutino”. As autoras destacam que, ao lado de uma “feição de independência” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 23) havia em diversos momentos

<sup>58</sup> Segundo as autoras: “Apontando a presença do conservadorismo na ideologia desses liberais não pretendemos enfatizar ambiguidades: Ser conservador (e mesmo autoritário) e a um tempo liberal significa antes uma especificidade do liberalismo brasileiro de que o jornal *O Estado de São Paulo* se constitui em um exemplar paradigma” (CAPELATO; PRADO 1980, 130).

históricos um alinhamento dos projetos liberais para o país, defendidos pelos proprietários (a família Mesquita), com governos ideologicamente convergentes. É o tipo de relação presente, por exemplo, a partir do Golpe de 1964. Como revela Álvaro Nunes Larangeira (2014), o diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho empenhara-se em impedir a posse do presidente João Goulart desde 1961, tendo elaborado um “Roteiro da revolução” e que seria adotado parcialmente nos Atos Institucionais nº 1 e nº 5. Em março de 1964, a residência de Mesquita Filho se transformara no “birô da conjura” (LARANGEIRA, 2014, p. 120), recebendo reuniões com diversos civis mentores do golpe, como Carlos Lacerda, José de Magalhães Pinto e Adhemar de Barros. Pouco tempo depois, o veículo estaria na oposição à ditadura. Entre 1973 e 1975, o jornal recorreria 665 vezes a versos de Luís de Camões Castro Alves, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles e outros poetas, além de receitas de bolo, nos espaços de matérias censuradas (LARANGEIRA, 2014).

Tal movimento sinuoso pode ser identificado também neste ano eleitoral de 2018. No noticiário, questionamentos a afirmações e propostas do candidato Jair Bolsonaro, como é caso da matéria que aponta a dificuldade na implantação de mais escolas militares no país. Nos editoriais, acenos elogiosos como o expresso no dia 22 de novembro, sob o título de *Bom Sinal*: “Jair Bolsonaro, o presidente eleito, tem demonstrado, na montagem de seu Ministério, que está mesmo disposto a acabar com o presidencialismo de coalizão”, o que seria medida acertada, já que as negociações não se dariam com partidos, mas com bancadas e, portanto, em torno de “agenda política e administrativa comum, e não como consequência da distribuição de vagas no governo e nas estatais”<sup>59</sup>.

Em relação à forma como expõe seus conteúdos no Facebook, o *Estadão* assemelha-se à *Folha*. São, em geral, mais de sete dezenas de postagens em que se mesclam a capa do impresso, o editorial, notícias do dia, reportagens e artigos. Ao contrário daquela, o *Estado* é um pouco menos provocador nas manchetes, como se também nas redes os jornalistas seguissem o primeiro item das *Instruções Gerais* do seu *Manual de Redação e Estilo* (MARTINS, 1997, p. 15): “Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso”.

---

<sup>59</sup> Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral,bom-sinal,70002616520>. Acesso em: 10 set. 2018.

## 4 DISCUSSÃO SOBRE DADOS EMERGENTES

*Não se deve reconciliar nada. É preciso manter abertas a alteridade das formas, a disparidade dos termos, é preciso manter vivas as formas do irreduzível.*

Jean Baudrillard

A análise de três semanas de postagens é reveladora nas suas repetições e complementariedades. Chega-se, assim, à terceira etapa da Teoria Fundamentada, a codificação seletiva, segundo a qual deve-se mesclar os resultados das duas etapas anteriores, fusionando-as, conforme Rosenthal (2014). Quanto à categoria dos posts, como dito, há clara predominância das categorias Política/Nacional e Comportamento/Moral. Mais do que isso, fundem-se mutuamente. Essa mescla fica clara quando identificamos que há comentários sobre política em textos sobre Comportamento/Moral e vice-versa, ou quando os textos jornalísticos noticiam temas políticos com viés moral, como evidenciou-se no exemplo da semana de *O Estado de São Paulo*.

A hegemonia e/ou fusão de tais temas, quase que como um bloco único de significados foi uma constante em todas as semanas contempladas. Inicialmente, quando da elaboração do relatório de qualificação da presente tese, do qual só constava a *Folha de São Paulo*, atribuía-se esse achado a fatores conjunturais da época como os episódios que envolveram o MBL e o fechamento da exposição *Queermuseu* em Porto Alegre, e que cresceram com a interação da criança com um artista nu no MAM. No entanto, a tônica se manteve ao longo dos quase doze meses que separam as diferentes coletas.

A assunção de política e moral como temas cruciais é reveladora de um desejo por uma reflexão profunda e estrutural sobre os rumos a serem tomados por uma sociedade, dado que ambas temáticas envolvem perspectivas mais amplas sobre visões de mundo em qualquer discussão. De uma forma grosseira, ensejam perguntas como “para onde vamos? O que iremos priorizar? O que de fato queremos? O que é certo e errado nesse caminho? Tais comportamentos são adequados? Até que ponto eles

comprometem ou promovem o desenrolar da sociedade como um todo?”, etc, colocando na berlinda questionamentos identitários. Cabe destacar, preliminarmente, que essa é uma expressão comum ao longo da história, de recrudescimento moral como resposta a abalos sociais maiores. Foi assim, por exemplo, na Alemanha após a I Guerra Mundial, na República de Weimar, e também nos Estados Unidos da década de 1950, depois a II Guerra. Após um período de relativa estabilidade política e econômica, iniciada em 1995, o Brasil para em junho de 2013, com expressivas manifestações de rua e digladiava-se em ódio já na eleição de 2014, voltando a fazê-lo no pleito de 2018. Em um curto espaço de tempo, menos de cinco anos, o país convive com três diferentes presidentes. É, assim, um cenário bastante propício para o surgimento dos posicionamentos observados. Sob certo aspecto, a fusão de temas nacionais com comportamentais condensa-se na figura de Jair Bolsonaro, casualmente ele protagonista das principais postagens de política, já desde a observação feita em 2017<sup>60</sup>.

Sob o ponto de vista da tipologia de comentários, fica claro que uma parece sempre presente, pronta a ser destacada pelo algoritmo que os ordena: o refratário. Tais manifestações, com pequenas variações, foram comuns em todas as postagens, inclusive na categoria de Entretenimento/Showbiz, em uma intervenção que, em princípio, não buscava gerar controvérsia, na qual o usuário apenas expressava sua decisão de não ingerir café. Refratário casual, solitário na sua incidência do que aqui foi analisado, mas por isso mesmo ilustrativo como tipo. Desencadeiam-se controvérsias, nesses ambientes, até em temas como café sem, inicialmente, desejar causar a discussão que acabou se formando. Embate permeado por refração: mais uma vez surge a figura de Bolsonaro, colecionador de polêmicas em torno de assuntos morais ao longo da carreira parlamentar, sempre se posicionado de forma refratária, opositiva, e, às vezes, irônica.

Nas próximas páginas, busca-se explicar tais resultados, ou seja, a preponderância de temas políticos e morais em comentários sob um formato refratário.

A Teoria da Enunciação na Língua como explicação para a polêmica, conforme adotado em trabalho anterior (PETRIK, 2007), não dá conta da complexidade da totalidade do fenômeno em rede. A dinâmica estruturalista da qual a polêmica nasce como um enunciado não-P em oposição a uma outra enunciação anteriormente proferida

---

<sup>60</sup> Sobre a saliência deste político na amostra, não se descarta a hipótese da contratação de usuários pagos para a formação e uma opinião favorável ao candidato, em um movimento de *internet water army*, como descrito por Chen, Wu, Srinivasan, Zhang (2011).

como P é, na melhor das hipóteses, o ponto de partida para a compreensão. Sob o ponto de vista linguístico, não há dúvida, a estrutura é essa também na maior parte dos comentários e nas respostas por eles desencadeadas. No espaço estrutural ofertado pelo Facebook, a dinâmica geralmente repete-se da seguinte forma: a postagem inicial é um enunciado P, em que, na maior parte das vezes aqui observada, é seguida por um comentário não-P. Este, por sua vez, é corroborado por manifestações de apoio, também não-P, ou contestado por outras não não-P (aproximando-se, usualmente, ao P inicial da postagem). Quando o conteúdo é dissonante, polêmico, uma negação peremptória a um sim socialmente arraigado, é possível prever que maior é o seu potencial de relevância entre a tautologia verborrágica das redes sociais. Toda negação evoca a afirmação que busca contrariar. Eis aí uma estrutura polifônica na essência linguística, coletiva no sentido social e, fundamentalmente, comunicacional por ser sempre relacional entre, no mínimo, dois participantes.

Os embates verbais aqui observados diferem da definição arraigada de polêmica, tal como reconhecida socialmente e, tantas vezes, amplificada pela mídia. Nessas manifestações, e como dito, são temas ou debates que mobilizam amplamente em torno de um mesmo tópico tanto os meios de comunicação tradicionais como as rodas de conversa. Nas redes sociais, sem que essa versão consagrada esteja excluída, constatam-se com maior frequência pequenas polêmicas em ressonância e duração, inclusive e comumente em assuntos triviais do cotidiano.

Se a Teoria da Enunciação remete, mesmo que de modo estruturado, a uma compreensão da polêmica sob o ponto de vista de uma relação eu-tu e esta se assegura em uma base polifônica e, portanto, coletiva, o caminho a ser percorrido em uma análise sociológica deve começar, ao menos preliminarmente, pelo indivíduo. A trilha teórica adotada parte, então, da perspectiva do Construcionismo Social e, ainda antes dele, da obra de Alfred Schütz. De acordo com a síntese de Maurice Natanson (2008, p.15), a teoria de Schütz “articula uma só intuição: o descobrimento, em sua cabal profundidade, das pressuposições, estrutura e significação do mundo do sentido comum”. Como ressalva Hermílio Santos (2012, p.1), “Entre os mais importantes e profícuos autores da sociologia no século XX, Alfred Schütz talvez seja o menos conhecido no Brasil”, ainda que tenha sido citado por autores relevantes das Ciências Sociais brasileiras e venha despertando maior interesse em “abordagens capazes de acrescentar conhecimentos acerca da realidade social brasileira partindo da perspectiva subjetiva dos atores”.

A despeito dos inúmeros pontos de contato, Schütz é um autor pouco explorado no campo da Comunicação. À exceção da obra de João Carlos Correia (2005), aparece apenas em alguns trabalhos ensaísticos (Lelo; Caminhas, 2013; Kieling, 2014) nessa área de conhecimento em língua portuguesa. O próprio conceito de comunicação (*commune - hic – actione*, em latim, o ato de tornar comum aqui) confunde-se com percepções schutzianas, se pensarmos que ela seria uma espécie de permanente câmbio de crenças, na qual o diálogo com nossos interlocutores se qualifica ou desvaloriza de acordo com o grau de confiança que damos a eles e com o potencial de inovações trazidos no transcurso de cada conversa.

#### 4.1 Teorizando sobre fatores coercitivos para comentários refratários

Por mais corriqueiras e cotidianas que pareçam, desprovidas de profundidade, as formulações expressas nos comentários demandam explicação mais ampla, que será desenvolvida adiante. Volta-se à imagem inicial desta tese, para compreender o que leva indivíduos a engajarem-se em discussões acaloradas com desconhecidos por meio de sites de redes sociais. Será possível formular uma trajetória fenomenológica<sup>61</sup>, com fatores coercitivos, para a formulação de comentários?

A Sociologia do Conhecimento parece oferecer elementos para uma resposta à questão. Um enunciado é um projeto. A habilidade natural da fala do ser humano depende de um código estruturado, a linguagem, para que se realize plenamente. O ato de fala é composto, portanto, de início, por uma relação dialética entre uma capacidade biológica e a linguagem normatizada. Tal exemplo indica que há, no ser humano, uma proclividade à criação de referenciais ou uma tendência a orientar-se com e por intermédio deles já que só se expressa por meio de um código formulado anterior a si, mas sempre amparado em uma base fisiológica.

Peter Berger e Thomas Luckmann (2013), ao abordarem o processo de construção social da realidade e ampliarem as concepções de Schütz, enfatizam a

---

<sup>61</sup> Fenomenologia aqui deve ser entendida como formulação da consciência, manifestações de significados que não outros daqueles ali expressos sob a estrutura de comentário, como “constituição” de significados da consciência na linguagem, ou, nas palavras de Husserl “imanência no sentido do dado em si mesmo que se constitui na evidência” (HUSSERL, 2008, p. 22).

necessidade do indivíduo de orientação por referências próximas, sendo os sistemas que lhe servem de base em si dotados de capacidade para formular hierarquias de prioridades. Além da linguagem, e até antes dela, inclui-se aí a própria consciência, como delimitação de percepção e de um campo para se agir. “A consciência é sempre intencional. Sempre ‘tende para’ ou é dirigida para objetos. Nunca podemos apreender um suposto substrato da consciência enquanto tal, mas somente a consciência de tal ou qual coisa” (BERGER, LUCKMANN, 2013, p.37). A consciência teria, portanto, em sua essência, um viés de determinação por si própria, independente da coação de agentes externos como estruturas de poder ou de persuasão ideológica, ainda que tais fatores estejam permanentemente presentes e, historicamente no Ocidente, tenham ajudado a moldar essa orientação.

O uso de uma tendência de pensamento é a solução natural para a sobrevivência cotidiana. À criação de categorias nas quais enquadrados situações, personagens, vivências e conhecimentos diversos, Alfred Schütz chamou de “tipificação”. Seria a salvaguarda a que recorreremos para dar um contorno de proximidade ao novo, ao estranho e, até mesmo ao que se opõe a nós. A tipificação, para formular-se, é um gatilho que se aciona a partir de um “estoque de conhecimento”.

O estoque de conhecimento da vida mundana está relacionado de diversas formas com a situação experienciada pelo sujeito. É construído pelas sedimentações das experiências anteriores, ligadas a situações atuais. Inversamente, cada experiência presente é inserida no fluxo das vivências e em uma biografia, de acordo com os diferentes tipos e relevâncias encontrados no estoque de conhecimento (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973; p. 99-100, tradução minha).<sup>62</sup>

Um estoque de conhecimento, por mais cristalizado que esteja, é constantemente sujeito a abalos, e são muitos os fatores a colaborar para isso, além da língua e da própria consciência. Outro elemento talvez seja o espaço. “Em cada situação meu corpo atua como um centro de coordenação no mundo, com um acima e abaixo, direita e esquerda, e atrás e em frente” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973; p.102). O espaço e, para

---

<sup>62</sup> “The lifeworldly stock of knowledge is related in many ways to the situation of the experiencing subject. It is build on sedimentations of formerly actually present experiences that were bound to situations. Inversely, every actually present experiences is inserted into the flow of lived experienced and into a biography, according to the set of types and relevance found in the stock of knowledge”. Pelos termos e noções empregadas (“mundo da vida”, “estoque de conhecimento”, “experiências”, “biografia”, “tipos” e “relevâncias”), esse pode ser considerado um parágrafo síntese do pensamento de Schütz, ainda que, a partir daí, muitos sejam os desdobramentos advindos.



além dele, o ambiente, são, pois, definidores e, mais do que dimensões físicas, agentes ontológicos. Justamente por isso, torna-se irrelevante falar-se em espaço físico ou virtual.

Associado a esses elementos está o tempo, talvez com maior capacidade de coerção. “Eu vivencio a necessidade do tempo do mundo pela espera e subordinação das minhas ações ao princípio de ‘primeiro as primeiras coisas’” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973; p.100, tradução minha<sup>63</sup>). Ou seja, qualquer ato demanda uma espacialidade para ocorrer e obedece uma aceleração natural do tempo sobre qualquer projeto anteriormente formulado, calcada na evidência de que prioridades são prioritárias. Essa estrutura permeia todo planejamento de ação, do mais simples, ao se despertar pela manhã (não posso tomar café na cozinha sem antes sair da cama), até formulações abstratas, como muitas vezes são aquelas compartilhadas nas redes sociais, ainda que esse seja, em geral, um local mais propício à difusão de conhecimentos e percepções comuns. Berger e Luckmann bem resumem o fator constrangedor do tempo:

A mesma estrutura temporal, como já indicado, é coercitiva. Não posso inverter à vontade as sequências impostas por ela, ‘primeiro as primeiras coisas’ é um elemento essencial no meu conhecimento da vida cotidiana (...) Também a mesma estrutura temporal fornece a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 45).

Como dito, tempo, espaço e comunicação andam juntos. No que aqui está em contexto, a socialidade conflitiva em sites de redes sociais, pode-se agregar outro, o algoritmo que dispõe as informações na página pessoal de cada usuário. Como se sabe, tal ordenamento não se dá de forma aleatória. Bem ao contrário, segue lógica própria, nunca evidente ao usuário, mas que se orienta a partir da vontade mercadológica do grupo empresarial que controla a plataforma, sobretudo baseado no transcurso do tempo, tão bem representado pelo termo *Timeline* que nomeia uma das seções do Facebook. Como já havia notado Harold Innis, “Um monopólio [*da técnica*] que acentua a disseminação mais rápida [*da informação*] causa uma profunda perturbação na sociedade” (2011, p.282). Isso, em parte, explica a profusão de debates-embates que ora se observam nas mídias sociais digitais no Brasil.

---

<sup>63</sup> “I experience the necessity of world time in waiting and in subordination of my actions to the principle of ‘first things first’ ”

Passado, presente e futuro ligam-se inextrincavelmente na temporalidade proposta por Schütz e que bem se adapta à explicação para a elaboração de comentários. Ao projetar cada ação (presente voltado ao futuro), avalio como ela se desenrolaria, baseado em experiências passadas e vislumbrando as possibilidades de êxito, numa simulação de ato concluído, como se já houvesse sido finalizada (“se fizesse isso, resultaria naquilo”). A Língua Portuguesa bem classifica tal situação, definindo esse tempo verbal como futuro do pretérito, algo até aparentemente contraditório, mas explicável pela complexidade das elucubrações da consciência. Como descreve Schütz, se me proponho a escrever uma carta,

Eu não posso simplesmente imaginar uma carta. Eu tenho a escolha de apenas poucas possibilidades, que conheço através da minha experiência prévia: caneta, lápis, máquina de escrever, cada uma tem em conta um horizonte de significação, que já foi anteriormente explicado (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973; p.20, tradução minha).<sup>64</sup>

A questão do tempo em Schütz enfatiza a multiplicidade de momentos vividos na contemporaneidade. Se as relações sociais se tornam cada vez mais complexas, só é possível entendê-las em plenitude pela dinâmica envolvida em temporalidades diversas que, cada vez mais, andam juntas, sendo impossível dissociá-las, ainda que salte aos olhos a busca irrefreável por se viver o momento presente, o aqui e agora. E é essa a tônica cada vez mais presente na sincronia entre comentários e respostas on-line.

Sobre as probabilidades hipotéticas que podemos aventar sobre o que move os usuários de internet a se manifestarem sobre diferentes assuntos, uma tem forte relação com a multiplicidade temporal oferecida no processo de projeto/ elaboração/ publicação de uma postagem. O ato de escrever no presente um conteúdo que será público invariavelmente envolve a imaginação de um futuro que só será possível e, em parte, moldado pelas experiências passadas.

O próprio hábito de escrever sobre assuntos públicos em redes sociais de suporte digital tem um pouco do seu fascínio explicado por esse movimento catártico, baseado no presenteísmo, em se expressa um anseio de futuro, rememorando – intencionalmente ou não – o que já se viveu e experimentou e que, portanto, no âmbito afetivo, nos é próximo. Não há, então, por essa perspectiva, predomínio de uma determinada

---

<sup>64</sup> “I cannot mererly imagine a letter. I have the choice of only few possibilities, wich I know about through my previous experience: pen, pencil, typewriter, each of wich has in turn a horizon of meaning wich has already been explicated.”

temporalidade, ou mesmo a predeterminação rígida a partir de um arcabouço de experiências estocadas. “Em resumo, por meio da atitude natural eu não ajo somente através de uma hierarquia de planos biograficamente determinados. Mais do que isso, eu vejo consequências típicas de meus atos que são apreendidas como típicas” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973; p. 20, tradução minha)<sup>65</sup>. Ou seja, previam os autores que há uma naturalização na adoção de determinados planos de ações cotidianas, e essa é uma concepção bastante válida para os comentários. Como ato pessoal intersubjetivo, uma postagem em rede social, tanto as de caráter mais privado como as de domínio público, é uma reafirmação de si, com certo prazer envolvido, para a chancela ou o rechaço dos outros alhures que comigo estão em contato por meio digital.

Assim como coage internamente o indivíduo a elaborar sua formulação, o tempo constrange o grupo. Nos comentários analisados e nas respostas por ele provocadas, isso torna-se claro. Geralmente, as primeiras repostas tentam contra-argumentar a manifestação inicial. Muitas vezes, o primeiro comentarista volta à cena depois dessas tentativas de refutação dos demais, provocando outras respostas, já menos argumentativas e mais impacientes. Por fim, e com o desenrolar da conversa ante a passagem do tempo, dada a impossibilidade de se alcançar um consenso, surgem em maior profusão a ironia, o ódio, os emoticons e os memes.

A temporalidade, em uma conversa sem tempo para acabar, ainda assim é constrangida, pois sempre se cruzam o tempo interno de cada um, o tempo socialmente objetivado e o histórico. Cada interjeição de outrem remete a um novo significado. Em resumo, como disse Schütz: “(...) o problema referente ao significado é um problema referente ao tempo, entretanto não ao espaço-tempo fisicalístico, divisível e mensurável (...) mas sim concernente à consciência interna do tempo, na qual, para o vivenciante, constitui-se o sentido das suas vivências” (SCHÜTZ, 2018, p.32).

Passamos das variáveis subjetivas para as sociais.

---

<sup>65</sup> “In short, within the natural attitude I do not act only within a biographically determined hierarchy of plans. Rather, I also see typical consequences of my acts which are apprehended as typical”.

## 4.2 Conversação, conflito e poder

Como ponte entre o sujeito e o mundo da vida, a linguagem talvez seja o código mais amplo de tipificações, com regras comuns que são moldadas a partir das apropriações e dos usos subjetivos. “A vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p.56).

Mais do que um mero meio, a expressão linguística, como técnica de partilhamento e de apreensão/ difusão de conhecimentos e perspectivas pessoais, tem um viés próprio para a sedimentação/ alteração do social. “A linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística (...) Ainda mais, a linguagem fornece os meios para a objetivação de novas experiências” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p.93). Essa característica própria da língua é comumente deixada de lado no estudo da Comunicação Social. “A linguagem tem sua origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p.93). Nada mais atual para a situação vivida nas redes sociais em meio virtual.

O recurso linguístico enfatiza crenças, inicialmente aquelas relativas que temos de nós próprios. É o meio primário para a constituição da própria autoimagem e o que se pretende expressar aos outros

Ora, ao objetivar meu próprio ser por meio da linguagem, meu próprio ser torna-se maciça e continuamente acessível a mim, ao mesmo tempo em que se torna assim alcançável pelo outro. (...) Essa capacidade da linguagem de cristalizar e estabilizar para mim minha própria subjetividade é conservada (embora com modificações) quando a linguagem se destaca da situação face a face (BERGER; LUCKMANN, 2013; p.56).

A ressalva proposta pelos autores “embora com modificações” é fundamental para entendermos as particularidades que envolvem os diálogos em suportes digitais e os diferenciam em relação à conversação olho no olho. Na rede social virtual, ainda que os emissores de cada enunciado estejam identificados por seus perfis sociais, impõe-se uma espécie de anonimato mútuo pela distância física em que se encontram os personagens. Esse distanciamento é, essencialmente, propositivo de indisposições.

Relembrando Simmel, “A antipatia é a fase preliminar do antagonismo concreto que engendra as distâncias e as aversões, sem as quais não poderíamos, em absoluto, realizar a vida urbana” (SIMMEL, 1983; p. 128). Essa compreensão é fundamental para entendermos, também, a profusão de conflitos que se estabelecem em ambiente digital, tão próximo que é da definição de Schütz (1979) para o “mundo dos contemporâneos”, o *Mitwelt*. Se no distanciamento anônimo das redes tecnológicas preponderasse a harmonia absoluta, tal atividade, a de frequentá-las e manifestar-se por meio delas, seria monótona e meramente conectiva, sem nenhum espaço para debates como os aqui observados.

Se há uma expressão que bem exemplifica o que se entende por linguagem aqui identificada é o bordão “melhor Jair se acostumando”, presente desde os comentários de 2017. Identifica, antes de mais nada, o pertencimento ao grupo de apoiadores de Jair Bolsonaro, tentando propor um trocadilho com o nome do candidato. Ou seja, um bordão típico que inclui o usuário em uma comunidade delimitada. Aparentemente, poderia ser encarada como uma proposta de distender as objeções aos posicionamentos e à atuação do então deputado, procurando fazer com que adversários aceitassem uma derrota eleitoral, até por que, na maioria das vezes, é dita tranquilamente, sem um discurso mais inflamado a acompanhá-la. Mas, em verdade, acaba por atizar resistências dado que a intenção é mostrar ao oponente linguístico que o radicalismo que impregna o discurso do capitão reformado está em vias de ser implementado de forma inexorável. Introduce de forma jocosa a normatização mais arbitrária. Ou seja, para aqueles que não estão no grupo e não compartilham das mesmas crenças, não haverá resistência possível a não ser a aceitação pura e simples, o que sempre será rechaçado pelo outro. É enfim, um combustível para que se alimentem as antipatias recíprocas e, mesmo deixando os ambientes conflagrados sob o ponto de vista da indisposição mútua, ainda sobra espaço para discussão.

A introdução de novos elementos, quaisquer que sejam, é, em si, desestabilizadora de antigas crenças depositadas no estoque de conhecimento pessoal de cada um. “Na atitude natural, eu só me torno consciente do tom deficiente do meu estoque de conhecimento se uma nova experiência não se encaixa no que era até o

momento válido dentro do esquema do mundo tomado como dado” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p.8, tradução minha)<sup>66</sup>.

Poderíamos dizer que, na situação face a face, dado o inusitado das ponderações do outro com quem interagimos, as tipificações exigem maior rapidez e, portanto, tornam-se pouco propícias ao aprofundamento reflexivo. Ainda que conserve muitas características similares às da oralidade, a interação mediada por dispositivos tecnológicos pressupõe a temporalidade atinente ao ordenamento cognitivo da escrita, tão bem relatado por Schütz (1973). Mesmo permeadas pela coloquialidade e pelo despojamento, essas mensagens vêm impregnadas de sentidos mais amplos, que colocam em perspectiva até mesmo os desideratos de cada indivíduo quanto aos destinos do país. Ao contrário do que se pode pensar, o conflito, então, deve ser entendido como fator que agrega ao todo, conforme vislumbrado por Georg Simmel (1983).

Volta-se, então, a discussão sobre a validade das esferas públicas em ambientes virtuais. Pressupor que nelas reinasse a civilidade é quase utópico, para não dizer ingênuo. As discussões aqui analisadas não parecem indicar que possa haver uma mudança considerável de opinião do posicionamento inicial de cada usuário após a leitura de comentários refratários. Mas muitos geram algum tipo de interpelação suficiente, no mínimo, para demonstrar as deficiências em estoques de conhecimento de outros, como é o caso, por exemplo, do seguinte, em referência a outras manifestações anteriores, de apoio a Bolsonaro:



**J.B.F.L.** Alguém pode nos apresentar as contribuições do parlamentar para o Estado que ele representa? Em 30 anos, o que ele fez pelo Rio? Por que não tentou ser prefeito da capital? Por que não foi governador? O Estado com os mais graves problemas de violência não mereceu uma parcela da contribuição daquele que afirma ser solução para os problemas do Brasil?

---

<sup>66</sup> “In natural attitude, I only become aware of the deficient tone of my stock of knowledge if a novel experience does not fit into what has up until now been taken as the taken-for-granted valid reference schema”.



### C.A. "Rio que ele representa"

Ele é governador do RIO? Prefeito?

Embora aí se revele um conflito, com posições diferentes, pelo simples fato de se proporem a comunicar e, de certa forma, buscar persuadir o outro com argumentos relativamente palpáveis, torna-se clara a intenção de se estabelecer uma ponte com o outro divergente, ainda que tentando mudar a opinião do interlocutor. A alteridade, ainda que eventualmente venha a ser objeto de desdém e ofensas, está ali preservada, pois a ela é dirigida atenção. Mais do que isso, há um esforço consciente que implica em compreender a mensagem codificada pelo outro, afastando-se, temporariamente, do seu pensamento inicial. Exercita-se uma plasticidade mental para a compreensão, por mínima que seja, do que é enunciado pelo outro. Antes de qualquer reação à ação inicial desencadeada pelo primeiro comentarista, há um momento de contemplação que os une em torno de uma temática comum. No exemplo em questão, é sintomático que o segundo enunciatador comece sua manifestação citando, entre aspas, uma frase do outro comentarista. Assim, para melhor expor sua posição, repisa a anterior, para rechaçá-la. “Ao nos dirigirmos um para o outro, ao ‘sintonizarmos’ um com o outro, compartilhamos *pelo menos* algumas significações (relevâncias) intrínsecas”, sintetiza Schütz (2012, p. 128).

A questão, reitera o autor, é que quanto maior o distanciamento, em termos de círculo social entre os dois interlocutores, haverá menos significações intrínsecas e mais significações, ou relevâncias, “impostas”, ou seja, que o outro aceita, mas para ele fazem pouco sentido, sem eco no seu repertório de interesses pessoal. Em um diálogo onde os partícipes situam-se socialmente distantes, com focos diversos, aumenta a espiral de significações impostas. Tal dinâmica implica em uma tentativa cada vez maior de se manter a comunicação e, acima de tudo, o controle sobre o outro<sup>67</sup>. Já previa Schütz, em meados do século XX, que

Sem dúvida, caracteriza nossa civilização moderna o aumento do anonimato recíproco dos parceiros de fala. (...) Diminuem nossas possibilidades de elegermos com quem vamos conviver no mundo social. Estamos potencialmente sujeitos ao controle remoto de todos. (SCHÜTZ, 2012, p. 128).

<sup>67</sup> Para Schütz, o poder revela-se como uma relação dinâmica entre as significações (relevâncias) intrínsecas e as impostas, como se sempre, em cada situação, o indivíduo fosse permanente instado a avaliar até onde pode fazer valer seu interesse pessoal frente ao que lhe é imposto.

Dispensável qualquer alusão à atualidade. Em um ambiente em que viceja o distanciamento social, a interação equilibra-se e mantém-se alicerçada em “significações impostas”. Imposturas – por vezes impostoras, como é o caso das *fake news* – como potência de interação, portanto.

Esse caráter híbrido do conflito como sociação, que envolve uma aparente contradição entre repulsa e aproximação, em uma luta que, em última instância, seria por controle e poder, é bem percebido por Jochen Dreher (2011), ao se propor estabelecer uma “fenomenologia do poder”, oscilando entre familiaridade e estranheza:

A perspectiva filosófico-antropológica parte, por sua vez, da ideia do “insondável” do homem, de uma compreensão de “poder para”, isto é: “o homem [...] se encontra a todo momento necessariamente na luta por poder, ou seja, no interior do conflito entre estranheza e familiaridade, dentro da tensão entre ser inimigo e amigo” (PLESSNER, 1981 [1931], p. 191). Visto dessa maneira, o ser humano se encontra continuamente à tarefa de definir cada tipo de sociação – relações amorosas, econômicas, de amizade – segundo os critérios de familiaridade e estranhamento. Um medo fundamental, próprio à constituição essencial da potencialidade do ser humano, pode ser notado participando do permanente processo de formação de horizontes de familiaridade. (DREHER, p.2, 2011)

Afirma o autor que a definição de poder não é algo dado, já que essa hipótese esbarra em uma abstração difícil de comprovar. Por esse viés, seria menos uma estrutura acabada do que algo que se configura a partir de cada relação. Para Dreher (2011), o poder é sempre relacional, ou seja, se constitui como uma vontade em relação a um outro, é sempre exercido em relação a alguém, variável de acordo com agentes e contextos, sem que um poder constituído ou socialmente afirmado se manifeste. Podemos dizer assim que o poder, de certa forma, obedece a mesma dinâmica da comunicação e, mais ainda, dos sites de redes sociais. A relação entre intento e desejo individual e a comunicação disso como meio para a uma realização coletiva, também, é bem explorada pelo autor ao citar Karl Mannheim:

Todo “saber sociológico, histórico e relativo a compreensões de mundo” se encontra, segundo Mannheim, “inserido em e carregado de um impulso por poder e validade de determinados grupos, os quais têm em vista fazer de sua interpretação de mundo particular a interpretação geral de mundo”. (DREHER, p.2, 2011)



De forma genérica, é isso que se constata nas opiniões verbalizadas nos comentários aqui analisados: fazer valer a visão do mundo individual de cada um sobre a dos demais. Enfim, um propósito inalcançável dada toda contingência que cerca o debate por meio de aparatos digitais. Volta-se às câmaras de eco e a dimensão das esferas públicas pós-modernas.

A questão das esferas públicas parece muito residir na expectativa feita ao projetá-las/ configurá-las. Parece que se espera, a todo o momento, o surgimento do modelo ideal, tal qual a ágora, de predomínio do debate argumentativo, embebido de democracia e civismo, com balizadores de erudição e civilidade, dentro de uma perspectiva crítica anteriormente formulada. A idealização nostálgica de tal pressuposto torna-o intangível. Confusão para os pesquisadores na identificação de novas microesferas públicas ao procurarem o ideal e nunca o identificarem. Criticismo utópico irrealizável. E a reflexividade crítica, levada ao extremo das suas pretensões, é paralisante, o que é reconhecido inclusive pelos críticos. Não há espaço para pensar e refletir profundamente sobre a existência e, de forma concomitante, participar do transcurso dos acontecimentos mundanos do dia a dia. Ao que parece, na contemporaneidade, a busca pela autodeterminação não depende apenas de uma atitude permanentemente crítica, embora dela não prescindia. É nos encontros e desencontros e nas pequenas realizações do cotidiano que a existência se desenvolve, colocando em posição central a comunicação.

A questão da crítica sobre os comentários on-line erra no seu princípio, dentro da ilusão de que, depois de algum tempo de conversação, as pessoas deveriam convergir em determinados temas, ou, ao menos, alcançar uma solução mínima ao problema em questão. Novamente, subestima-se o receptor, esperando que em uma conversa virtual ele vá rever os seus próprios conceitos, buscando um meio-termo opiniático com um outro anônimo desconhecido, em nome de uma polidez democrático-argumentativa que, no fundo, só atenderia o desejo do pesquisador de ver o modelo da ágora ateniense redivivo. Como nota Stromer-Galley (2007), parte-se de uma confusão preliminar entre a interação social por conversação, ou diálogo casual sobre política, e a deliberação, um processo onde os cidadãos se engajam com a “expressão de opinião racional sobre temas sociais ou políticos na tentativa de identificar soluções para um problema comum

e avaliar essas soluções” (Stromer-Galley, 2007, p. 3, tradução minha)<sup>68</sup>. Fica claro nas postagens aqui analisadas que, sob o ponto de vista prático, os problemas não exigem uma solução deliberativa, constituindo-se muito mais como simples discussão, sem qualquer avaliação sobre se uma dessas duas formas interacionais é mais ou menos importante do que a outra. Não demandam uma resposta a ser dada a partir de um consenso mínimo para que sejam solucionados. Especialmente nas questões morais, essa congruência em torno de uma visão minimamente única é impossível, exatamente pela tônica do espírito do tempo ser o inconciliável da diversidade de manifestações. Sob ponto de vista político, os assuntos ali expostos afastam-se cada vez mais da realidade pragmática do cidadão comum (tema a que se voltará nas considerações finais), e que, portanto, não requerem um posicionamento último dos usuários das redes, ainda que sua rebeldia, quando extravasada, possa provocar uma mudança nos rumos inicialmente traçados pelos políticos.

Outra alegação recorrente de alguns pesquisadores, dadas a incivilidade preponderante e a indisposição reinante, é a de que nas redes não há conversa – entre outros estudos o de Mitozo, Massuchin e Carvalho (2017) e o já citado de Recuero, Zago e Soares (2017). Mesmo se olharmos as definições rígidas da linguística ou da filosofia da linguagem, os diálogos interditos e anárquicos das redes atendem os requisitos do que se denomina “conversação”. Conforme Maruschi (2003), a conversação segue cinco características: interação entre pelo menos dois falantes; troca entre os falantes, ações coordenadas, interação centrada e execução em uma identidade temporal – elementos inegavelmente presentes, principalmente nos diálogos pelo Facebook.

Parece mais profícuo, então, concordar com Bernhard Rieder (2012). Como dito, para o autor “refração refere-se a uma troca singular de direção de uma onda atravessando uma superfície” (RIEDER, 2012, p.9)<sup>69</sup>. Após extensa análise em tweets de usuários franceses sobre três temas específicos (terremoto no Japão em 2011, prisão do estilista John Galliano por discurso antissemita, e a Lei Hadopi, contra pirataria na internet na França), o autor chega a conclusão que “os tweets com mais sucesso são frequentemente aqueles que adicionam um ‘twist’ no tópico em questão e os fazem mudar de direção, de forma a causar uma refração” (RIEDER, 2012, p.9, tradução

---

<sup>68</sup> “engage in reasoned opinion expression. On a social or political issue in an attempt to identify solutions to a common problem and to evaluate those solutions.”

<sup>69</sup> “(...) refraction refers to a singular change in direction for a wave passing through a surface”

minha)<sup>70</sup>. A refração seria, assim, uma demonstração de força dos usuários frente ao que lhes é imposto, dado o poder de perverter as mensagens originais, seja pela oposição sistemática, ou pela ironia, exatamente como na amostragem aqui elencada no capítulo anterior. Esse parâmetro abala a crença difundida de que as esferas virtuais são meras bolhas ou câmaras de eco e rediscute a difusão da informação em rede. “Ao invés de simplesmente estarem expostos a pessoas com mentalidade semelhante, deve-se considerar que os usuários são a força motriz por trás da produção de valores e entendimentos compartilhados” (RIEDER, 2012, p. 14, tradução minha)<sup>71</sup>. Conclui o autor: “Mais do que apenas seguir estímulos de posicionamentos similares aos seus que resultam em uma seleção enviesada de fontes, a refração sugere que a comunalidade (das redes) é resultado do trabalho em diferentes níveis, mais um produto do que um *effet pervers*” (RIEDER, 2012, p. 14, tradução minha)<sup>72</sup>. Impossível haver maior identidade do que aqui ficou demonstrado. Tal assunção não significa a negação da existência de bolhas ideológicas e das *echo chambers*. Existem e se manifestam de diferentes formas nas redes sociais. A questão é que, em determinados espaços, como são aqueles reservados à discussão de notícias, ainda que também fique evidente a polarização existente, os dois lados interagem (sem avaliar o mérito da qualidade dessa interação) e se posicionam basicamente a partir de um comentário refratário em relação ao tom original do conteúdo jornalístico a que estão expostos. Surgem embates infundáveis que, se só reinasse o eco, não existiriam. Assim, percebe-se novamente o caráter benfazejo da refração como forma de conflito discursivo.

### 4.3 Debates, identidade e socialidade contemporâneas

Ainda que conflitantes e antagônicos, os comentários diários cotidianos constituem uma mesma totalidade e uma preocupação comum, no caso, o futuro do país. De certa maneira, reproduz-se agora o que se passou há duzentos anos, na década de 1820, quando da incerteza sobre a permanência da família real no país, no processo

---

<sup>70</sup> “The most successful tweets are most often those that add a ‘twist’ to the topic and ‘spin’ it in a certain way, that refract it.”

<sup>71</sup> “Instead of merely being exposed to like-mindedness, we consider that the users are the driving force behind the production of shared values and understandings”

<sup>72</sup> “More than just following homophilic “urges” that result in biased source selection (*i.e.*, who to follow), refraction suggests that commonality is the result of labor on different levels and a *product* rather than an *effet pervers*.”

desencadeou a independência brasileira de Portugal, e nos quais os diferentes grupos políticos atiraram-se à tipografia com panfletos para mobilizar a opinião pública. É semelhante também ao momento de expansão do rádio e da televisão, entre as décadas de 1930 e 1950 do século XX, sobre o qual Jacques Wainberg observa que naquele "novo contexto de redes sofisticadas que se interligam, os brasileiros têm o que partilhar. O objeto do Brasil tornou-se o Brasil" (WAINBERG, 2001; p.14). Tal inclinação propiciaria, segundo ao autor, primeiro uma valorização da cultura nacional e, posteriormente, durante a Ditadura Militar, a elaboração de um projeto nacional soberano calcado na interligação por redes.

Guardadas as proporções, a introdução de novas tecnologias, antes pelo rádio e a TV, e agora em suporte virtual, compartilham um impulso do público/ usuários no sentido discutir aspectos fulcrais da sociedade, começando pela política e aguçando-se com temas morais/ identitários. “De nossa identidade falamos sempre que dizemos quem somos e quem queríamos ser. E neste conceito que elaboramos a respeito de nós mesmos se entrecruzam elementos descritivos e valorativos”, vaticinava Jürgen Habermas (1989, p.115). Ou seja, a cada fala em site de rede social, narcisicamente orientados (a começar pelo próprio nome, Facebook), falamos de nós próprios e da visão do mundo que gostaríamos ver realizada. Prosseguia o autor dizendo que “A forma que alcançamos devido a nossa biografia, a história de nosso meio, do povo, não pode separar-se da descrição de nossa identidade e da imagem que oferecemos a nós mesmos e aos demais e pela qual queremos ser julgados, considerados e reconhecidos” (HABERMAS, 1989, p. 115). Seguindo-se essa concepção, as redes conforme o que aqui foi captado, são máquinas (re)produtoras de identidades.

Ainda que os clássicos da sociologia brasileira apresentem concepções que não abarcam a contemporaneidade, uma discussão sobre o que foi dito torna-se importante. Como mencionado, a percepção sobre o país tem sido preocupação de pesquisadores desde o século XIX, passando por Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, os clássicos Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Esses últimos, frequentemente são menosprezados como anacrônicos ou em perspectivas como a aquela apresentada por Jessé de Souza (2015).

Em comum, e superficialmente, os autores têm o esforço da formulação de uma identidade fundadora do caráter nacional baseado na formação histórica no país, tentando associá-la a um único elemento justificativo. Em que pese seu alcance e

relevância para todas as Ciências Sociais brasileiras, não contemplam uma realidade multifacetada que se segue à época de produção de suas obras. Como pontua Stuart Hall, o discurso da cultura nacional “constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro” (HALL, 2003, p.56). Ele se equilibra entre a tentação por retornar “a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade” (HALL, 2003, p.56). Reconhecia o autor, no entanto, em 1992, “que identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2003, p.8). Em crise há pelo menos três décadas, o abalo das identidades nacionais repercute nas identidades individuais, estas também fragmentárias, mas que anseiam o retorno de um equilíbrio, mesmo que seja por meio do conflito.

Houve, também, uma cristalização das ideias desses antigos intelectuais em torno da socialidade do brasileiro, como se pudesse ser reunida em rótulos de palavras. Exemplar é o caso das impressões de Stefan Zweig sobre o brasileiro e o Brasil, onde haveria “a total ausência de qualquer hostilidade na vida pública e na privada”. Percepção de um estrangeiro que se amalgamou em nossa autorrepresentação: “O Brasil olhou-se no espelho de Zweig e gostou-se”, sintetiza Juremir Machado da Silva (1996, p. 99). Tanto que distorceu uma das principais formulações de Sérgio Buarque de Holanda, a do “homem cordial”, que em sua interpretação primeira, confunde-se um pouco com a visão do romancista austríaco.

Difundiu-se, largamente, inclusive em alguns meios acadêmicos, uma definição equivocada desse epíteto, assemelhada àquela preconizada por Zweig, de que o brasileiro seria pacífico nas relações sociais e, isso, um fator de diferenciação em relação às demais nacionalidades. Um equívoco interpretativo que o autor tratou de esclarecer em nota de rodapé na segunda edição de *Raízes do Brasil*, segundo o qual a cordialidade não abrange “(...) apenas e obrigatoriamente sentimentos positivos e de *concordia*. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (HOLANDA, p. 205, 1995). Ou, como explica Antonio Candido no prefácio da obra: “O homem cordial não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas. [...] O homem cordial é visceralmente inadequado às relações impessoais” (CANDIDO, 1995, p. 17). A explicação se dá já pela raiz etimológica do termo cordial, derivado do latim *cor*, relativo a coração. Assim, o brasileiro estaria tendendo à emoção passional, para o

bem e o mal, amor ou ódio, em detrimento à norma e à hierarquia que são necessárias a uma ordem coletiva satisfatoriamente estruturada. O Estado e outras instituições sociais seriam, sempre, preteridas em relação aos grupos primários das relações afetivas, evidenciando-se a predominância do emocional e do arbítrio sobre o racional e o institucionalizado. Como essa acepção se espalhou de modo tão diferente à concepção original, senão oposta, àquela pensada por Buarque de Holanda é motivo para investigação específica mais aprofundada. É o caso da teoria que acabou engolfada e deturpada pelo fenômeno que buscava explicar: a sociedade brasileira, com a convivência acadêmica, cordialmente alterou o sentido do “homem cordial” traçado pelo autor.

Ainda que a obra de Sérgio Buarque de Holanda seja hoje propícia à relativização, pois “Qualquer caracterização tipológica sobre a identidade tomba no erro” (SILVA, 1996, p. 50), mantém passagens atuais, a ilustrarem a realidade das redes. Já na década de 1930, em lugar do social, a socialidade, ou em detrimento das estruturas, o convívio. Para Buarque de Holanda, no homem cordial, “a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo” (HOLANDA, 1995, p. 147). E a face do convívio com os outros, periférica em outras culturas, no Brasil “tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros” (HOLANDA, 1995, p. 147). Seguindo essa ideia de um povo mais afeito aos afetos do que às normas, as redes sociais são, pois, pela configuração das conexões que nelas se estabelecem, e a despeito do caráter caótico que prevalece, um meio propício a uma busca por um certo ordenamento social, lastreado, sobretudo, nas contendas diárias, nas emoções mais atávicas, do ódio ao amor.

Um outro caminho explicativo seria, ao invés da explicação por meio da identidade nacional, optar-se por uma análise emocional de grupos e suas manifestações. Bar-Tal, Halperin e de Rivera (2007) falam em sociedades, países e civilizações emocionalmente orientados. Citam como exemplo um grupo de esquimós Utku que suprimiu a raiva do seu dia a dia ou os japoneses, inventores da *amae*, que seria a necessidade de ser amado. Essas emoções orientadas seriam, pois, criadas de acordo com o contexto de cada sociedade. Sucintamente, um ambiente com maior difusão de emoções negativas teria, por conseguinte, maior propensão a gerar conflitos insuperáveis. Tal viés também parece pouco apropriado para o Brasil de 2018. Após a instabilidade vivida nos últimos cinco anos, seria desejável que aqui reinasse uma

estabilidade social? Ou, novamente, é só a partir do conflito que esta pode ser alcançada?

É, aliás, justo nos nesses últimos anos que se desfaz um “regime da alegria”, segundo João Freire Filho iniciado em 1930, desde quando a “A *alegria* se consolidou, em síntese, como um componente marcante e tenaz da *brasilidade*” (FREIRE FILHO, 2015, p. 406). Com a difusão das redes e especialmente sob o espectro das Jornadas de Junho de 2013, segundo o autor, há a formulação de um novo modelo, também agenciado pela mídia, escritores e jornalistas, calcado no “ressentimento”, que seria, de acordo com o autor, “‘uma paixão social’ ou um ‘sentimento moral’ associado tanto ao sofrimento de uma ofensa ou de uma punição considerada imerecida quanto à observação do sucesso e do *status* superior alcançados por outrem, sem o devido mérito” (FREIRE FILHO, 2015, p. 413). Enfim, novamente, esbarra-se com a instrumentalização da moral.

A presença insidiosa desse tipo de expediente de agenciamento com intuito moralista nas postagens aqui analisadas não deveria surpreender. Ao fazer a arqueologia das esferas públicas, Jürgen Habermas nota que em seu (res)surgimento, no século XVIII, “a opinião pública quer racionalizar a política em nome da moral” (HABERMAS, 1984, p. 126), e o que no tempo de Aristóteles poderia ser considerada uma filosofia política, reaparece com novo nome, de Filosofia Moral. Assim, para Kant e os enciclopedistas, o meio de conversão do absolutismo ao esclarecimento é a “verdade”, só alcançável pela promoção de uma esfera pública, com liberdade para o cidadão comum opinar. “Por isso é que a ‘publicidade’ [publicística] em Kant deve ser considerada como aquele princípio único a garantir o acordo da política com a moral” (HABERMAS, 1984, p., p. 128). Dessa forma, a política só é moralmente justa se a transparência da esfera opiniática for estendida ao público. “Cada um está convocado a ser um ‘publicador’ que ‘fala através de textos ao público propriamente dito, ou seja, ao mundo’ ” (HABERMAS, 1984, p. 130)<sup>73</sup>. Há, pois, uma relação estreita entre liberdade de publicação e moral, andando e influenciando-se mutuamente. Em última instância, a política só seria legítima se embasada no poder translúcido da opinião pública – desnecessário lembrar como, ao longo dos últimos três séculos, essa correlação foi constantemente desvirtuada.

---

<sup>73</sup> Por essa única premissa proposta por Kant e enaltecida por Habermas e por Benjamin, segundo a qual o ideal de esfera pública é que todos se tornem emissores/ autores, é possível dizer que as que aqui estão em questão, as esferas virtuais, tidas por muitos como simulacros, em verdade podem ser consideradas mais verdadeiras que as originalmente concebidas como tal.

Para uma definição mais precisa de moral, ou moralidade, novamente recorremos ao Construcionismo Social: “Considero moralidade um conjunto de noções razoavelmente coerente sobre o que é certo ou errado, para além das pressões da situação corrente e acima da gratificação imediata dos desejos do indivíduo” (LUCKMANN, 1997, p.2, tradução minha)<sup>74</sup>. Essa noção não é elaborada unicamente de forma subjetiva, tampouco está fixa na estrutura social, mas formula-se sempre a partir de interações, dada que se constrói, também, como herança cultural, transmitida em processos comunicacionais. Mais uma vez, comunicação e moral andam juntas: se para Kant e Habermas a política é concebida pela moral que envolve a comunicação do Estado com os indivíduos, para Luckmann, a moral só é transmitida pela comunicação, de forma interativa. Dessa forma, evidencia-se que as redes sociais, como forma comunicacional de muitos para muitos, nascem sob o viés da moral, ou, caso esta seja tematizada, moralizante e até moralista.

Ao se perceber, então, essa correlação entre comunicação e moralidade, confluída no anseio social por temas morais, pode-se instrumentalizá-la com vistas a um agenciamento do público. Explora-se o viés refratário das redes para semear o inconciliável, sobre o qual não se alcançará consenso mínimo jamais: o que é certo ou errado em termos comportamentais. Antagonismos a mancheia, na amostragem aqui contemplada, sobram exemplos. É a atuação do MBL no *Queermuseu*, ou as inúmeras falas e posicionamentos de Jair Bolsonaro trazidas como constantes polêmicas.

Não é manifestação recente. As “guerras culturais”, na denominação de James Hunter (1991), são notadas desde o fim da década de 1980 nos Estados Unidos (EUA) neste formato que coloca na berlinda dos embates discursivos temas comportamentais, opondo “progressistas” e “conservadores”, naquele país em polarização entre os eleitores dos partidos Democrata e Republicano. Revelam, principalmente, um mal-estar com o multiculturalismo promovido em escala mundial e a fragmentação identitária com o incremento no reconhecimento de minorias.

Manuel Castells constata, com a capilaridade da sociedade em rede mundialmente estabelecida, que a pluralidade de identidades múltiplas “é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social” (CASTELLS, 1999, p.22). Ressalvava o autor que apesar de ser construída por meio de processo

---

<sup>74</sup> “I consider morality as a reasonably coherent set of notions of what is right and what is wrong, beyond the pulls and pushes of the current situation and above the immediate gratification of one’s desires”.



individual, podem ser formadas “a partir de instituições dominantes” (CASTELLS, 1999, p.23), desde o que por elas proposto venha a ser internalizado pelo indivíduo. Ou seja, por esse viés e retomando a terminologia schutziana, a identidade pode ser construída a partir de relevâncias impostas, de modo que essas encontrem algum eco nas relevâncias intrínsecas de cada indivíduo. Novamente, é uma dinâmica propícia a estabelecer uma relação de poder. Segundo Castells (1999), há três formas de se construir identidades: legitimadora (pelas instituições dominantes, como forma de ampliar a dominação); de resistência (alentada por atores em condições desvalorizadas ou estigmatizadas); de projeto (construção de uma nova identidade, como seria o caso de parcela do movimento feminista, não só mais interessado nos direitos da mulher, mas em uma profunda mudança social mais ampla). Neste último exemplo, podemos incluir uma parte da sociedade brasileira que propõe um revisionismo histórico em relação à Ditadura Militar e, com base na nostalgia de outros tempos, restabeleça uma estrutura social vigente há 50 anos, como em parte retratado por Laranjeira, Musse e Silva (2018), sobre as mudanças culturais, políticas e sociais, principalmente a partir de 1968. Reação e ressentimento, enfim, ao que vem sendo classificado de pós-moderno, mais fortemente desde a década de 1970, época que privilegia e enfatiza a volta “da ambiguidade e a da complexidade como elementos fundadores da natureza humana” (MAFFESOLI, 2012, p. 6).

Berger e Luckmann (2004) lembram que contra a alardeada “decadência da cultura”, em outros momentos históricos de crise de sentido, foram tentados remédios diversos, desde “o rearmamento moral do indivíduo até a transformação revolucionária de todo o sistema político e econômico” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 75). Os efeitos sociais foram perversos ou infrutíferos nas sociedades onde ocorreram tais tentativas. No Brasil contemporâneo, portanto, presenciamos uma proposição de redução ao absurdo de se conciliar o irreconciliável como forma de manutenção da atenção do público, uma aposta no caos como oportunidade de administrá-lo a partir de propostas lineares, unívocas, devotas da explicação única e simplista de combate a todas as “formas do irreduzível”.

A união de anseio de mudança social (política) com refração e temática morais-comportamentais desencobre-se com o auxílio da difusão tecnológica. Emergem como dados propícios a uma codificação seletiva, seguindo os passos da Teoria Fundamentada. As redes sociais oferecem uma base empírica inestimável para que se

confronte a atualidade contemporânea com autores clássicos e, partindo de novas descobertas, desvaneça-se uma realidade social construída e compartilhada diariamente por milhões de brasileiros em ambiente virtual. A tecnologia mais difundida e o domínio de um meio são sempre reveladores de um certo viés em uma civilização, já que não se fala mais em identidade, de uma forma totalizante, como antes. “A longa caminhada do Brasil em direção a si próprio foi realizada também graças a essas tecnologias (da comunicação)”, recorda-nos Wainberg (2001, p.15). E continua sendo, como pudemos constatar. Como se, todos os dias, nos milhares, talvez milhões de comentários que são despejados nas redes, o brasileiro buscasse responder a bravata do dramaturgo Nelson Rodrigues (1997, 30): “O Brasil precisa ser feito e nós não o fazemos”.

Tal como mostrou Harold Innis (2011), ainda que de uma forma bastante tecnicista, o desenvolvimento de uma técnica em determinada cultura é essencialmente ligado ao ciclo econômico dominante naquela sociedade. E a economia é, como ressaltaram os Estudos Culturais, e também Manuel Castells (2012), uma prática cultural. Sob essa perspectiva e, de forma acabada, a tecnologia é a projeção materializada de uma cultura, a partir de uma base econômica, com um fim utilitário, que transcende socialmente essa sua designação precípua. Em 1992, percebia Gilles Deleuze (1992, p. 221), que “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las”. Percepção convergente com a de Jean Baudrillard (1996, p.117): “O que engendramos na forma de produção não é senão a imagem de nós próprios”. Mais do que isso, ao assumirem uma identidade de uma época, transfiguram-se em novos produtos. “Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo” (DELEUZE, 1992, p.221). Eis, então, o verdadeiro poder da tecnologia, condensar o inapreensível. Como sintetiza Juremir Machado da Silva (2012, p.43): “As tecnologias do imaginário cristalizam no reservatório semântico a superfície da novidade, dando profundidade ao que se apresentou, um dia, como efêmero. Transformam o ar do tempo em corrente de uma época, dando consistência ao etéreo”.

Aparatos tecnológicos, tomados em conjunto com a cultura que os gera, são, portanto, reveladores de circunstâncias às vezes obscurecidas. “Cada tecnologia cria o seu imaginário, sua mitologia, sua necessidade e seus defensores. A característica

principal das tecnologias mais revolucionárias é se imprimir no imaginário social como incontornáveis”, nota Machado da Silva (2013/ p.54), ao abordar o trabalho de Innis.

Coube à nossa época uma tecnologia de promoção da conexão absoluta, em mais de um aparato, e que, pela amostra aqui exposta, tende à refração. Mas tal comportamento do usuário não é, por certo, determinado pela técnica. Num sistema de relevâncias como é aquele disposto com o auxílio de algoritmos, o refratário sobressai. Ao diferenciar o laço social da modernidade à contemporaneidade, Silva (2012) explica a transposição e, em parte, seu fascínio sedutor:

Na abstração racional, o contraditório deve ser expurgado. No concreto das práticas cotidianas, o paradoxo alimenta os imaginários. Em cada personagem, convivem o sim e o não, o bem e o mal, a verdade e a ilusão, a ideologia e a cultura, a compreensão e a explicação, o afeto e a desrazão. Tudo isso necessita ser compreendido em situações sociais de colaboração e de conflito. (SILVA, 2012, p. 21)

As redes sociais são, portanto, as tecnologias onde se irrigam os imaginários movidos a paradoxos e conflitos como elementos colaborativos que são. Os comentários funcionam como um aposto de um oposto, se isso é possível. Tudo é questão de complementariedade na esfera virtual. Oferecem, enfim, a potencialidade necessária para que se abalem os estoques de conhecimento individuais, diluindo-se nas teias do coletivo. Premências de incontinências (verbais) que (re)significam o ordinário do cotidiano socialmente (compartilhado).

## CONSIDERAÇÕES

*A crença democrática é a crença no homem comum... é a crença na capacidade de todas as pessoas para dirigir sua própria vida*

John Dewey

*O homem, “o ser negativo que é apenas na medida em que suprime o ser”, é idêntico ao tempo. A apropriação pelo homem de sua própria natureza é também sua apropriação do desenrolar do universo.*

Guy Debord

A imagem que inicia este trabalho também principia seu encerramento. Torna-se novamente válida pelo caráter atemporal de significação que carrega. A metáfora de Jean Baudrillard (1990) oferece múltiplas interpretações. A mais rápida remete a uma passividade anestesiada do receptor, disposto a desdenhar uma luta, na greve, por uma tela de TV fora do ar. Em um exame mais detalhado, abrem-se outros significados. Voltemos a sua versão literal: “A imagem do homem sentado, contemplando, num dia de greve, sua tela de televisão vazia, constituirá no futuro uma das mais belas imagens da antropologia do século XX” (BAUDRILLARD, 1990, p. 19).

Ante duas imposições ideológicas, a do movimento sindical em greve (sendo o autor já cético em relação a alguma vitória desse ativismo no fim do século XX) e a despejada pelo conteúdo televisivo (“um entre outros mecanismos de construção do simulacro do real em que estamos mergulhados. Não cabe exagerar os seus poderes”, BAUDRILLARD, 2013), o trabalhador-telespectador vislumbra como resistência última o desengajamento total. Para o autor, entre a luta trabalhista inútil e o vazio de conteúdos em tela, vence o homem, que preenche a consciência com seu próprio esvaziamento, dando a palavra final sobre a opacidade que o cerca. Astúcia do receptor que acaba “verificando que toda essa comunicação é no fundo apenas um enredo forçado, uma ficção ininterrupta que nos supre o vazio, o da tela quanto o da nossa própria tela mental, da qual espreitamos as imagens com igual fascinação” (BAUDRILLARD, 1990, p. 19). Sabedoria de quem, ante a suposta dominação da mídia, oferece a própria passividade como ironia, inarredável (do sofá) e mais profícua

como rebeldia possível em uma era extrema. “O telespectador, refratário à mensagem, neutraliza a televisão pela inércia” (BAUDRILLARD, 2013). Note-se o termo empregado pelo autor “*refratário à mensagem*”. Frente à imposição de relevâncias pelo movimento trabalhista e pelas emissoras de raios catódicos, oferece a sua relevância intrínseca mais inamovível.

Vencida a televisão e ante os expedientes que lhe impõe as novas tecnologias, o receptor não sai do sofá para dar a sua resposta ou, no máximo, vai até a cadeira (em casa, no trabalho ou no bar). Interpelado pela técnica e os ardis dos algoritmos, interpela à exaustão. Coagido, constrangido e impelido pela onipresença tecnológica a lhe interpelar, torna-se mestre dela e domestica-a pelo psitacismo, pela eloquência e pela ironia, sempre manifesta em constantes “kkkkkkk” e “hehhehe”, memes, GIFs ou emoticons. Se não alcança a autodeterminação ou a consciência crítica com profundidade de conteúdo e a polidez de linguagem pretendidos pelo paradigma da razão moderna, promove a transfiguração possível pela forma (comunicacional). É ciente de que clareza argumentativa e esclarecimento talvez pouco importem na situação quase extrema, ambiente tautista, a qual se contrapõe. Mantém todas as suas possibilidades de autodeterminação, adequado ao espírito do tempo, envolto pela cibercultura, cujo prefixo “ciber” deriva do grego *Κυβερ*, autogoverno.

Novamente pode-se obstar a crítica de que o saldo social das manifestações nas redes é mínimo. Mas, outra vez, deve-se enaltecer a astúcia do receptor, dentro de uma trajetória já conhecida, no mínimo, desde a década de 1980, onde é possível dizer que as “massas” encontram os “usuários” de redes sociais:

Simmel dizia: “A negação é o que há de mais simples. É por isso que as grandes massas, cujos elementos não conseguem pôr-se de acordo quanto a um objetivo, nela se encontram”. É inútil pedir às massas sua opinião positiva ou sua vontade crítica, porque elas não têm: só tem a vontade indiferenciada, uma força de rejeição. Sua força está no que expulsam, no que negam e, antes de tudo, em qualquer projeto que as supere, qualquer classe ou inteligência que as transcenda (BAUDRILLARD, 1990, p. 80)

Tal comportamento, ao invés de denotar ignorância, revela os ardis do conhecimento popular, comum. Ante às vicissitudes tecnológicas, o público preserva seu instinto intuitivo mais primevo. Prossegue o autor:

Há aí algo de uma filosofia matreira, proveniente da experiência mais feroz, a dos animais e dos camponeses: não vamos mais cair nessa, no golpe do sacrifício e do futuro feliz. Aversão profunda à ordem política (que pode muito bem coexistir com a tal opinião política). Aversão à pretensão e à transcendência do poder, à fatalidade e à abominação do político. Se houve paixões políticas, há hoje uma violência própria da aversão fundamental pelo político (BAUDRILLARD, 1990, p. 80-81)

Nada tão atual. A transcendência do homem pelo que a técnica lhe impõe o empodera a desdenhar instâncias antes sacralizadas. Volta-se contra o político. Sai das redes e encontra as ruas em junho de 2013. “Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente”, nos relembra Manuel Castells (2013, p.178). A frase mais ouvida, à época das manifestações: “xxx não me representa”. No posfácio da edição brasileira de seu *Redes de indignação e esperança*, escrito em julho de 2013, o autor demonstrava crença na resposta a ser dada pelos governantes no país, que se mostravam sensíveis aos pleitos das ruas, e transbordava otimismo para o desfecho dos episódios, dizendo que talvez o “o Brasil lidere a reconciliação de sociedade e política no âmbito mundial” (CASTELLS, 2013, p. 182).

A aversão ao político, como bem notado por Baudrillard, não é manifestação nova. “A transfiguração do político completa-se quando a ambiência emocional toma o lugar da argumentação ou quando o sentimento substitui a convicção” (MAFFESOLI, 2005, p. 115). Esse emocional não significa simpatia ou antipatia pelo candidato A ou B, pelo partido X ou Y. Essa mudança estrutural na política indicaria muito mais uma tendência de rearranjo comunitário, mais propício a uma existência comum compartilhada em detrimento ao racionalismo institucional, mais enraizada na pragmática do cotidiano do que no etéreo das utopias, manifestação orgânica do subterrâneo do social que, em parte, se mostra nas redes.

A democracia especializou-se em ponderar equilíbrios entre visões de mundo opostas. Quando se passa a discutir moral, desloca-se o debate público, não só nas redes, para outro plano, sucedâneo deliberativo que, a pretexto de discutir modos de vida e valores morais que os cercam, afastam do foco as resoluções pragmáticas da subsistência diária em que a população é dependente do Estado.

Na maior parte das postagens de política aqui coletadas ao longo desta tese, falava-se de Jair Bolsonaro e, com ele, um viés comportamental embutido. As redes já repercutiam a fusão de refração, com política e moral, o que, de certo modo, estava

consubstanciado na figura de Jair Bolsonaro há décadas. Percepção da campanha vitoriosa nas urnas com as alterações mais profundas na estrutura política consagrada mais visível, no mínimo, desde junho de 2013. Para fins político-eleitorais, apropriação do emocional que invariavelmente se desencadeia quando os temas em questão envolvem aspectos morais sobre a contemporaneidade. Deslocamento discursivo com anuência do público, rebelado contra o que ainda merece estudo mais profundo. Politicamente, é uma “atitude fundamentalista”, na definição de Peter Berger e Thomas Luckmann, que pretende “reconquistar a sociedade toda para valores e tradições antigos. Os políticos tentaram sempre de novo explorar para seus objetivos emoções ligadas a essa atitude” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.79). Os autores lembram, como um alerta, que nos países ocidentais, tal modelo não obteve êxito, em que um caso exemplar foi o primeiro-ministro britânico John Major, do Partido Conservador, com a defesa de seus *basic values* e que acabou sendo sucedido por governos do Partido Trabalhista por 13 anos.

Em verdade, a real motivação geradora da centralidade da identidade nos debates não é completamente sabida e seus desdobramentos, ainda mais desconhecidos.

\*

Há um tipo de comentário que só aparece uma vez nas três semanas que serviram de base empírica deste trabalho: o refratário casual. Essa menção solitária não a torna menos importante: está lá a lembrar que o conflito também obedece ao acaso e pode estar presente até em uma discussão sobre cafezinho, ou “open bar” de café, como foi o caso. É o exemplo comprobatório de que o acesso à massa se dá pelo indivíduo e vice-versa, seguindo-se a lógica construcionista. Esse caminho teórico-metodológico mostrou-se profícuo em revelar, em última instância, a determinação existencial do homem no seu contexto, em como ele se apropria do mundo e como é apropriado por este, nascendo dessa relação dialética o desenrolar dos acontecimentos.

A massa, os públicos, os grupos, as tribos ou que outro nome se queira dar ao que se convencionou chamar, nas teorias da comunicação, de “receptor”, sempre se manifesta. Seja pela negação, seja pela neutralização promovida pela hipereposição, à despeito de todas as tentativas de manipulação e instrumentalizações agenciadas. “Quando tudo é social, súbito nada mais o é” (BAUDRILLARD, 2005, p. 24). Em breve, talvez, os vitupérios e a beligerância das esferas públicas digitais já não sejam

mais lembrados e o foco, então, transmute-se em outro sintoma social, inicialmente polêmico e assombroso para, pela deterioração temporal, tornar-se domesticado. Irão se tornar documentos históricos tais quais os panfletos e os pasquins no Brasil do século XIX. Registros e rastros do que Maffesoli (2012) chama de “remitualização da cultura”, ou seja, de que as redes sociais ocupam hoje o lugar dos mitos nas sociedades arcaicas, da formação do gregarismo pela narrativa, do laço pela comunicação como cimento social.

Como dito na introdução, foi feito aqui um recorte mínimo do que se mostra pelas redes. Muitas são as outras formas daí derivadas a serem exploradas. Dentre todas as possíveis, uma das mais evidentes é a da transfiguração do jornalismo por meio das redes. É sintomático, por exemplo, que as categorias aqui formuladas sejam diferentes das tradicionais editorias jornalísticas, distanciando-se de um modelo consagrado desde meados do século XX. Outra possibilidade investigativa é uma ênfase ainda maior dos usuários das redes que se embrenham nos comentários on-line. Seguir, de forma longitudinal, suas participações nas esferas públicas virtuais e, em entrevistas biográficas com os próprios, para desvelar mais sobre todo o fenômeno. Ainda uma alternativa seria tomar-se a lógica inversa, vasculhando as postagens pouco comentadas para daí extrair o que há de significativo nesses nichos ainda mais marginais da internet.

Uma perspectiva construcionista-contemporânea nos levou a resultados que, de certa forma, assemelham-se e são corroborados pelas urnas, tendência perceptível já desde a primeira coleta, como se os desenrolar dos fatos político-eleitorais viesse confirmar o que estava contido nos comentários entretendidos das redes. Substratos pouco abstratos de extravasamentos da “realidade”, de cada um e de todos, e prontos a se expressarem no mundo virtual. *Virtus* como potência que se cristaliza, nos casos aqui expostos, pela refração.



## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1981.

ANSELMINO, Natalia Raimondo; BERTONE, Mauro. Redes Sociales en Internet: Aproximaciones a la relación de dos diarios argentinos en línea con Facebook y Twitter. **Brazilian Journalism Research**. V. 9, nº 2, p- 88-110, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 7ª edição, 1995.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAR TAL, Daniel; HALPERIN, Eran; DE RIVERA, Joseph. Collective Emotions in Conflict Situations: Societal Implications. **Journal of Social Issues**, 63, p. 441-460, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Esquecer Foucault**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Crime Perfeito**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

\_\_\_\_\_. **Tela Total: mito ironias na era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. Baudrillard e o Virtual. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2013/05/4104/entrevistas-marcantes-baudrillard-e-o-virtual>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Textos de Walter Benjamin**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

\_\_\_\_\_. On Language as such and on the Language of Man. IN: BENJAMIN, W. **Selected Writings vol. 11, 1913-1926**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1997.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade – Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERTAUX, Daniel. A vingança do curso de ação contra a ilusão cientificista. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. 250-271, mai-ago 2014.

BILINTON, Ricardo. **Why some publishers are killing their comment sections**. Disponível em: <https://digiday.com/media/comments-sections/>. Acesso em: 09/11/2017.

BUENO, Thaisa Cristina. **Para que servem os comentários de leitores na internet? Estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo**. TESE (Doutorado em Comunicação). 265f. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1980.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. CARAÇA, João; CARDOSO, Gustavo (Eds.). **Aftermath: The culture of the economic crisis**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CHARMAZ, Kathy. **A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHEN, Cheng; WU, Kui; SRINIVASAN, Venkatesh; ZHANG, Xudong. **Battling the Internet Water Army: Detection of Hidden Paid Posters**. arXiv:1111.4297v1 [cs.SI] 2011. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1111.4297>. Acesso em: 09 nov. 2017.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. A construção social da realidade e o jornalismo como profissão especializada. IN: CUNHA, Isabel Ferin; CABRERA, Ana; SOUSA, Jorge Pedro (Orgs.). **Pesquisa em Media e Jornalismo – Homenagem a Nelson Traquina**. Covilhã: Livros LabCom, 2012.

DALPIAZ, Jamile. **Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do The Guardian**. Tese (Doutorado em comunicação). 202 f. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

DASCAL, Marcelo. **Interpretation and Understanding**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

\_\_\_\_\_. Types of polemics and types of polemical moves. In S. Cmejrkova, J. Hoffmannova, O. Mullerova, and J. Svetla, **Dialogue Analysis VI (= Proceedings of the 6th Conference, Prague 1996)**, vol. 1. Tübingen: Max Niemeyer, 15-33, 1998. Disponível em <http://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/pregue.htm#exc> , acesso em 15 de maio de 2016.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. **Conversações: 1972,1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p.219-226.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Ed. Parma, 1983.

DOMINGO, D; QUANDT, T; HEINONRN, A; PAULUSSEN, S; SINGER, J; VUJNOVIC, M. Participatory journalism practices in the media and beyond: an international comparative study of initiatives in online newspapers. **Journalism Practice**, v. 2, n. 3, p. 680-704, 2008.

DREHER, Jochen. Fenomenologia do Poder. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 3. p. 479-490, set-dez de 2011.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentación**. Cali: Universidad del valle, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Dizer e o Dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FLAXMAN, S.; GOEL, S.; RAO, J. Ideological Segregation and the Effects of Social Media on News Consumption. In: **SSRN Scholarly Paper** ID 2363701. New York, 2016. Disponível em: [https://bfj.uchicago.edu/sites/default/files/research/flaxman\\_goel\\_rao\\_onlinenews.pdf](https://bfj.uchicago.edu/sites/default/files/research/flaxman_goel_rao_onlinenews.pdf). Acesso em: 24 ago. de 2017.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FREIRE FILHO, João. Era Uma Vez o país da alegria: mídia, estados de ânimo e identidade nacional. **Intexto**, Porto Alegre, nº 34, p. 401-420, set.-dez. 2015.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Sobre Simmel e a Guerra: escritos na imprensa alemã. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set-dez. 2016.

GARRETT, R. Kelly. Echo chambers online?: Politically motivated selective exposure among Internet users. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 2009, v. 14, p. 1'265-285.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L.. **The Discovery of Grounded Theory: strategies of qualitative research**. New Jersey: Aldine Transaction, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. **Direito e Democracia**: entre facticidade e validade. Vol II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. **Communication Theory**, vol. 16, nº 4, November – 2006, p. 411-426.

\_\_\_\_\_. **Identities Nacionales e Postnacionales**. Madri: Editorial Tecnos, 1989.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: Fragoso, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HASAN, Ruqaiya. **The texture of a text**. In Haliday, M.A.K.; HASAN, R. Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HUNTER, James. **Cultural Wars: the struggle to define America**. Nova York: Basic Books, 1991.

INNIS, Harold. **O Viés da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KANT, Immanuel. **O Conflito das Faculdades**. Covilhã: Lusosofia, 2008. Disponível em: [https://www.lusosofia.net/textos/kant\\_immanuel\\_conflito\\_das\\_faculdades.pdf](https://www.lusosofia.net/textos/kant_immanuel_conflito_das_faculdades.pdf). Acesso em: 9 de nov. de 2017.

KIELING, Camila. Contribuições da Sociologia Fenomenológica de Alfred Schutz para a Comunicação. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 18, n. 1, 2014.

LARANGEIRA, Álvaro Nunes. **A Mídia e o Regime Militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_; MUSSE, Christina; SILVA, Juremir Machado da. (Orgs.). **1968: jornalismo imaginário e memória**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: UFBA, 2012.

LELO, Thales Vilelo; CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Alfred Schütz e a Comunicação: Contribuições Epistemológicas e Conceituais para o Estudo das Interações Sociais. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2013.

LUCKMANN, Thomas. The Moral Order of Modern Societies, Moral Communication and Indirect Moralising. **Public Lectures**, Budapest, Vol. 17, apr. 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo Retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Conhecimento Comum**: compêndio Sociologia Compreensiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso Fundador**: A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A conversação informal na internet: condições interacionais e contribuições para uma análise qualitativa. In: BRAGA, José Luiz; In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 315-340.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MARUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

McLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional/ Edusp. 1972.

MITOZO, Isabelle Batista; MASSUCHIN, Michelle Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassanade. Debate Político-Eleitoral no Facebook: os comentários do público em posts jornalísticos na eleição presidencial de 2014. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. 23, nº 2, mai./ago., 2017.

MÜLLER, Angelo; PETRIK, Manuel. Normatização, grupo e ódio: dinâmica de comentários em redes sociais. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 112-122, dez. 2016.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PETRIK, Manuel. **O Duelo Verbal: um estudo sobre o polemista no jornalismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 122f. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais – Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Contemporânea**, v.10, n.3, p.618-641, set-dez 2012.

NATANSON, Maurice. Introducción. In: SCHÜTZ, Maurice. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

RECUERO, Raquel. SILVA, Pricilla. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da Fanpage “Diva Depressão”. **Revista Galáxia**, v.13, nº 26, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478>. Acesso em: 5 mai. 2016.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe Bonow. Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas do Twitter. In: **XXVI Encontro Anual da Compós**, junho de 2017. Anais.

RECUERO, Raquel. Social Media and Symbolic Violence. **Social Media + Society**, v. 1, p. 1-10, 2015.

. **A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet** – Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIEDER, Bernhard. The refraction chamber: Twitter as sphere and network. **First Monday**, Vol. 17, n. 11, nov. 2012.

RODRIGUES, Nelson. **Flor de Obsessão**: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa Social Interpretativa**: uma introdução. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

\_\_\_\_\_. **As Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. O Instituto da Universidade de Moscou e os estudos soviéticos de jornalismo nos anos 1920: projeto científico inacabado. **E-Compós**, Brasília, v. 19, p. 1-20, 2016.

SANTOS, Hermílio. Ação, relevância e interpretação subjetiva. Recife: **Estudos de Sociologia**, UFPE, v. 1, 2012.

SCHÜTZ, Alfred. **A Construção Significativa do Mundo Social**: uma introdução à sociologia compreensiva. Petrópolis: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estudios sobre teoría social – Escritos II**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

\_\_\_\_\_; LUCKMANN, Thomas. **Structures of Life-World**. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012

\_\_\_\_\_. Suportes da Comunicação: entre Meio e Poder. **Matrizes**, São Paulo, Ano 7 – nº 1, p. 47-57, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Anjos da Perdição**: futuro e presente na cultura brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.



\_\_\_\_\_. **Diferença e Descobrimento. O que é Imaginário?** (A hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do Conflito. In: Moraes Filho, Evaristo de. **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira - ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: Leya, 2015.

STETS, Jan E.; TURNER, Jonathan H.. The Sociology of Emotions IN: LEWIS; M. Haviland-Jones, J. BARRETT, L. F. (eds.). **Handbook of Emotions**. Nova York: The Guilford Press, 2010. P.32-46.

SUNSTEIN, Cass. **Echo Chambers: Bush v. Gore, impeachment and beyond**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um País do Futuro**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

VIANNA, Hélio. **D. Pedro I, Jornalista**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

YARDI, Sarita.; BOYD, Dannah.. Dynamic Debates: An Analysis of Group Polarization over Time on Twitter. **Bulletin of Science, Technology & Society**, vol. 30, n. 5, 316-327, 2010. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/2010/BSTS-TwitterPolarization.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

WAINBERG, Jacques A.. **Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica: telecomunicação e o Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

\_\_\_\_\_. **Línguas Ferinas: um estudo sobre a polêmica e os polemistas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

\_\_\_\_\_. A comunicação dissidente e os atos que falam. **Revista Famecos** (Porto Alegre), v. 24, n. 1, 2017.

\_\_\_\_\_ ; CAMPOS, Jorge ; BEHS, E.. Polemista, o personagem esquecido do jornalismo. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XXV, n. 1, p. 47-68, 2002.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Comunicação Política e Emoções Coletivas: Lula e os procuradores**. Porto Alegre: Edipucrs, 2017

## ANEXOS

Exemplos de links de postagens coletadas, em um dia de cada semana, de cada veículo:

### Folha de São Paulo

Quarta-feira, 4 de outubro de 2017:

O sábado foi especialmente bom para Luciano Huck e Angélica – 123 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043130299062296>. Acesso em: 5 out. 2017.

Debatedores divergem sobre taxa para coleta de lixo – 87 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043153239060002>. Acesso em: 5 out. 2017.

Câmara aprova perdão de dívidas tributárias de igrejas – 1.097 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043165542392105>. Acesso em: 5 out. 2017.

Embrião dos evangélicos, Reforma Protestante completa 500 anos – 167 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043189249056401>. Acesso em: 5 out. 2017.

Congresso dos EUA já derrubou mais de 100 projetos sobre restrição de armas – 174 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043210702387589>. Acesso em: 5 out. 2017.

Casal de Minas cria gaiola sobre skate para doenças degenerativas – 27 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043232352385424>. Acesso em: 5 out. 2017.

Receita – Torta de mandacaru, de Sergipe – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043251905716802>. Acesso em: 5 out. 2017.

Até os cheiros ocupam espaço em apartamentos minúsculos – 13 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043275939047732>. Acesso em: 5 out. 2017.

Empresa fará edifício todo de madeira certificada em SP – 31 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/204329645237901>. Acesso em: 5 out. 2017.

Filme “Mãe!” impressiona pela falta de originalidade de Darren Aronofsky – 266 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043320962376563>. Acesso em: 5 out. 2017.

Opinião - Bozo e Xuxa Reinaram em um tempo em que ninguém enxergava erotização na programação infantil – 526 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043338939041432>. Acesso em: 5 out. 2017.

GM e Ford anunciam expansão de produção de carros elétricos – 20 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043359989039327>. Acesso em: 5 out. 2017.

Quase 30% das compras no mercado vão para o lixo – 12 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043400752368584>. Acesso em: 5 out. 2017.

“Árvore que chora” mesmo em dias de seca intriga pedestres em Vila Mariana – 21 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043415062367153>. Acesso em: 5 out. 2017.

MBL trabalha para Doria disputar eleição em 2018, dizem líderes em troca de mensagens com apoiadores – 184 comentários. Disponível em <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043433672365292>. Acesso em: 5 out. 2017.

Desenvolvimento sustentável deve ser pensado como um meio de vida, diz Marina Silva – 197 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043461785695814>. Acesso em: 5 out. 2017.

Senado aprova cláusula de barreira e fim das coligações – 18 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043475345694458>. Acesso em: 5 out. 2017.

Trio vende Nobel de Química por novo método de visualizar biomoléculas – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043497302358929>. Acesso em: 5 out. 2017.

Plebiscito “informal” busca “independência” dos três estados do Sul – 181 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043504982358161>. Edição impressa – 14 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043520405689952:0>. Acesso em: 5 out. 2017.

Bolsonaro cogita se filiar a partido de citado no mensalão em vez de nanico – 247 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043530642355595>. Acesso em: 5 out. 2017.

Tucanos querem saída definitiva de Aécio da presidência do PSDB -111 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043553592353300>. Acesso em: 5 out. 2017.

Advogado vai ao STF defender candidatura sem partido – 68 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043573275684665>. Acesso em: 5 out. 2017.

Presidente do STF janta com mulheres “poderosas” do Judiciário – 58 comentários Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043594742349185>. Acesso em: 5 out. 2017.

Fala de general sobre intervenção e reação de Temer expõem renascimento da desordem – 228 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043607292347930>. Acesso em: 5 out. 2017.

Estuprador ajudava família de menino deixado com ele em uma cela no Piauí – 2.373 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043633029012023>. Acesso em: 5 out. 2017.

Museu d’Orsay, em Paris, retoma Campanha “Tragam seus filhos pra ver gente nua” – 981 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043674972341162>. Acesso em: 5 out. 2017.

Previc decreta intervenção no fundo Postalís por 180 dias – 81 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043714945670498>. Acesso em: 5 out. 2017.

Com seguranças mulheres e guerra na internet, seguidores preparam visita de Bolsonaro a Belém – 367 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043739399001386>. Acesso em: 5 out. 2017.

Justiça afasta pais do menino deixado dentro de cela – 108 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043773452331314>. Acesso em: 5 out. 2017.

Filhas de Madonna aparecem em vídeo cantando funk “olha a explosão”, hit de Mc Kevinho – 65 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043796675662325>. Acesso em: 5 out. 2017.

PF desmonta extração ilegal de madeira em terra indígena que causou dano ambiental – 28 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043814292327230>. Acesso em: 5 out. 2017.

Desabafo de ex-“MasterChef” sobre programa viraliza: “Não dê ouvidos aos que querem matar seus sonhos” – 35 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043827098992616>. Acesso em: 5 out. 2017.

Promotoria convoca equipe de Dória para explicar ação na Cracolândia – 44 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043840272324632>. Acesso em: 5 out. 2017.

Ministro da Justiça quer mudar classificação indicativa no país – 49 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043851268990199>. Acesso em: 5 out. 2017.

Presos em túnel que levava a R\$ 1 bi podem ter punição leve e sem cadeia – 83 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043863002322359>. Acesso em: 5 out. 2017.

Eunício diz que Senado pode rever decisão se STF mantiver Aécio afastado – 48 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043883815653611>. Acesso em: 5 out. 2017.

Ação judicial de PMs barra ideia de Doria de Chamar Civil Metropolitana de “polícia” – 119 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043894775652515>. Acesso em: 5 out. 2017.

Assessor do planalto e novo relator aderem ao novo Refis – 55 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043930002315659>. Acesso em: 5 out. 2017.

Promoção do nu para torna-lo normal é até mais maligno que a pedofilia – Olavo de Carvalho – 376 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043939402314719>. Acesso em: 5 out. 2017.

INSS inicia concessão de aposentadoria por telefone; Veja como funciona – 11 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043962325645760>. Acesso em: 5 out. 2017.

Cesare Battisti é retido na fronteira do Brasil com a Bolívia -111 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043974055644587>. Acesso em: 5 out. 2017.

Em São Paulo, Obama se encontrará com 11 jovens líderes – 38 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2043999875642005>. Acesso em: 5 out. 2017.

Diplomata que criticou Temer é removido de consulado em Nova York – 38 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044010842307575>. Acesso em: 5 out. 2017.

A moda agora é dizer que desigualdade social não tem tanta importância – Marcelo Coelho - 119 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044021875639805>. Acesso em: 5 out. 2017.

Sky persegue ex-cliente com dezenas de ligações por dia, afirma leitor – 36 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044038945638098>. Acesso em: 5 out. 2017.

Presidente do BNDES diz que Juros no Brasil são “pornografia econômica” – 56 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044049438970382>. Acesso em: 5 out. 2017.

Débora Nascimento e José Loreto e anunciam gravidez de uma menina – 95 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044064135635579>. Acesso em: 5 out. 2017.

Museu de Arte do Rio critica Crivella por veto à mostra Queermuseu – 202 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044105812298078>. Acesso em: 5 out. 2017.

Advogado de Temer entrega defesa à Câmara e diz que Janot tentou golpe – 246 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044118488963477>. Acesso em: 5 out. 2017.

“As pessoas acham que você sempre deve satisfação”, diz Sasha Meneghel sobre a fama – 84 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044144515627541>. Acesso em: 5 out. 2017.

Atual sistema tributário brasileiro é injustiça brutal, diz especialista – 20 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044160245625968>. Acesso em: 5 out. 2017.

Justiça pede ação por danos sociais contra Crefisa por cobrança de juros altos – 36 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044172145624778>. Acesso em: 5 out. 2017.

Temer enfrenta protesto de sem-teto em visita a São Paulo – 113 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044185352290124>. Acesso em: 5 out. 2017.

Senado promulga PEC que acaba com coligações partidárias e cria cláusula de barreira contra nanicos – 16 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044200252288634>

“Nunca deixei que um homem me mandasse calar a boca”, diz Fernanda Lima – 248 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044213582287301>. Acesso em: 5 out. 2017.

Defesa de Temer compara Janot a “pistoleiro” de conduta “ilegal e imoral” – 99 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044230445618948>. Acesso em: 5 out. 2017.

Novo fone de ouvido do Google consegue fazer tradução simultânea – 106 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044250945616898>. Acesso em: 5 out. 2017.

Senado aprova proposta de Temer que garante foro a Moreira Franco – 123 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044306085611384>. Acesso em: 5 out. 2017.

STF decide que Lei da Ficha Limpa vale para condenados antes de 2010 – 137 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044372922271367>. Acesso em: 5 out. 2017.

Jogo de loteria poderá ser feito pela internet por todos os apostadores – 231 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044429682265691>. Acesso em: 5 out. 2017.

Câmara aprova pacote que libera telemarketing eleitoral e propaganda paga na internet – 351 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044444595597533>. Acesso em: 5 out. 2017.

Tribunal vê risco de prejuízo e manda parar licitação de varrição de Dória – 31 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044469335595059>. Acesso em: 5 out. 2017.

Vídeo sobre acampamento base monte everest – 20 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/204410512563148>. Acesso em: 5 out. 2017.

Grupo da China faz proposta e metrô de SP prevê retomar linha das universidades – 31 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044491348926191>. Acesso em: 5 out. 2017.

Casal é condenado à prisão por matar e esquartejar zelador em São Paulo – 20 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044509002257759>. Acesso em: 5 out. 2017.

CCJ do Senado aprova projeto que possibilita demissão de servidores – 99 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044519832256676>. Acesso em: 5 out. 2017.

Fundo com recurso público com R\$ 2 bi é aprovado na Câmara (urgente) – 1.750 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044527215589271>. Acesso em: 5 out. 2017.



Gestante ganha chá de fraldas em ônibus e viraliza nas redes sociais – 31 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044557642252895>. Acesso em: 5 out. 2017.

Aposta do interior de São Paulo ganha R\$ 54 milhões na Mega Sena – 55 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044569122251747>. Acesso em: 5 out. 2017.

Pré-candidato, Dória vê privatizações de São Paulo como exemplo ao Brasil – 88 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044584155583577>. Acesso em: 5 out. 2017.

Após veto de Crivella, Parque Lage tenta levar Queermuseu para o Rio - 81 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044601438915182>. Acesso em: 5 out. 2017.

No dia dos Animais, tutores buscam São Francisco por bênção e até para achar cão sumido – 5 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044613095580683>. Acesso em: 5 out. 2017.

Descubra como surgiu a mania do pé na pia, que conquistou Anita e Evaristo Costa – 118 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044626592246000>. Acesso em: 5 out. 2017.

Tragédia à americana – 40 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044639178911408>. Acesso em: 5 out. 2017.

Luciano Huck tem que agradecer a Deus e a Tiazinha, diz Suzana Alves – 72 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2044651645576828>. Acesso em: 5 out. 2017.

## El País

Quarta-feira, 24 de maio de 2018:

Morre Philipp Roth, gigante literário norte-americano, aos 85 anos – 22. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1816700801723195>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Galeria de fotos: a vida em imagens de Philip Roth, gigante literário norte-americano – 4 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1816734075053201Z>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Zuckerberg pede perdão ao Parlamento Europeu pelo escândalo do vazamento de dados – 6 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1816485255078083>. Acesso em: 24 mai. 2018. Ivi Herzog: “O Brasil insiste em virar a página da Ditadura, mas sem escrevê-la antes” – 26 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817002391693036>. Acesso em: 24 mai. 2018. Abuso de antibióticos em animais ameaça milhões de pessoas – 60 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1816280075098601>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Força aérea israelense anuncia estreia global do caça F-35 em combate – 50 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817054435021165>. Acesso em: 24 mai. 2018.

O vilarejo espanhol que diz ter inventado a Coca-Cola – 1 comentário. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817138821679393>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Prestes a ser preso, Eduardo Azeredo não se apresenta e é considerado foragido – 18 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817173958342546> . Acesso em: 24 mai. 2018.

“Não faz sentido privatizar as elétricas para acabar nas mãos de estatais estrangeiras” – 51 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817201921673083>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Trump esfria possibilidade que cúpula coma Coreia do Norte aconteça – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817185911674684>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Tudo indica que a regulação da maconha funciona em larga escala – 23 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1816274908432451>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Última hora – Eduardo Azeredo se entrega à polícia – 11 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817346914991917>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Cinco Romance imprescindíveis de Philip Roth – 9 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817346914991917>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Kin Jon-un prepara fechamento do centro nuclear, apesar das dúvidas sobre cúpula – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817389828320959>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Acesso universal à energia: muito mais que eletricidade – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817430138316928>. Acesso em: 24 mai. 2018.

As convocações das principais seleções para a Copa do Mundo – 3 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817437234982885>. Acesso em: 24 mai. 2018.

O trem expresso que renasceu na Turquia graças ao Instagram – 8 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817452471648028>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Juíza proíbe Trump de bloquear quem o critica no Twitter – 24. comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817567808303161>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Caos no Recife: “Levamos uma hora num percurso de 4 minutos” – 77 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817620561631219>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Greve dos caminhoneiros afeta de voos ao pão e obriga Petrobras a ceder – 138 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1817661078293834>. Acesso em: 24 mai. 2018.

## O Estado de São Paulo

Segunda-feira, 20 de agosto de 2018:

Ataque a tiros a lava-jato deixa um morto e um ferido na zona oeste do Rio – 12 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720016388013406>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Fernando Paixão dá a receita de como escrever bem – 13 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2719944814687230>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Espanha: o lado tropical de Westeros – 6 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720052128009832>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Reportagem diz que assessor da Casa Branca coopera com investigações sobre ingerência russa – 55 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2719734774708234>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Mudança climática é ameaça à biodiversidade”, diz botânico – 42 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2719139698101075>. Acesso em: 21 ago. 2018.

“Eu não deixo a vida me levar, eu deixo a vida me atropelar”, diz Faustão – 25 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720085268006518>. Acesso em: 21 ago. 2018.

PSB em minas pede a impugnação da candidatura de Marcio Lacerda nas eleições 2018 – 9 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720082718006773>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Venezuela abrirá 300 casas de câmbio para tentar conter o mercado paralelo – 68 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720092241339154>. Acesso em: 21 ago. 2018.

CAPA: Total de inadimplentes no Brasil equivale a uma Itália – 67 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720896094592102:1>. Acesso em: 21 ago. 2018.

EDITORIAL: Nada de novo – 225 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/estadao/posts/2720903954591316>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Câmara dos Deputados gasta R\$ 15,7 milhões para manter frota de veículos – 77 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720912374590474>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Bancadas do lobby tentam reeleição – 231 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720916364590075>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Brasil tem uma Itália de inadimplentes – 330 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720917544589957>. Acesso em: 21 ago. 2018.

A vez em que Kofi Annan foi confundido com Morgan Freeman – 17 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720921851256193>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Foto de Capa: Rio – 15 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721027087912336>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Após a aposentadoria, Joanna Maranhão analisa o futuro: “Estou desempregada” – 117 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720925001255878>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Haddad diz que segundo turno entre PT e PSDB depende de Alckmin se distanciar de Temer – 463 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720932381255140>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Deixar de pagar a água e a luz deixa “estratégia” – 93 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720938564587855>. Acesso em: 21 ago. 2018.

“Vai ser a eleição do celular contra a televisão”, diz analista eleitoral – 120 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720943381254040>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Podcast: “Adversários ainda não sabem como desconstruir Jair Bolsonaro” – 1.078 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720953024586409>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Medidas de maduro devem acelerar hiperinflação na Venezuela – 196 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720974247917620>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Após jejum de 4 anos, governo vai comprara R\$ 100 milhões em livros de literatura – 130 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2720998737915171>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Clima segue tenso na fronteira após ataques a venezuelanos – 189 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721188804562831>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Asia Argento fez acordo após ser acusada de assediar menor de idade – 263 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721102667904778>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Papa Francisco condena “com força” as atrocidades cometidas pelos padres pedófilos nos EUA – 59 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721222951226083>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Torcedores elegem as 20 camisas mais bonitas do mundo – 122 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721273974554314>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Desequilíbrio entre estados aumenta no Congresso – 18 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721033521245026>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Intervenção: operação conjunta no Alemão, na Penha e na Maré deixa 5 mortos – 68 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721540601194318>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Governo Alemão declara que não tem pouso de emergência para pousos alienígenas – 187 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721458674535844>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Veja quanto se gasta para fazer compras na Venezuela – 527 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721517844529927>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FHC: “Bolsonaro assusta” – 1.042 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721328331215545> – 1.042. Acesso em: 21 ago. 2018.

Japão expulsa jogadores dos jogos asiáticos por saírem com prostitutas – 72 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721614844520227>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Fechamento da fronteira é ilegal e “impensável”, afirma general Etchegoyen – 205 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721653527849692>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Drama de refugiados ganha atenção de revista de moda de luxo – 21 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721677157847329>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Com 41 mil casos, Europa registra proliferação de sarampo, diz OMS – 91 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721705034511208> - 91

Roraima faz novo pedido ao STF para conter fluxo migratório de venezuelanos – 107 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721834761164902>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Moro condena ex-vice-presidente da câmara a seis anos de prisão por lavagem de dinheiro – 115 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721780051170373>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Presidente do TSE, Rosa Weber, critica baixa representação feminina na política – 133 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721788314502880>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Netflix começa a testar anúncios de programas em meio a episódios – 122 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721831834498528>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Filha de Eduardo Cunha pede inegibilidade de Dilma – 542 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2721996567815388>. Acesso em: 21 ago. 2018.

PT usará aval da ONU para tentar ter Lula nos debates, diz Haddad – 1.024 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722019791146399>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Estadão às 5H: Roraima pede ao STF fechamento da fronteira com a Venezuela – 1.086 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/videos/1920964911537811/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Lula está inelegível, diz vice-procurador geral eleitoral ao TSE – 530 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722042511144127>. Acesso em: 21 ago. 2018.

“Excesso de malignidade levou o país á calamidade”, diz Marina, em resposta a FHC – 494 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722065727808472>. Acesso em: 21 ago. 2018.

CRBu fará diversas atividades com All Blacks Maori no Brasil – 6 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722106394471072>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Gilmar nega prisão domiciliar para Sérgio Cabral – 201 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722187591129619> . Acesso em: 21 ago. 2018.

MP eleitoral impugna candidatura de Garotinho ao governo do Rio – 134 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722190224462689>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Bolsonaro lidera corrida presidencial com 20%, diz Ibope – 1.527 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722258307789214>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Ibope aponta empate técnico entre Doria e Skaf em São Paulo – 298 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722263211122057>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Homem cai em fosso de obra de arte que parecida pintura no chão – 1.129 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722161667798878>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Em São Paulo, Suplicy lidera corrida ao Senado nas eleições 2018 – 1.234 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722388164442895>. Acesso em: 21 ago. 2018.

“Não há modo de ficar milionário que não seja roubando”, diz Pedro Cardoso – 1.668 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722192044462507>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Corrida no Rio tem empate entre Romário, Paes e garotinho, diz Ibope – 359 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722428497772195>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Bolsonaro tem maior rejeição entre candidatos com 37%, diz Ibope – 1.934 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722500604431651>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Eagles supera Michael Jackson e tem o álbum mais vendido da história – 35 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722474537767591>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Jucá propõe suspensão da entrada de venezuelanos, governo vê assunto com dificuldade – 78 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722463794435332>. Acesso em: 21 ago. 2018.

As montadoras não querem que as pessoas comprem sedãs – 33 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722296681118710>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Estudante de Medicina é violentada e morta na fronteira como o Paraguai – 153 comentários. Disponível em:



<https://www.facebook.com/estadao/posts/2722346631113715>. Acesso em: 21 ago. 2018.

União gastou R\$ 602 mi em julho para cobrir calote de governos estaduais – 38 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/estadao/posts/2721953834486328>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Jornais italianos avaliam estreia de CR7: “descobriu que não é espanhol” – 12 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/estadao/posts/2722694771078901>. Acesso em: 21 ago. 2018.

YouTube enfrenta indústria da venda de falsas visualizações – 21 comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/2722716981076680>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Entre lágrimas, famílias separadas pela guerra da Coreia se reencontram após mais de seis décadas – 16 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/estadao/posts/2721989411149437>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Irmã de Marielle pede proteção ao Estado – 614 comentários. Disponível em:

<https://www.facebook.com/estadao/posts/2722477664433945>. Acesso em: 21 ago. 2018.